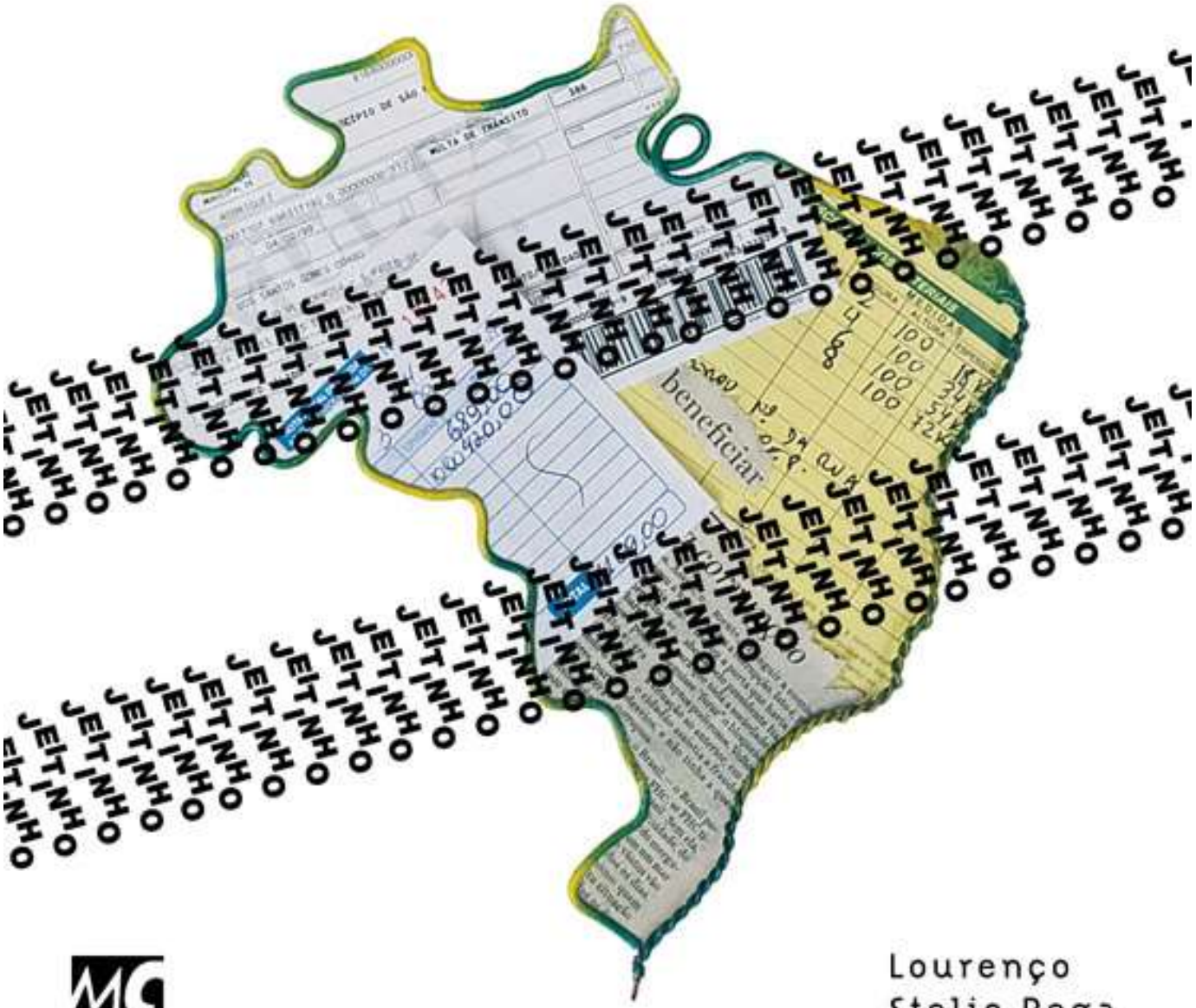
Dando um jeito no Jeitinho

Como ser ético sem deixar de ser brasileiro



Lourenço Stelio Rega

Dando um jeito no jeitinho

DANDO UM JEITO NO JEITINHO

COMO SER ÉTICO SEM DEIXAR DE SER BRASILEIRO

LOURENÇO STELIO REGA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rega, Lourenço Stelio
Dando um jeito no jeitinho: Como ser ético sem deixar de ser brasileiro / Lourenço Stelio Rega. – São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

Bibliografia
ISBN 85–7325–205–7

1. Características nacionais brasileiras – Aspectos morais e éticos 2. Conduta de vida 3. Cultura Brasil – Aspectos morais e éticos 4. Solução de problemas – Aspectos morais e éticos I. Título. II. Título: Como ser ético sem deixar de ser brasileiro.

99–5059 CDD–177

Índice para catálogo sistemático:
1. Jeitinho brasileiro: Ética 177
2. Igreja: Usos e costumes: Aceitação: Cristianismo 261.1

Copyright © 2000 por Lourenço Stelio Rega
Publicado pela Associação Religiosa Editora Mundo Cristão

Capa:
Alex Mazzini

Foto de Capa:
Luciano Perez Rodrigues

Revisão:
Silvia A. T. Justino

1a. edição brasileira:
Fevereiro de 2000

Editoração:
Sonia P. Sprogis Peticov

Impressão:
OESP Gráfica S/A

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados pela
ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA
EDITORA MUNDO CRISTÃO

Caixa Postal 21.257
CEP 04602-970 - São Paulo - SP

sumário

Apresentação 7

Prefácio
Como começou este livro 11

Introdução
1. Vamos começar a viagem 17

Parte Um – O Brasil do jeitinho
1. O que se sabe sobre o jeitinho 23
2. Entendendo o Brasil do jeito 27
3. Podemos continuar? 39

Parte Dois – O jeitinho brasileiro
4. Definindo o jeito 47
5. Introdução ao estudo do jeitinho 51
6. O jeito cria hábitos 57

Parte Três – O lado positivo do jeito
7. Inventividade e criatividade 65
8. A função solidária do jeito 69
9. O lado conciliador do jeito 71

Parte Quatro –O lado negativo do jeito
10. Um meio ilícito de resolver problemas 77
11. O jeito é individualista 81
12. O jeito só pensa no agora 83
13. O jeito e a corrupção 85

Parte Cinco – Dificuldades éticas
14. O jeito e a inconsistência das leis 95
15. A institucionalização do jeito 103
16. A economia informal ou o jeitinho brasileiro de sobreviver à crise econômica 113
17. O jeito é mais prático que teórico 123

Parte Seis – Como sobreviver no país do jeitinho?
18. A igreja pode fazer alguma coisa? 131
19. Um modelo cristão de conduta ética para o jeito 143

Parte Sete – O papel do cristão na sociedade do jeito
20. Então, como devo viver? 171
21. O cristão e as autoridades 177
22. Um estudo de caso 183

Parte Oito – Conclusões
23. Dando um jeito no jeitinho 193
24. O Brasil do jeito ainda tem jeito? 201

Apêndice
Qual foi o ponto de referência? 205

Notas 219

Bibliografia 229

Agradecimentos 237

Posfácio 239

Sobre o autor 243

apresentação

O jeito, ou jeitinho brasileiro, é a imposição do conveniente sobre o certo. É o pragmatismo tupiniquim: se dá certo é certo, sendo que "dar certo" equivale a "resolver meu problema", ainda que provisoriamente.

O brasileiro, em geral, dá jeito em tudo. Há a famosa "gambiarra": improviso técnico. Arame, por exemplo, resolve qualquer coisa: "é melhor enganchar o pára-lama do que soldá-lo"; "é melhor bloquear a torneira que pinga do que trocar o courinho"; "é melhor amarrar o pé da mesa do que substituir os parafusos", pensam os reis do improviso.

Na dimensão social, quando entram em cena as relações humanas, a capacidade de dar jeito chega ao seu ápice. Notadamente nas relações desiguais que envolvem o cidadão e a lei, ou suas autoridades correspondentes.

Para vender o carro no valor desejado, é bom pedir um pouquinho mais, já que a pechincha é certa. Embutir os juros no

valor das "prestações fixas" é outra prática que quase ninguém mais reclama. "Dar um por fora" ou "molhar a mão" é linguagem corrente tanto para manter aquele comprador fiel quanto para escapar da multa na estrada. A "mentira branca" também vale: quem perde prova escolar por descuido ou se atrasa pela segunda vez na semana tem razão de sobra para matar a vó, ainda que pela quinta vez. Há também o "jeitinho com nota ou sem nota"; esse economiza uma "nota".

Convenhamos que essa criatividade toda não chega a afetar o PIB nem a distribuição de renda no país. Até então, os jeitinhos não trazem conseqüências tão drásticas. Ou pelo menos são coisas que afetam somente o dono do jeito. Exceto quando a mesa despenca na cabeça de uma criança ou a omissão do guarda resulta em mais três vítimas fatais na BR 116.

Mas há o dilema ético do imposto, com implicações mais sérias. Conheço duas posturas cristãs nesse assunto: o sonegador culpado e o pagador revoltado. Isto é, ou o sujeito paga por questão de consciência mas se julga um trouxa por entregar tanto dinheiro na mão de um sócio irresponsável e desonesto. Ou sonega, por razões quase óbvias, e racionaliza sua culpa com argumentos questionáveis. Os que pagam numa boa e os que sonegam sem culpa são exceção à regra.

Diante de tudo isso, lanço no ar algumas perguntas. Você acha que se sujeitar a uma reserva de mercado que beneficia meia dúzia é mais correto do que trazer um contrabandozinho? Você acha que obedecer à política de remuneração do SUS é mais correto do que "dar um por fora" para o doutor que operou seu filho? Você acha que mandar 400 funcionários embora é mais correto do que sonegar mais um pouco do imposto devido? Você acha que perder o emprego é mais correto do que forjar um atestado médico?

Em outras palavras. Você acha mesmo errado comprar um microcomputador sem nota? Você acha mesmo errado que um mé-

dico se recuse a ganhar menos por uma consulta do que um sujeito cobra para trocar um chuveiro? Você acha mesmo errado sonegar imposto para manter uma empresa de pé? Você acha mesmo errado contar uma mentirinha que não prejudica ninguém para poder continuar empregado?

A discussão que se segue, neste extraordinário, ousado e bíblico texto do mestre Lourenço Stelio Rega visa não somente apontar caminhos para a identificação do que convém e do que é certo, mas principalmente do que é cristão. Tenho a grata satisfação de recomendar a leitura deste texto do Lourenço, não só porque é meu amigo pessoal, mas especialmente porque tem a coragem de não apenas lançar perguntas no ar, mas também respondê-las com a Bíblia na mão.

Seja Deus tão gracioso com o leitor de Dando um Jeito no Jeitinho quanto o foi com seu autor.

Ed René Kivitz, São Paulo, Brasil.
Pastor da Igreja Batista de Água Branca e
Professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

prefácio

COMO COMEÇOU ESTE LIVRO

Um livro fechado é apenas um bloco de papel.

Provérbio Chinês

Este livro, revisto e atualizado, é fruto de minha Dissertação de Mestrado em Teologia, com especialização em Ética, defendida em 9 de junho de 1992, na Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

O tema jeitinho brasileiro começou a germinar há muito tempo, quando exercia, na juventude, a profissão contábil e tinha de confrontar com a fé cristã inúmeros procedimentos técnicos reconhecidos como "normais". "Ah! Dá um jeitinho", diziam os clientes. Com o passar dos anos, percebi que o "jeitinho" não era só um "privilégio" dos contabilistas, mas era a moeda corrente para se conseguir transitar no cotidiano da vida de quase todo brasileiro.

No decorrer dos estudos teológicos, por influência do Dr. Thurmon Earl Bryant, meu interesse se direcionou para a Ética Cristã. Novamente eu precisava encontrar respostas para o jeitinho brasileiro.

No exercício de minha atividade como teólogo e pastor, diversas pessoas têm-me procurado para orientar-se na busca de alterna-

tivas de sobrevivência nesta sociedade do jeito. Um dos casos mais marcantes ocorreu quando fui procurado por dois engenheiros e um gerente de uma empresa que, por cerca de duas horas, argumentaram no intuito de chegar a uma só resposta para a pergunta "como ser empresário no Brasil e cristão ao mesmo tempo?"

Outro caso marcante ocorreu quando fui prelecionar sobre ética a um grupo de empresários e profissionais liberais na Igreja Batista da Borda do Campo, em Rudge Ramos, São Bernardo do Campo. Um dos presentes insistia na resposta à pergunta: "Como posso ser auditor interno de uma grande empresa e cristão ao mesmo tempo?"

Confesso que nessas duas ocasiões não consegui dar respostas satisfatórias. Mas foi o estopim para este livro.

Tenho de admitir que o povo brasileiro tem-se mostrado desejoso de novos tempos. Uma pesquisa realizada pela revista Veja no apagar das luzes de 1995, e publicada em 10 de janeiro de 1996, envolvendo 2.000 pessoas em 25 estados brasileiros, revelou que aquele povo que um dia considerou e enalteceu a malandragem como uma de suas boas qualidades, agora elegeu o trabalho e o esforço como uma de suas características principais.

Após análise dos resultados da pesquisa a revista concluiu que o povo brasileiro é um povo trabalhador, esforçado, sério, honesto, confiável, orgulhoso e otimista a respeito do futuro do país. Sem dúvida que estes dados fotografam uma realidade que nosso povo está assumindo, desejoso de novos ventos culturais.

Em dezembro de 1997, a Revista Seleções publicou uma pesquisa de campo feita em 10 grandes cidades brasileiras para avaliar se o brasileiro é honesto. Propositadamente deixou-se uma carteira caída na calçada, contendo dinheiro e dados de identificação. O objetivo era verificar se a pessoa que encontrasse a carteira, devolveria ao seu dono. O resultado foi surpreendente, principalmente se comparado com outros países. No Brasil o índice de devolu-

ção foi 60%; Estados Unidos: 67%; Canadá: 64%; Europa: 58%; Ásia: 57%.

Devemos continuar persistindo como povo em vencer os velhos estigmas de nossa cultura. Mas não se pode negar que o famoso jeitinho brasileiro continua ainda com muito fôlego e, no campo das reflexões éticas, teremos ainda muito o que discutir e fazer.

Dando um Jeito no Jeitinho – Como ser ético sem deixar de ser brasileiro é apenas o início do trabalho. Não podemos ficar de braços cruzados. Há muito que estudar na cultura brasileira para desvendar as tramas complexas do jeitinho. Sem dúvida, mais obras serão lançadas sobre o tema.

O meu desejo é que este trabalho possa ser instrumento útil no fortalecimento de convicções firmemente cristãs daqueles que vivem no Brasil e que queiram viver para a glória de nosso Proprietário Jesus Cristo, mesmo estando imersos na sociedade do jeito.

O título Dando um Jeito no Jeitinho reflete exatamente o que tentei fazer ao escrever este livro. Quanto ao conteúdo, trabalhei duro para torná-lo agradável e claro. Aliás até mesmo as palavras foram escolhidas visando causar-lhe o menor esforço possível na leitura e evitar consultas ao dicionário.

A capa... bem, espero que o capista capriche mesmo. Assim você poderá ter um livro de fato cativante!

Você pode participar de futuras edições. Falei em meu livro, mas a verdade é que arranjamos um jeito – é jeito mesmo! – de você também participar e de me ajudar a continuar a escrever sobre o assunto. Qualquer idéia, ilustração ou caso sobre o jeito poderá ser enviado para os nossos endereços eletrônicos:

jeitinho@etica.pro.br

ou

jeitinho@mailcity.com

Você poderá também consultar nossas páginas na internet (agora exagerei mesmo, não é?) para manter-se atualizado com as notícias sobre o jeitinho.[a]

http://www.etica.pro.br/jeitinho

ou

http://jeitinho.webjump.com

Embora você possa escolher como ler este livro, gostaria de sugerir-lhe que observe a seqüência em que ele foi escrito. Procurei fazê-lo de modo que você possa ir navegando de uma parte a outra para completar sua compreensão sobre o assunto. A apresentação dos fatos seguem normas geralmente aceitas no meio acadêmico e mais especialmente no Programa de Pós-Graduação da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Assim, considerando ambas as questões – tornar a leitura agradável e convidativa e documentar corretamente as informações aqui registradas –, utilizei-me do recurso das notas explicativas.

Algumas notas poderão parecer óbvias à maioria dos leitores, uma vez que sua explicação é bastante conhecida. Mesmo assim, decidi mantê-las em respeito aos estrangeiros que porventura vierem a ler o livro, e com o objetivo de oferecer uma explicação mais detalhada dos temas, o que nem sempre é de domínio geral.

Quanto a sua localização, algumas delas – as notas de rodapé – foram incluídas na página a que se referem enquanto outras – as indicações bibliográficas – foram inseridas na seção Notas, no final do livro.

Após a conclusão, incluí algumas informações de caráter mais específico e apresentadas em linguagem mais acadêmica, que poderão ou não ser lidas. Dependerá de seu interesse em querer ampliar seu conhecimento sobre o assunto. Nesta ótica estão incluídos o

[a] Cortesia e apoio: Communiplex (http://www.communiplex.com)

apêndice sobre os fundamentos do livro, a bibliografia, os agradecimentos e o posfácio.

Tanto os comentários como os dados bibliográficos visam a esclarecer as fontes das quais foram extraídos os exemplos, as informações e as citações. Essa estruturação foi feita visando a permitir que você vá direto ao assunto, e assim facilitar-lhe a leitura.

Bem... chega de prosa e vamos andar juntos de agora em diante. Respire fundo... tome um cafezinho... vire a página e vamos lá mergulhar nessa história fantástica do jeitinho brasileiro.

São Paulo, fevereiro de 2000.
Lourenço Stelio Rega

introdução

VAMOS COMEÇAR A VIAGEM

Estamos vivendo a civilização do conhecimento,
mas não da sabedoria.
A sabedoria é o conhecimento temperado pelo juízo.

André Malraux

Porque Deus dá a sabedoria, da sua boca vem a
inteligência e o entendimento.

Provérbio de Salomão

O jeito ou jeitinho, como se tornou popular, faz parte do dia-a-dia de nosso povo. O jeitinho já se consagrou como a maneira de trafegar nas diversas esferas da sociedade brasileira. Seria difícil algum de nós ou mesmo um estrangeiro que vive nesta terra não fazer parte do jeito. E a melhor maneira de estudá-lo é vivenciar o mundo da rua, das amizades, dos negócios. Basta abrir a janela de casa, parar na fila do ônibus, dialogar com o povo, para se obter dados riquíssimos sobre esse fenômeno chamado jeito. Este livro é resultado dessa vivência no cotidiano do Brasil, por mais de 45 anos.

Sem dúvida este livro não esgota o assunto, mas é um convite para que você possa refletir com coragem sobre o nosso tema: Dando um Jeito no Jeitinho. Assim, como você pode ver, ainda que o

ethos [a] brasileiro seja vasto, variado e complexo, este livro se limitará a um só fenômeno: o jeito. Ele será tratado como foco cultural brasileiro, isto é, como um fenômeno cultural que controla nosso comportamento, nossas decisões e nossas escolhas diárias.

Não detalhei minuciosamente as particularidades da cultura brasileira, o que não quer dizer que eu não possa ajudá-lo incluindo, na primeira parte do livro, uma descrição geral da cultura brasileira e assim fornecer uma base para a compreensão do jeito.

Também é bom lembrar que não foi meu propósito abordar o tema do ponto de vista sociológico ou antropológico, mas sim dentro do enfoque ético. Isto equivale a dizer que o interesse da pesquisa não foi investir muito tempo em dados sobre as fontes, o desenvolvimento e as interpretações do jeito. O fator relevante são as implicações éticas do jeito em confronto com os princípios supraculturais e permanentes da Bíblia.

Não foi possível mapear cada detalhe ético do jeito, pois o resultado seria um livro de proporções impraticáveis, tendo em vista seu escopo. Você já imaginou ler um livro com mais de 1.000 páginas? Bem, em vez de tentar solucionar cada dilema ético do jeito, preferi estabelecer um modelo chave de conduta ética diante dos dilemas éticos do jeito. Isto lhe permitirá não apenas dar continuidade a suas reflexões, como também abre-lhe espaço para continuar a escrever este livro. Que tal, gostou da idéia?!

Dando um Jeito no Jeitinho começou na vida prática para depois passar pela pesquisa acadêmica. Só então nasceu o desejo de publicá-lo. Ainda que você não esteja familiarizado com o meio acadêmico, não encontrará qualquer dificuldade, pois procurei não empregar vocábulos demasiadamente específicos. Por outro lado, e considerando os colegas do mundo acadêmico, tentei evitar o

[a] Ethos é uma palavra grega utilizada no campo da ética e se refere ao "conjunto de normas e valores aceitos por uma civilização, por um povo, por uma classe social, por um grupo, ou por uma pessoa" (Vidal, 1991, p. 234).

simplismo, ainda que em algumas explicações tenha sido necessário utilizar-me do jargão popular. Neste caso, os termos ou as expressões serão apresentados entre aspas.[b]

Como falar do jeitinho sem mencionar fatos concretos? Assim, escolhi diversos casos para ilustrar ou mesmo motivar a busca de respostas ao nosso dilema. Procurei preservar a identidade das pessoas envolvidas, omitindo nomes ou fatos que as pudessem identificar. Desde já quero agradecer a estes colaboradores anônimos.

Cabe ainda mencionar que este livro não representa um esforço isolado e exaustivo na tentativa de recriar o estudo sobre o fenômeno chamado jeito. É uma contribuição paralela a de outros autores que, representativamente, são alistados nas referências bibliográficas.

A bibliografia específica que trata do jeito é bem escassa, portanto levantá-la foi uma das tarefas mais árduas na elaboração desta obra. Foram investidas muitas horas em livrarias e principalmente em "sebos", tendo sido pesquisados um total superior a 5.000 títulos. Alguns livros sobre a cultura brasileira estão esgotados, sem previsão de reimpressão, inviabilizando, assim, sua consulta. Outros foram lançados recentemente. Vale a pena manter-se atualizado para conhecer nossa cultura.

No levantamento dos dados, a primeira fonte de informações a ser considerada é a participação ativa no cotidiano brasileiro. Ao vivenciá-lo, todos nos tornamos parte integrante do fenômeno jeito. Diversas abordagens do tema foram extraídas da experiência vivida por dez anos como profissional da área contábil e, desde 1984, como atuante no ramo da informática. Também se constituíram em fontes de informações entrevistas e depoimentos, obrigatoriamente informais e sigilosos devido à natureza do assunto. Mas a

[b] As aspas serão utilizadas também para a primeira ocorrência de termos ou expressões especiais. O itálico será utilizado para grafar palavras ou expressões estrangeiras. Qualquer explicação breve será indicada entre parênteses e as mais longas aparecerão como nota de rodapé ou na seção Notas, no final do livro.

sistematização do assunto ocorreu graças à pesquisa bibliográfica, já mencionada.

Finalmente, será preciso delimitar dois conceitos chaves, que aliás muitos acabam confundindo. A palavra "moral" será utilizada, neste livro, distintamente da palavra "ética". Moral representa a descrição dos valores de conduta assumidos por um povo num determinado momento e define "o costume ético de um determinado povo em determinada época". Já a ética representa um ideal normativo e define "o que é certo ou errado relativamente à conduta".

Também seria bom explicar-lhe como construí a pesquisa. O jeito como fenômeno existente hoje na cultura brasileira e como manifestação no cotidiano do povo foi analisado primeiramente segundo a ética cristã. O segundo passo, constituiu-se da seleção de alguns dilemas éticos gerados pelo próprio jeito, visando a demonstrar que suas implicações exigem uma abordagem ética. Essa abordagem foi feita, então, à luz de princípios éticos bíblicos, para, finalmente, chegarmos a propostas de solução, pois de nada valeria levantar os problemas ou dilemas éticos do jeito e deixar você sem alguma resposta, não é verdade?

PARTE 1

O BRASIL DO JEITINHO

capítulo 1

O QUE SE SABE SOBRE O JEITINHO

Será preciso mexer os pauzinhos.

Adágio Popular

Você já leu alguma vez algo sobre o jeito? Pois é, eu precisei ler muita coisa para escrever este livro, mas valeu a pena. Assim, acredito que será importante contar-lhe algo do que encontrei e, portanto, economizar um pouquinho de seu tempo.

Vou contar-lhe uma curiosidade que talvez você não conheça. Descobri que os livros tradicionais e clássicos sobre a cultura brasileira não mencionam o jeito. Uma conclusão que posso deduzir é que os livros mais antigos não incluem o jeito porque se trata de uma manifestação não tão antiga na cultura brasileira.

Outra suposição é que provavelmente o espírito científico e acadêmico dos escritores considerou o jeito como um fenômeno espúrio, apócrifo ou, como Alves[1] afirma, uma caricatura da cultura brasileira. Hoje isso seria considerado estranho, não é verdade?

As pesquisas revelaram que a primeira menção sobre o jeito aparece no livro Brasil para Principiantes, de Peter Kellemen[2] . Na edição consultada, que data de 1961, o jeito é tido como uma cari-

catura da cultura. É pena que este livro esteja esgotado, mas se você por acaso encontrá-lo, não perca a oportunidade de lê-lo. Você vai gostar muito.

No material encontrado, foi possível observar que o tratamento acadêmico ao jeito aparece pela primeira vez no livro de João Camilo de Oliveira Torres cujo título é Interpretação da Realidade Brasileira (dê uma olhadinha nas páginas 212 a 218), que foi publicado em 1973. O título do parágrafo é bem oportuno Introdução à Teoria do 'Jeito'. O jeito aqui é reconhecido como um fenômeno cultural positivo e característico da vivacidade e flexibilidade do brasileiro. Não é por acaso que no parágrafo seguinte, Torres trata do futebol como síntese da cultura brasileira.

Depois, encontrei o livro Brasil em Questão, de Tarcísio Meirelles Padilha, que data de 1975. Ele dedica ao assunto pouco mais de meia página, enfocando o jeito como uma saída ao formalismo e como uma instituição nacional.

O autor tenta traçar a origem do jeito deduzindo que provavelmente ele tenha sido uma reação "à forma nada metódica de colonização do imenso território, criando obstáculos ao convívio entre os pequenos grupos povoadores, que assim tinham que enfrentar sozinhos os desafios do meio, na certeza de que a ajuda seria sempre problemática"[3]. Isso deu ao brasileiro um invejável grau de plasticidade (um termo melhor talvez seria flexibilidade, você não acha?).

Padilha comenta também a influência do mestiço na formação do jeitinho e cita Torres[4] ao incluir a formação humanística presente na cultura brasileira.

Em 1982, foi publicado um livro do sacerdote franciscano Bernardino Leers chamado Jeito Brasileiro e Norma Absoluta. Este foi o texto mais completo que encontrei sobre o assunto. Leers é minucioso ao detalhar e descrever o jeito, que para ele nada mais é do que a reação ortopráxica em oposição à ortodoxia dos dogmas

da Igreja Católica Romana criados longe da vivência real e comum do povo. Em palavras para os mortais entenderem, diríamos que Leers trata do jeito como reação flexível da vida prática à vida inflexível do dogma.

Em 1984 surgiu uma coletânea de estudos coordenada pelo frei Antonio Moser, publicada sob o título Mudanças na Moral do Povo Brasileiro. Nela encontramos um estudo do padre Hubert Lepargneur no qual descreve o jeito como um fenômeno negativo – a filosofia do "levar vantagem em tudo"[5]. Aliás, acredito que você já deve ter ouvido essa história do "levar vantagem". Mais adiante, falaremos um pouquinho mais sobre isso. Vamos continuar...

Nesse mesmo ano de 1984, surge o livro O que faz o brasil, Brasil?[a] do antropólogo Roberto Da Matta, que estuda o jeito como uma das características da cultura brasileira. Para ele o jeito, aliado à malandragem, é o modo de navegação social.

Da Matta[6] menciona que o fenômeno do jeito pode ser encontrado já no primeiro documento sobre o Brasil, a carta de Pero Vaz de Caminha. O autor da carta conclui o documento com um pedido ao rei de Portugal para transferir o domínio da ilha de São Tomé ao seu genro Jorge de Osório. Se isso for verdade, o jeito é mais antigo do que pensamos, não é verdade?

O antropólogo lança a hipótese de que todo o elogio sobre a nova terra no fundo tinha o objetivo de introduzir esse pedido. Era um jeitinho para beneficiar um parente e praticar o nepotismo.[b]

O Dr. Roberto Da Matta acabou se tornando um dos especialistas mais famosos que tem sido convidado para falar sobre o as-

---

[a] Provavelmente este livro é uma atualização de alguns temas de seu outro livro Carnavais, Malandros e Heróis, que reflete algumas características do período da ditadura militar no Brasil, principalmente na parte em que trata das "festas da ordem".

[b] Nepotismo é o favorecimento de parentes. É um termo geralmente aplicado quando um político favorece algum parente utilizando-se de suas prerrogativas. Da Matta escreveu para o Jornal da Tarde um longo artigo sobre o nepotismo no Brasil ("Nepotismo – o jeitinho brasileiro de ser cidadão", Caderno de Sábado, 07/09/91, pp. 4-5).

sunto, principalmente na televisão e em artigos de jornal. Vale a pena ler o que ele escreve sobre o assunto.

Em 1986, Roberto Gomes lança Crítica da Razão Tupiniquim, em que descreve o jeito como o mito da concórdia.

Em 1992, surgiu o livro da antropóloga brasileira Lívia Barbosa intitulado O Jeitinho Brasileiro – A arte de ser mais igual que os outros. Este estudo do jeitinho foi elaborado com base em 200 entrevistas realizadas entre 1984 e 1986.

A autora enfatiza que há dois aspectos do jeitinho: dar um jeitinho e jeitinho brasileiro. Para Lívia, dar um jeitinho, por ser um drama social, é um momento privilegiado da realidade brasileira, quando nossos valores mais profundos são atualizados. Já o jeitinho brasileiro é o "elemento tornado como paradigmático (ou referencial) em determinados contextos para nos definir como país e como povo e que deve ser encarado como uma forma nossa de falar sobre o que consideramos como Brasil e como nos inserirmos nele".

Segundo a autora, dar um jeitinho e jeitinho brasileiro não são expressões equivalentes, mas "atualizam valores diferentes e surgem relacionados a diferentes domínios da sociedade brasileira."[7]

Nos dez primeiros capítulos, Lívia Barbosa traz ampla lista de textos sobre o assunto. Ela descobriu uma referência ao jeitinho anterior à que eu mencionei aqui. Trata-se da obra Roteiro do Tocantins, de Lysias Rodrigues, publicada em 1943.

É claro que existem outros textos que mencionam o jeito, mas de forma ocasional e passageira a ponto de não compensar mencioná-los aqui. Muitos desses livros foram incluídos nas referências bibliográficas, no final deste livro.

capítulo 2

Entendendo o Brasil do jeito

Esta é a última seca que assola o Nordeste.

Juscelino Kubitschek

Fi-lo porque qui-lo.

Jânio da Silva Quadros

Eu me sentiria injusto com você se não incluísse neste livro um capítulo contando alguns detalhes sobre a cultura brasileira, para ajudá-lo a formar uma base mais sólida de conhecimentos prévios. Vamos então passear comigo neste breve capítulo. Prometo que isso vai propiciar-lhe uma melhor compreensão do jeito.

Entre outras coisas, o homem distingue-se de outros animais pela capacidade de criar, de pensar, de sistematizar seus pensamentos e suas ações, de transmitir suas experiências às gerações futuras. E assim, de geração em geração, a cultura vai sendo criada, vivida e transmitida. O homem, então, é tanto produtor como produto da cultura, que é um documento vivo da história da humanidade. Você e eu vivemos numa cultura, somos produto e, ao mesmo tempo, ajudamos a produzi-la. Vamos compreender melhor como isso funciona.

H. Richard Niebuhr adota a definição de Malinowski sobre cultura, que é considerada como o "ambiente artificial e secundário

que o homem sobrepõe ao ambiente natural. E isto compreende a linguagem, os hábitos, as idéias, as crenças, os costumes, a organização social, a herança na produção, processos técnicos e valores."[8]

Em outras palavras tudo o que fazemos podemos chamar de ambiente artificial e secundário. Isso é cultura e acaba se assentando no ambiente natural, já existente.

TERRA DE CONTRASTES, POVO NOVO

Considerando que o Brasil possui uma diversidade de contrastes – geográficos, econômicos, sociais etc. – , o brasilianista Roger Bastide escreveu Brasil Terra de Contrastes. De fato, como terra de contrastes, o Brasil não apresenta uma cultura homogênea ou igual em toda parte, pois a cultura brasileira é uma rica fusão de raças, terras e climas, como afirmou o notável Oswaldo Aranha[9].

Essa soma de ambientes está assentada num país-continente que abriga hoje, num raio de 8.511.996,2 quilômetros quadrados[10], por volta de 160 milhões de pessoas com uma expectativa de vida estimada para o ano 2000 em 67 anos.[a] Um país que tem enfrentado o forte peso de uma crise econômica oriunda de causas diversas e que parece nunca acabar, não é verdade?

Aliás, recentemente, feitos os cálculos da dívida do setor público, descobriu-se que o brasileiro já nasce devendo cerca de 1.160 dólares, mesmo sem ter passado perto de qualquer crediário.[11]

Darcy Ribeiro[12] classifica o Brasil como um "povo novo"[b] por não estar preso, em sua origem, a qualquer tradição do passado. Lembra-nos que o Brasil não nasceu como uma etnia ou raça e nem se estruturou como uma nação em conseqüência da vontade de seus colonizadores.

---

[a] Em 1940 a expectativa de vida para o brasileiro era de 42 anos e 8 meses; 1950: 45 anos e 9 meses; 1960: 52 anos e 4 meses; 1970: 52 anos e 7 meses; 1980: 60 anos e 1 mês; 1987: 63 anos. Fonte: "Expectativa de vida agora é de 63 anos", O Estado de São Paulo, 20/09/1987, p. 26.

[b] Aqui, Ribeiro faz interessante classificação quanto à origem dos povos afirmando que há povos-testemunho, povos-novos, povos transplantados e povos emergentes.

Nesse sentido é preciso observar que a população de alguns países, como os Estados Unidos da América, foi resultado da transferência de populações com a intenção de fincar raízes naquela terra e lá permanecer definitivamente. Já a nação brasileira surgiu como subproduto inesperado de um empreendimento colonial que tinha como objetivo a produção de açúcar e café e a extração de ouro. Em outras palavras: "queriam servir-se da terra, não como senhores, mas como usufrutuários, só para a desfrutarem e a deixarem destruída"[13].

Padilha[14] acrescenta outro dado importante quando menciona que inicialmente os portugueses não vieram acompanhados de suas famílias, multiplicando-se, por isso, as uniões ilícitas.

DEMOCRACIA RACIAL

Os portugueses representaram em sua própria origem uma mistura de raças e foram educados para assimilá-las. Isso fez com que o português permitisse o surgimento, no Brasil, de condições favoráveis à mistura de raças. Assim, entre o povo brasileiro se verificou a integração de três grupos – o branco, o índio e o africano.

Essa miscigenação provocou um amplo processo transcultural de permuta de valores a ponto de Padilha afirmar que "a obra civilizacional daí resultante não deverá ser atribuída a qualquer das raças tomadas isoladamente. Foi ela fruto de esforço sinergético das três raças"[15]. Essa mestiçagem é tida como responsável pela flexibilidade do homem brasileiro e sua abertura de mente[16].

Além disso, havia o mameluco, o mulato e o cafuzo ou curiboca, originários do cruzamento entre o português e o indígena, o português e o negro, e o negro e o indígena, respectivamente. O mameluco colaborou com as bandeiras na ocupação do território, alargando suas fronteiras neste empreendimento pioneiro. O mulato contribuiu para o desenvolvimento da agricultura e dos centros urbanos no litoral.

A população branca, mesmo em menor número, foi fundamental no processo de construção do país. O embranquecimento da população foi produzido pelos movimentos migratórios que ocorreram a partir do século XIX, com a vinda de grandes contingentes de italianos, alemães, sírios, libaneses, etc. Há nisso uma espécie de democracia racial ainda que haja no Brasil um certo grau de discriminação racial.[17]

ANÁLISES SETORIAIS

É claro que não teremos espaço para tratar das diversas abordagens sobre a cultura brasileira, por exemplo sobre a formação do imaginário do caráter nacional brasileiro. Mas há indicação bibliográfica sobre o assunto na seção correspondente, no final deste livro.

Inúmeras tentativas foram feitas para explicar essa intrincada origem do povo e da cultura brasileiros. A primeira tentativa desse empreendimento foi feita por Pero Vaz de Caminha, em apenas oito dias de estada neste território. Mas a maior parte das tentativas se constituíram em análises setoriais que reduziram a riqueza da cultura brasileira pela unilateralidade da natureza da investigação.

Sem dúvida estas análises setoriais foram subproduto da concepção de história de cada autor e, muitas vezes, fruto das tendências e debates acadêmicos em cada ocasião. Se você quiser se aprofundar mais nisso, consulte a obra publicada em 1999, intitulada Leituras Brasileiras, Intinerários no Pensamento Social e na Literatura, de Mariza Veloso e Angélica Madeira, publicada por Paz e Terra.

Assim o fator econômico (Gilberto Freyre), o meio físico (Pero Vaz de Caminha, Vianna Moog), o meio étnico (Sílvio Romero, Vianna Moog), o comportamento e características psicológicas (Sérgio Buarque de Holanda, Affonso Celso), as instituições e os fatos sociais (Euclides da Cunha, Gilberto Freyre), as razões morais (Paulo

Prado) etc. foram utilizados como referencial paradigmático para a interpretação da cultura brasileira.[c]

Um livro muito bom sobre isso, e que foi lançado em 1999, chama-se As Identidades do Brasil – de Varnhagen a FHC, escrito pelo historiador José Carlos Reis e publicado pela Fundação Getúlio Vargas.

BRASIL – PAÍS DE PRIMEIRO MUNDO?

E aqui vai uma curiosidade que vale a pena você conhecer. Um fato notável na história do Brasil é destacado por Holanda[18] e por Tobias[19] quando mencionam a censura industrial imposta por Portugal contra o Brasil. Isto é representado pelo Alvará de 5 de janeiro de 1735, que proibia toda manufatura e indústria no Brasil.

Em 1751 uma lei suprimiu a profissão de ourives e em 5 de janeiro de 1785 surge o Alvará de Dona Maria I determinando a destruição das fábricas no Brasil. A intenção declarada era a de impedir a migração da mão-de-obra da lavoura para a indústria. Mas Tobias[20] deduz que as intenções veladas por trás desta censura econômica eram as de manter o Brasil um país essencialmente agrícola, além de não permitir que a industrialização brasileira competisse com a inglesa.

Isso demonstra o espírito criativo e independente que os brasileiros cultivavam já no início de sua história. Se você pensou o que eu pensei, então deve estar imaginando que a história brasileira hoje seria outra, não fossem aqueles alvarás!

DOIS BRASIS

Numa obra com este título, outro brasilianista, Jacques Lambert, investe tempo em descrever os dois brasis. Um é o Brasil desenvolvido e o outro o subdesenvolvido. Hoje ainda existem esses dois

---

[c] A classificação aqui não é absoluta, pois um autor pode ser classificado em mais de um paradigma. Para um estudo mais completo sobre o assunto, veja as obras de Leite (1983) e Mota (1985).

brasis – o país imaginário, como é visto por diversos políticos, burocratas e tecnocratas governamentais, e o país real, vivido pelo povo que enfrenta uma inflação que parece nunca sarar. Só para você ter uma idéia, ela estava acumulada em 3.041.395,62% num período de cinco anos, até abril de 1991.[21] Sem contar que a nossa dívida externa já completou mais de 170 anos de idade.[22] E, pelo jeito como andam as coisas, vai completar ainda muitos aniversários, você não acha?

FESTA E PRAZER

Esse é o trampolim para se entender hoje o povo brasileiro e sua cultura. Um povo que encara a vida de modo festivo, conforme o antropólogo Da Matta[23] enfatiza quando menciona que o ritualismo na vida brasileira se restringe às festas da ordem ou ritos de reforço e às festas da desordem ou ritos de inversão – as festas oficiais e religiosas em oposição às festas populares tais como o carnaval e o futebol.[d]

O brasileiro gosta de sentir prazer no que faz. O rotineiro está relacionado ao trabalho, às obrigações e responsabilidades. O que vale a pena fazer está ligado ao prazer e à realização pessoal. Nesse sentido, Da Matta[24] menciona curiosamente a distinção que o brasileiro faz entre comida e alimento.

De acordo com sua análise, o povo brasileiro entende que alimento é tudo aquilo que pode ser ingerido para manter uma pessoa viva, enquanto que comida é tudo o que se come com prazer, aquilo que deve ser visto e saboreado.

Para o brasileiro a comida está ligada ao prazer, enquanto que o alimento sempre precisa de argumentos bem convincentes para ser digerido: "Coma isso, é para você ficar forte", diz o pai à criança.

---

[d] No livro Carnavais, Malandros e Heróis, Da Matta inclui as festividades do Dia da Pátria (7 de setembro) como festas da ordem. Hoje essa análise já não é tão válida. Na época em que ele escreveu esse livro (1980) ainda havia sentido, pois a ditadura militar no Brasil queria mostrar sua força e pujança pela festa nacional da rigidez e pela disciplina das paradas militares. Em seu outro livro O que faz o brasil, Brasil, de 1984, ele suprime esse ritual das festas da ordem.

Aqui não se fala na "hora da refeição", mas na "hora da comida", momento de um ato que celebra os relacionamentos muito mais do que as individualidades. Há uma intensa ligação entre comida e amizade.

Cabe aqui ainda a observação de Padilha[25] de que a personalidade do homem brasileiro é mais atraída pelas diretrizes do coração do que da razão.

Talvez a figura que sintetiza esse lado do brasileiro seja Macunaíma, o "herói sem nenhum caráter", personagem criado pelo escritor Mário de Andrade. Macunaíma cumpre o papel de alguém carnavalesco, supersticioso, imitador, preguiçoso, avesso ao trabalho, amante da vida fácil e cioso em ganhar dinheiro, posições e riquezas fáceis. Se você não tem paciência para ler o livro, assista ao filme, de mesmo nome, cujo roteiro baseia-se no livro.

CARNAVAL E FUTEBOL

Não podemos esquecer de mencionar o futebol – o esporte nacional, o ópio do povo brasileiro[26], o fenômeno terapêutico[27] – como o fenômeno catalisador do prazer geralmente masculino e a telenovela, mais ligada popularmente ao prazer feminino. Embora muitos homens também gostem de assistir, mas que ninguém saiba!

A festa mais popular do Brasil é indiscutivelmente o carnaval e o ritmo do samba. Da Matta nos lembra que o carnaval é um rito sem dono, uma festa da inversão em que durante quatro dias do ano pobres viram ricos e ricos, pobres.

No carnaval não há diferença entre o delinqüente e o policial. Bicheiros, autoridades, empresários, estão todos juntos na festa descentralizada e anônima. O carnaval é também a festa da vontade e da individualidade em que a fantasia tem um significado muito importante pois permite a concretização temporária de uma realidade ilusória e impossível dadas as limitações cotidianas. No dia-a-dia procura-se seguir a maioria, "a voz do povo é a voz de Deus".[e]

[e] Trata-se de um adágio popular utilizado por Pelé numa propaganda de televisão.

No carnaval o diferente, o universo da individualidade é a "moeda corrente". Segundo Da Matta[28] o carnaval é a possibilidade utópica de se mudar de lugar, de se trocar de posição na estrutura social.

CULTURA DOS RELACIONAMENTOS

É o antropólogo Da Matta que continua a nos ajudar a entender o Brasil do jeito quando menciona o significado de casa na cultura brasileira[29]. A casa não se refere apenas ao local de repouso, comida e abrigo. Não é um lugar físico, mas um lugar moral onde ocorre a realização integral do brasileiro. Em oposição à casa, está a rua. Na casa há segurança, na rua insegurança. Na casa a pessoa tem identidade, na rua ela é anônima.[f]

Outro traço básico da cultura brasileira é valorizar mais as pessoas que as instituições. Pastore conclui que, para boa parte dos brasileiros, as instituições ainda são coisas abstratas.[30] Talvez seja por isso que Padilha[31] menciona que nas eleições o brasileiro, em geral, vota nas pessoas mais do que nos partidos.[g] O que conta mesmo são os indivíduos.

Há uma busca incessante pelos heróis, pelos "salvadores-da-pátria", por líderes carismáticos que possam solucionar os dilemas da nação. Alguns destes heróis ganham dimensão de uma instituição nacional e às vezes a sua influência ultrapassa as fronteiras limítrofes do país, como ocorre com Pelé, o rei do futebol.[32]

A ação interpessoal é o elo da corrente cultural brasileira. As relações pessoais passam a ter mais peso do que as leis. Da Matta

---

[f] Estas conclusões de Da Matta precisam de revisão se aplicadas à atual realidade. A manipulação dos meios de comunicação e a desvalorização das relações domésticas têm provocado uma ruptura na convivência familiar e levado o brasileiro a viver mais na rua. Mesmo a "hora da comida" passou a ser, nos grandes centros urbanos, um ritual geralmente solitário e anônimo num fast food.

[g] A exceção a isso tem ocorrido recentemente com os eleitores do Partido dos Trabalhadores. Contudo, a divisão que vem ocorrendo neste partido tem enfraquecido essa atitude.

curiosamente ilustra isto afirmando que entre a lei impessoal que diz "não pode" e o amigo do peito que diz "eu quero", o brasileiro fica com o amigo do peito e dá um jeito na lei.[33] Talvez aqui esteja uma das origens do jeito.

Holanda afirma que "o desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade".[34] Enfim, mistura-se uma relação puramente econômica com laços pessoais de amizade a ponto de, no Brasil, muitas vezes para conquistar um cliente o vendedor tem de fazer-se amigo dele.[h]

ANARQUIA, CORDIALIDADE, EMOÇÕES PRÁ VALER E ESTRANGEIROS

A anarquia e o caos definem geralmente o estilo organizacional íntimo do brasileiro. Holanda afirma que:

> A vida íntima do brasileiro nem é bastante coesa, nem bastante disciplinada para envolver e dominar toda a sua personalidade integrando-a como peça consciente no conjunto social. Ele é livre, pois, para se abandonar a todo o repertório de idéias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-o freqüentemente sem maiores dificuldades.[35]

A vida planejada e padronizada torna-se um tormento para o brasileiro comum, que prefere viver conforme "lhe dá na telha". Holanda afirma ainda que os brasileiros são "notoriamente avessos às atividades morosas e monótonas... a personalidade individual dificilmente suporta ser comandada por um sistema exigente e disciplinador".[36]

---

[h] Holanda (Ibid, p. 109) menciona que "um negociante de Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried (Amérique Latine. Paris: 1934, p. 148) seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo".

Nesse sentido, o brasileiro pode ser comparado a um franco-atirador, um livre-pensador. Não foi por acaso que os artistas Chico Buarque de Holanda e Ruy Guerra lançaram a música que dizia não existir pecado do lado de baixo do Equador.[i] Nesse sentido o brasileiro parece se considerar um semideus, portador da impecaminosidade. Aliado a isso pode ser destacado que um dos diletantismos preferidos do brasileiro tem sido falar mal do país. "É o Brasil", "Esse país não tem mais jeito...".[37]

Sérgio Buarque de Holanda destaca a cordialidade do homem brasileiro e chega até a escrever um capítulo inteiro sobre isso em seu livro Raízes do Brasil.[38] Ele resume seu pensamento afirmando que "a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade – daremos ao mundo o 'homem cordial'."[j] A cordialidade gera a vida em sociedade e a libertação do pavor provocado pela solidão, sendo ainda compatível com o horror do brasileiro ao conflito.

Schwartzman deduz que a idéia do homem cordial é hoje comprovada pelo confronto que existe na cultura brasileira entre o mundo dos relacionamentos pessoais e o mundo selvagem da rua.[39] Isso faz com que qualquer conflito aberto seja diagnosticado como algo externamente ameaçador. A conseqüência é que ser agressivo é considerado um dos defeitos sociais mais graves, enquanto que no "tudo bem", "numa boa" e no "deixa prá lá" é que muitos conflitos são resolvidos e esquecidos.

Isso nos conduz ao humor descontrolado do brasileiro. Torres[40] afirma que cordialmente ri-se de todos, converte-se tudo em

---

[i] Holanda (1978, p. 33) menciona que, durante o século XVII, corria na Europa a crença de que abaixo da linha do Equador não existia nenhum pecado (ultra aequinoxialem non peccari), como se a linha que divide o mundo também separasse a virtude do vício em dois hemisférios. Parker (1991, pp. 206, 207) também menciona a origem desse adágio. Nas páginas 207 e 208, Parker menciona a letra da música supracitada. Veja também Alves (1988, p. 49).

[j] A expressão "homem cordial" não é original de Holanda, mas de Ribeiro Couto em carta dirigida a Alfonso Reyes e por este inserida em sua publicação Monterey, conforme nota do próprio Holanda (1978, p. 106, nota de rodapé nº 106).

brincadeira, criando-se um ambiente de cordialidade, de bom humor e simpatia. Assim são solucionados os dilemas complicados que normalmente resultariam em tragédia.

Quem ganha muito dinheiro com isso são os humoristas profissionais. Aliada a esse humor, encontra-se no brasileiro a capacidade criativa de inventar termos e expressões para revelar as realidades do cotidiano – papagaio é o empréstimo financeiro; capim é sinônimo de dinheiro; tatuzão é o nome da máquina "Shield" que perfura o subsolo para abrir os túneis do Metrô paulistano.

Mas essa inventividade semântica tem um lado negativo, chamado por Kellemen de "Código Secreto"[41], que nada mais é do que um código semântico em que as palavras recebem outro significado: "amanhãs" que nunca chegam; "apareça lá em casa", na realidade não é um convite, mas uma maneira de se despedir cordialmente; "virei se Deus quiser", que significa "não conte com a minha presença"; "já foi providenciado", ou seja, "ainda não vi o caso e não sei do que se trata"; "eu telefono mais tarde" e "a gente se vê" são sinônimos de "eu não tenho tempo agora". "Pô, você sumiu??", significando "eu me esqueci de você" ou "não tive tempo para me preocupar com você, agora que eu o vi é que lembrei que você existe"; "fica prá próxima", "fico lhe devendo essa" podem significar "não me aborreça, não estou interessado!"; "deixa comigo", que poderá significar "se der tempo eu vejo esse negócio", e quando esquercermos de tomar providências basta a resposta "eu tentei, mas houve um desencontro".

O conceito de tempo merece profundo estudo. Kellemen[42] apresenta uma interessante ilustração do significado do tempo para o brasileiro utilizando o fenômeno do cheque predatado, que na realidade não deve ser descontado no caixa, mas depositado para que dê tempo de ser compensado. Kellemen comenta que até é "chique" chegar atrasado num compromisso. Aos estrangeiros, Marlene Laura Porto recomenda que não se cometa o engano de

chegar aos encontros pontualmente, sob pena de passar por "chato pontual".[43]

Enquanto alguns povos são refinadamente xenófobos, o povo brasileiro é altamente xenofílico.[k] Ribeiro[44] nos alerta que a imitação do estrangeiro não é um mal em si mesmo, o mal reside na rejeição do que é nacional. Ortiz[45] vai mais longe deduzindo que importar o produto acabado é importar o ser, a forma que encarna e reflete a cosmovisão, um complexo de valores e de condutas que se acham implícitos nesses produtos.

É claro que a lista das características da cultura brasileira pode ser ampliada e incluir atributos, tais como o fatalismo, o descompromisso, o paternalismo, o racismo, a retórica, os dilemas sexuais, a racionalização, o sincretismo religioso, a formação humanística mais do que técnica, etc.[46] Mas isso fica para outra ocasião.

[k] "Xenofobia" é a aversão a pessoas e coisas estrangeiras, enquanto "xenofilia" é a simpatia por pessoas e coisas estrangeiras (conforme o dicionário Aurélio).

capítulo 3

PODEMOS CONTINUAR?

O problema do Brasil não é dos sem-terra, sem-teto, sem-camisa.
É sim, dos sem-caráter e sem-vergonha.

Anônimo

Dá para entender por que estudar esse assunto?

Depois de tudo o que lhe contei nas páginas anteriores é possível concluir que, mesmo sendo cristão, somos brasileiros e temos de sobreviver na sociedade do jeito, que é, afinal, a moeda corrente para se "navegar na vida".

Nos testemunhos colhidos foi possível observar que, para sobreviver, alguns cristãos brasileiros têm-se valido diariamente do jeito como "tábua de salvação". E a situação chega a um ponto tal que se ele não seguir o jeito quase nenhuma alternativa de vida sobrará. Essa quase nenhuma alternativa se aproxima de uma vida isolada, como num convento ou mosteiro.

Para estacionar o carro na rua é preciso pagar a algum garoto guardador de carro (e eu ouvi dizer que já existe até sindicato para essa atividade), ainda que o cidadão tenha pago todos os impostos para estacionar livremente o seu carro e receber a proteção das autoridades públicas. Para conseguir algum emprego é preciso ter al-

gum "pistolão" ou "cartucho", isto é, alguém que dá um jeito de passá-lo na frente da fila; os exames de seleção muitas vezes só existem para atender formalidades. Nem se pode imaginar o que pode acontecer se o cidadão for abordado por um guarda rodoviário. Já ouvimos muitas histórias sobre isso.

Como viver nesse contexto, sendo cristão e aplicando os princípios éticos permanentes, atemporais e aculturais da Palavra de Deus e ainda sobreviver? Eis a questão deste livro. O cristão brasileiro não pode continuar vivendo nessa situação eticamente cinzenta. É preciso penetrar na cultura dessa gente e entender o fenômeno chamado jeito, jeitinho, dar um jeito, para oferecer a este povo respostas que lhe permitam enfrentar os dilemas cotidianos gerados pelo próprio jeito.

Não se pode deixar desamparado o cristão comum que tenta fazer o que pode para sobreviver diante da pressão do estilo de vida do jeito, quando negativamente considerado.

É fato que o cristianismo formal nem sempre tem buscado e trazido respostas para o dia-a-dia do cristão. Infelizmente o testemunho de diversos cristãos sinceros mostra que a preocupação do cristianismo institucionalizado tem sido o formalismo, a liturgia, o ativismo inconsciente de igrejas que muitas vezes vivem só de eventos ou, noutra ponta, as experiências extáticas renovadas.

É preciso ressuscitar o fato de que o cristianismo, muito mais que um conjunto de doutrinas, atividades eclesiásticas e a libertação das penas do inferno, é um estilo de vida comprometido com Jesus Cristo. Sobre isso o apóstolo Paulo dá o seu testemunho "não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gálatas 2:20), "Dia após dia morro..." (1 Coríntios 15:31).

O convite de Jesus é contundente "se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia-a-dia tome a sua cruz e siga-me ..." (Lucas 9:23).

Este livro é, portanto, uma tentativa de buscar para o cristão uma resposta aos dilemas éticos cotidianos do jeito. O objetivo é demonstrar que o "país do jeito" ainda tem jeito. Você não acha?!

Assim, em primeiro lugar, o fenômeno jeito será definido e descrito para que você conheça sua amplitude e possa entendê-lo mais detalhadamente. Depois serão apresentados alguns dos vários dilemas éticos gerados pela prática do jeito. O objetivo é mostrar-lhe a abrangência das implicações do jeito na vida cristã e permitir-lhe identificar esses dilemas do dia-a-dia de modo a sentir-se despertado para uma vida cristã mais expressiva.

Por fim, serão apresentadas algumas propostas para que você tenha uma alternativa cristã ao jeito, quando negativamente enfocado.

Antes de prosseguir, vale a pena lembrar que, neste livro, o modelo de abordagem ética ao jeito tem como pressuposto uma ética baseada nos princípios das Escrituras, isto é, uma ética "principeísta".[a] Uma ética de ideais bíblicos, atemporais, aculturais e geograficamente independentes. A sua proposição não se modifica quando aplicada a qualquer cultura, em qualquer tempo ou em qualquer lugar.

Outro ponto de destaque é que o jeito relativiza as normas e os princípios, como poderá ser visto na Parte 5. Nesse sentido surgem os dilemas éticos do jeito, a relativização das normas, inclusive dos princípios bíblicos. A proposta é buscar uma ponte entre estes dois lados.

[a] Sobre ética principeísta, veja uma discussão mais completa em meu artigo "Novos Horizontes da Ética Cristã" in : Chamado para Servir. São Paulo: Vida Nova, 1994, pp. 203-221. Esta expressão será melhor definida no apêndice.

PARTE 2

O JEITINHO BRASILEIRO

Honestidade é o primeiro capítulo no livro da sabedoria.

Thomas Jefferson

Preparada a viagem, podemos agora navegar juntos neste tão intenso assunto de nossa cultura brasileira. É claro que precisamos investir um pouquinho de seu tempo para buscarmos algumas definições e explicações iniciais, pois isso vai ajudá-lo a entender melhor esse fenômeno de que participamos diariamente. Você não vai precisar ter nenhum dicionário à mão, pois procurei facilitar as coisas. Afinal é por isso que você acabou comprando este livro, não é verdade? Então, vamos dar um jeito de explicar o jeito!

Aqui no Brasil a moeda corrente não é apenas o papel moeda. Há o vale-transporte, o vale-refeição, a ficha telefônica, a bala que vem de troco, o crachá ou uniforme do carteiro ou militar que lhe isenta o pagamento da passagem do ônibus. Mas a moeda corrente que mais se usa nesta nação parece ser o jeitinho. É com ele que muitas portas se abrem ou se fecham. Ele é o desvio por onde muitas vezes se economiza dinheiro e se evitam dores de cabeça. Neste sentido Wadislau Martins Gomes[47] afirma que "é voz corrente que damos um jeito em tudo, do existencial ao político, do físico ao metafísico".

capítulo 4

Definindo o jeito

Não dá para definir exatamente o jeito, pois defini-lo é delimitá-lo.
O jeito não admite delimitação.

L. S. Rega

No Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos, "não ver jeito" é entendido como não ver saída, não ver possibilidades. O famoso dicionário Aurélio afirma que jeito vem do latim jactu e pode significar modo, maneira; disposição de espírito, índole; propensão, pendor; habilidade. "Dar um jeito a" é encontrar uma solução ou saída para (uma determinada situação). A palavra latina jactu é a ação de lançar, arremessar.[48]

Para João Camilo de Oliveira Torres[49] dar um jeito é fazer o necessário para conseguir uma coisa para si ou para outro; arranjar com habilidade; remover com destreza uma dificuldade. Para a professora Bárbara Burns[50], jeito, dar um jeito ou jeitinho é uma palavra intraduzível para outros idiomas como, por exemplo, o inglês, e significa encontrar um caminho, achar uma saída, consentir com uma exceção ou fechar os olhos para as leis. Tenho a impressão de que você já ouviu algo sobre isso no seu dia-a-dia, não é verdade?

Em suas pesquisas Lívia Barbosa[51] levantou a informação de que o jeitinho é sempre uma forma 'especial' de resolver algum problema ou uma situação difícil ou proibida. Pode ser também uma solução criativa para alguma emergência, seja burlando alguma regra ou norma preestabelecida, seja sob forma de conciliação, esperteza ou habilidade.

Para que uma determinada situação seja considerada jeito, é preciso que um acontecimento imprevisto e adverso aos objetivos do indivíduo tenha ocorrido, e a solução exija uma forma especial, eficiente e rápida de tratar o problema. Não serve qualquer estratégia. Ela tem de produzir os resultados desejados a curtíssimo prazo... não importando se a solução encontrada é definitiva ou não, ideal ou provisória, legal ou ilegal.

Desta somatória de idéias pode-se deduzir que jeito, dar um jeito, jeitinho é encontrar uma resposta, uma saída, para uma situação que em geral não se quer ou não se pode enfrentar; é se livrar de uma situação; é fazer com que as coisas andem de acordo com os desejos de alguém; é fechar os olhos para as situações que podem prejudicar o indivíduo; é contornar as normas; é tirar vantagem de uma situação; enfim, é abrir caminho para que as coisas aconteçam como se gostaria.

Uma coletânea de sinônimos do jeito pode incluir expressões como "por baixo dos panos"; apressar as coisas; contornar a situação; achar "um bode expiatório"; encontrar uma "brecha", uma alternativa, outra porta, uma saída mais tolerável, uma saída mais fácil, mais barata; atenuar ou "amaciar" a situação; compreender a situação; "da próxima vez eu vou tomar mais cuidado" (para o guarda rodoviário); "azeitar" a situação; acerto por fora; ajeitar, solucionar, quebrar o galho, pagar o "pedágio", "molhar a mão", dar um ajuste, dar um empurrão ou impulso na situação; esquecer o assunto, pôr em "banho maria", aliviar, segurar as pontas, pôr na geladeira, fazer vista grossa, pôr panos quentes, "mas isso é só formalidade, passe por cima e quebra essa, que eu pago a cervejinha", etc.

O jeito não é "privilégio" da cultura brasileira, pois quando está associado à corrupção pode-se buscar paralelos em outras culturas, e aí surgem seus sinônimos. Pedro Cavalcanti menciona o trinkgeld dos alemães, a bustarela dos italianos, o speed money dos hindus, o baksheesh dos egípcios, a mordida dos mexicanos.

Ele afirma ainda que "o nosso divertido jeitinho, a vulgar 'molhada de mão', a 'viscosa engraxada', o 'acerto por fora' são variantes nativas do pay-off americano, equivalentes ao vzyatha soviético".[52]

Tarcísio Meirelles Padilha lembra que o jeitinho representa a formalização de todas as características básicas atribuídas ao homem brasileiro. O jeitinho "é a palavra-chave, o 'abre-te Sésamo' para todas as situações difíceis",[53] acrescenta Padilha. Há até uma certa dificuldade em separar o jeitinho de outros fenômenos culturais, tais como a corrupção, a malandragem, o favorecimento. É difícil saber quando um termina e começa o outro.

capítulo 5

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO JEITINHO

Brasil: o jeito é reformatar...

Sonia de Aguiar

A publicitária Christina Carvalho Pinto Moy afirmou que o jeitinho brasileiro é uma espécie de síntese de todos os pecados.[54] Neste mesmo artigo, a redatora afirma que "o brasileiro é um pecador incontrolável. Famoso pelo jeitinho com que lida com temas delicados, pelo já crônico desrespeito às instituições e tido como 'corpo mole', ele comete diariamente pecados que já se tornaram folclore."

O jeito, o brazilian way of life, ou a identidade nacional do brasileiro, é como o jogo do bicho[a] ou outros jogos de azar, é um

[a] O jogo do bicho é um jogo de azar proibido por lei desde 1930. Consiste em apostar dinheiro em determinados números que simbolizam animais. O jogo do bicho foi criado em 1892 por João Batista Vianna Drummond, o Barão de Drummond. Foi uma tentativa de salvar financeiramente o zoológico que ele havia criado dois anos antes, por sugestão de um mexicano chamado Manuel Ismael Zevada (Soares, 1993, p. 35). Veja "Cem Anos de Contravenção. A Polícia Protege", Jornal da Tarde, 13/10/90. Há dois livros publicados recentemente sobre o assunto: SOARES, Simone Simões Ferreira. O Jogo do Bicho: a Saga de um Fato Social Brasileiro. São Paulo: Bertrand Brasil; e DA MATTA, Roberto & SOÁREZ, Elena. Águias, Burros, Borboletas: um Estudo Antropológico do Jogo do Bicho. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

jogo de risco, de possibilidades, é uma aventura de ganhar ou perder. Além de incluir a possibilidade do fracasso, dar um jeito é uma terapia contra a tensão pois projeta para adiante o sucesso ou o fracasso.

Por outro lado, Bernardino Leers lembra que "o jeito é uma aventura que geralmente só conta quando no fim deu certo; não é heroísmo, pois os verdadeiros heróis estão mortos. Jeito é Bandeirante, não é Tiradentes."[55]

Essa aventura fascinante, essa emoção do perigo e tentação do risco consiste em furar a fila, em fazer ligações sem fichas no telefone público, em não pagar pedágio nas estradas, em tirar cópias xerox na empresa onde se trabalha, sem prestar contas.[b]

O jornalista Joelmir Betting espirituosamente apresenta diversas expressões para descrever essa aventura: "não tem grilo", "leva 10% e quebra esse galho", "ninguém tá vendo", "mas afinal a culpa é do governo", "eu não sabia"... "afinal somos 148 milhões de espertos".[56]

O jeito é uma espécie de congelamento de uma realidade desagradável para a pessoa. Se uma lei está criando um impasse, será congelada por um momento e depois disso tudo continua como antes. Leers[57] compara o jeito com o peixe que salta fora d'água e depois retorna a seu hábitat normal. O jeito é o ato de desviar de uma situação desagradável que, uma vez ultrapassada, faz com que tudo volte a ser como era.

Torres diz que apesar da educação falha, o brasileiro reage bem à vida adaptando-se a situações difíceis, "somos o povo mais plástico do mundo... damos um jeito em tudo".[58] Diz um adágio que, para o norte-americano, se alguma coisa não funcionar direito, consultam-se as normas. Para o brasileiro, se alguma coisa não funcionar, dá-se um jeito, pois afinal tem de dar certo de um jeito ou de

[b] Em alguns depoimentos as pessoas comentam que isso é como "encher a própria caneta no tinteiro do patrão".

outro. Aqui valem todas as alternativas e variações que a inventividade humana possa encontrar e imaginar.

Mas parece que o jeito também não é uma novidade moderna, pois traços dele apareceram há algum tempo na história da moral ocidental com o filósofo Aristóteles. Ele diferenciava eqüidade, que é a disposição de caráter, de eqüitativo, a epieikeia,[c] uma espécie de justiça superior à norma jurídica.

A epieikeia oferece ao homem a possibilidade de agir contra a letra de uma norma por causa do seu rigor exagerado em determinada situação particular que pode não ter sido incluída no raciocínio do legislador. O que diria o legislador se estivesse presente? Aristóteles afirma:

> O que faz surgir o problema é que o eqüitativo é justo, porém não o legalmente justo, e sim uma correção da justiça legal. A razão disto é que toda lei é universal, mas a respeito de certas coisas não é possível fazer uma afirmação universal que seja correta... Portanto, quando a lei se expressa universalmente e surge um caso que não é abrangido pela declaração universal, é justo, uma vez que o legislador falhou e errou por excesso de simplicidade, corrigir a omissão – em outras palavras, dizer o que o próprio legislador teria dito se estivesse presente, e que teria incluído na lei se tivesse conhecimento do caso. Por isso o eqüitativo é justo, superior a uma espécie de justiça, não à justiça absoluta, mas ao erro proveniente do caráter absoluto da disposição legal. E essa é a natureza do eqüitativo: uma correção da lei quando ela é deficiente em razão da sua universalidade... Com efeito, quando a coisa é indefinida, a regra também é indefinida, como a régua de chumbo... que se adapta à forma da pedra e não é rígida, exatamente como o decreto se adapta aos fatos.[59]

Como saída ou escape, o jeito pode ser considerado como uma "válvula de escape" imposta pelas pressões que vêm de fora. A pes-

[c] Epieikeia do grego epieikei: epi + eikon, eqüidade, conveniência.

soa se sente encurralada e não quer enfrentar uma situação, aí surge o jeito, uma incessante luta contra o fatalismo. Sempre tem de haver uma saída.

Burns menciona neste caso que "a burocracia será desprezada por um atalho, concessões serão feitas, licenças e diplomas serão concedidos, posições serão obtidas, estudantes serão aprovados e o malandro escapará da pena ou perseguição."[60] O jeito aqui é a palavra chave, o pir-lim-pim-pim,[d] ou, como Leers chama, o "abre-te Sésamo"[61] para todas as situações, a expressão do caráter improvisado do povo distante das normas rígidas, do puro formalismo.

Assim, o jeito é um "abridor de latas", um "pé-de-cabra", uma força libertadora do "cárcere da vida". É um grito de independência da pessoa que encontra um obstáculo ameaçador à sua liberdade e realização, muitas vezes manifesto na vontade do legislador expressa nas limitações das normas que obstruem seu projeto de vida.

Inversamente proporcional existe o não-jeito, que é a aceitação passiva da norma, uma virtude-ao-contrário para o espírito libertário brasileiro.

A vida cotidiana do brasileiro demonstra que o jeito não será objeto de corrosão inflacionária ou, como Leers[62] menciona, não será peça de museu. Ele lembra ainda que, por outro lado, a sofisticação da vida moderna poderá inibir o jeito – o relógio de ponto nas fábricas e repartições, a observância de horário nos serviços de transportes, o rigor objetivo no sistema bancário, a regulamentação do trânsito, as exigências na qualidade de produção, a competência administrativa. Mas tudo isso poderá ainda ser encarado sob a ótica do jeito fazendo com que esse fenômeno não seja apagado tão rapidamente da memória de nossa cultura.

No controvertido dia-a-dia brasileiro, o jeitinho passa a ser uma imposição do "eu" contra a norma impessoal que desvaloriza a indivi-

[d] "Pir-lim-pim-pim" é uma expressão popular que significa "num passe de mágica" e é utilizada principalmente por mágicos e ilusionistas como uma palavra "mística" que aparentemente faz as mágicas acontecerem.

dualidade. Nesse sentido, o antropólogo Roberto Da Matta[63] afirma que o jeitinho surge na realidade de suas implicações sociológicas como uma instituição de pleno direito, e como um instrumento que ajuda a navegar o oceano turbulento do cotidiano brasileiro. Um dia-a-dia marcado pelo inferno das incoerências entre as leis implícitas, escritas, discutidas e formalizadas em códigos bem elaborados e freqüentemente muito duros, e as práticas sociais, que jamais são vistas como questões políticas relevantes.

capítulo 6

O JEITO CRIA HÁBITOS

Diz-se em Brasília que a internet pegou no país porque aqui todo mundo @ e fica por isso mesmo!

Tutty Vasques

Leers[64] menciona que cada grupo ou classe social tem uma ideologia ou uma maneira predominante de enxergar as coisas da vida, que os filósofos chamam de "cosmovisão" ou visão de mundo. De fato a soma de experiências vividas em grupo formam verdadeiras estruturas de comportamento que podem tornar-se sua marca, uma espécie do que os especialistas chamam de foco cultural.

James P. Spradley[65] chama de "foco etnográfico".[a] Seguindo essa linha de raciocínio pode-se entender que o foco cultural da cultura brasileira é o jeito. Em outras palavras, como foco cultural, o jeito é um instrumento que cria ou inibe atitudes e comportamento. Assim o jeito cria hábitos, influencia nossas decisões e acaba se tornando como que uma lei interior dentro de nós que quer governar as nossas escolhas.

---

[a] "Um foco se refere a um simples domínio cultural ou a algum domínio inventariado numa pesquisa e aos seus relacionamentos com o resto da cena cultural."[65]

Vamos dizer tudo isso em outras palavras mais simples. O jeito é a síntese do caráter brasileiro e tornou-se uma estratégia que se espalhou pela sociedade e se fixou na vida do povo como alternativa ética diante do sistema de normas estabelecido.

Leers[66] acredita que essa socialização do jeito é produto de sua divulgação no meio ambiente. Ele diz que "mais do que uma palavra mil vezes trocada na linguagem cotidiana, o jeito é a práxis do povo".

Para Lívia Barbosa "o jeitinho não é só um mecanismo de ajuste à realidade institucional brasileira, mas também um elemento de identidade social positiva e negativa. Ele é percebido e reconhecido como nos definindo como país e como povo. Portanto, longe de ser algo escuso, embaraçoso, o jeitinho é reconhecido, admitido, louvado e condenado."[67]

Por outro lado, Da Matta[68] demonstra a origem do jeito como foco cultural primeiramente no relacionamento doméstico, através do qual, desde a tenra idade, aprende-se que há sempre um caminho para que os desejos sejam satisfeitos, ainda que contrário às normas. Em segundo lugar, há o dilema brasileiro da sobrevivência diante de situações legais e sociais em que cada um deve "se salvar como puder", utilizando o seu sistema de relações pessoais. Da Matta acredita que "a malandragem e o jeito são um modo profundamente original e brasileiro de se viver".[69]

Um dado curioso sobre o jeito como foco cultural é levantado por Antonio Moser quando afirma que "ao jeito individual acrescenta-se o jeito grupal"[70] e que, embora o jeito seja uma filosofia latente em todo país latino, se torna explícita no Brasil. Moser faz um paralelo entre a combinazione italiana e o mal latino do Brasil, mostrando afinidades entre ambos.[71]

Pode-se, ainda, comprovar a focalização da cultura brasileira no jeito quando se entende que ele é popularizado como um ato

consciente, um ato voluntário. O brasileiro opta por acioná-lo visando resolver ou livrar-se de determinado embaraço.

O jeito não é um ato subconsciente, mas um exercício que utiliza a razão, a inteligência e a astúcia, que gasta mais energia mental do que emocional na busca da solução ou da saída de uma situação opressiva ou indesejável. O jeito é a imposição do eu contra as normas ou situações desagradáveis.

É curiosa a observação de Leers ao afirmar que "o jeito não significa simples passagem pelo tempo que o faz envelhecer, mas também representa uma formação e realização de si mesmo. Dar jeito é como uma nova parturição em que a pessoa é o seu próprio pai e a sua própria mãe."[72]

Mais ainda, o jeito é como que uma força motora para a concretização do dia-a-dia do brasileiro. Da Matta[73] concebe o jeito como um modo de navegação social diante do autoritário "não pode!"

A abrangência dessa reação entre o "pode" e o "não pode" é hoje mais ampla, pois o jeito é também um modo de navegação mais abrangente – econômica, legal, de sobrevivência no trânsito, etc. Assim o cotidiano pode ser concretizado; o carro pode ser consertado, mesmo com peças adaptadas; a fila pode ser "furada"; o carro pode ser estacionado, ainda que debaixo da placa indicando que é proibido estacionar; a "gorjeta" é oferecida para que o funcionário da repartição pública retire o requerimento da gaveta e o faça andar mais rápido; a autenticação de um documento é feita com a data de ontem, porque hoje já passou o prazo.

Gomes[74] acredita que o extremo formalismo burocrático encontrado na vida brasileira[b] recebe como contra-resposta o jeito. Ele cita alguns exemplos: o ascensorista dá um jeito e não vê o cigarro que o indivíduo acendeu no elevador; o guarda rodoviário

[b] Ainda que o brasileiro tenha aversão à formalidade.

poderá dar um jeito se o exame oftalmológico estiver vencido; muitas vezes se faz matrícula condicional como resultado da institucionalização burocrática do jeito.

Pode-se perceber que quase não há dimensão da vida brasileira que não seja abrangida pelo jeito. Ele já faz parte do brasileiro e contagiou a brasilidade, e isto pode ser notado quase que diariamente através dos noticiários e de outros programas de televisão.

Leers[75] refere-se a isso quando afirma que o jeito tampouco pára diante de um círculo sagrado e intocável. Diante do jeito não há sacrário que resista, nem placa "Entrada Proibida" que não provoque a política do "vai se quebrar o galho pra você", "a gente se vira", "vai se dar um jeito", "não há problema", "isso é apenas formalidade".

Num depoimento fornecido por um empresário evangélico ficou claro o funcionamento do jeito como foco cultural. Sua empresa recebeu a visita da fiscalização e nenhuma falha foi encontrada. O fiscal, que não tinha como apresentar um relatório negativo à repartição, disse: "os colegas lá do posto fiscal não vão acreditar que a empresa está em dia com a lei, eles vão pensar que eu ganhei alguma coisa de você". Isso o levou a inventar uma transgressão legal (ou seria "ilegal"?) e autuar a empresa.

O empresário disse ao fiscal que sua empresa deveria ganhar um prêmio e não uma multa. O depoimento continua. O empresário me relatou que outras empresas similares à sua têm conseguido bons resultados financeiros mesmo diante da crise. A causa descoberta por esse empresário cristão é que essas outras empresas conseguem sobreviver vendendo sem nota fiscal ou com "meia-nota"[c] e mantendo empregados sem o devido registro, sonegando impostos e encargos sociais. Quando o fiscal vem, é subornado.

[c] "Meia-nota" é uma expressão que representa a prática generalizada no Brasil através da qual vende-se uma determinada quantidade de mercadorias declarando-se na nota fiscal uma quantidade ou um valor menor, com o objetivo de pagar menos impostos.

PARTE 3

O LADO POSITIVO DO JEITO

A situação brasileira não está ruim.
Para ficar ruim ainda tem de melhorar muito.

Rogério Ekberg

Em geral o jeito é analisado pelo seu lado negativo. Mas ele pode ser ambivalente, isto é, servir tanto para o bem quanto para o mal. Serve para alguém se livrar da norma, "quebrar o galho", mas serve também para trazer benefícios numa situação difícil ou inesperada.

Para Leers essa ambivalência do jeito tem sua raiz na própria natureza do homem cuja "força vital original tem duas faces: de um lado, a tendência para a novidade, o espírito aventureiro que se arrisca... e de outro o instinto de autoconservação, de segurança... que não esquece a ração de emergência na viagem."[76]

O fato de a lei geralmente ser transposta pelo jeito leva o estudioso a facilmente levantar um julgamento negativo do jeito. Mas o jeito também tem a sua natureza positiva, e é isso que vamos ver agora.

capítulo 7

INVENTIVIDADE E CRIATIVIDADE

Somente a imaginação me diz o que pode ser.

André Breton

Uma das facetas positivas mais amplas do jeito é a sua inventividade e criatividade. O jeito está impregnado duma energia vital que, em algumas ocasiões, ameniza uma situação difícil livrando a pessoa do aperto e proporcionando sua libertação. A criança que nasceu aleijada sem poder andar aprende a se arrastar sobre uma madeira com rolamentos velhos de carro. Reage às limitações da vida dando um jeito com inventividade e criatividade.[a]

A hipótese aqui é que quanto maior a pressão, tanto maior será a força criativa para dar um jeito na situação ou encontrar uma saída. Leers afirma que "por isso, a vida familiar do pobre costuma fornecer tanto material, porque lá o jeitinho, o 'pistolão', a amizade, a imaginação colaboram para dar ainda uma certa dignidade

[a] O leitor é convidado a pesquisar centenas de histórias semelhantes visitando os transportes urbanos, como o famoso trem da Central que circula na região suburbana do Rio de Janeiro e de São Paulo, ou mesmo as praças públicas de grande movimento nas grandes cidades.

humana ao barracão e apresentar os filhos todos arrumadinhos para a festa...".[77]

Burns assinala que a habilidade para dar um jeito tem criado no brasileiro uma rápida inteligência, conseguindo-lhe um surpreendente escape de uma situação de dificuldade... a adaptabilidade e a flexibilidade são encorajadas porque a qualquer momento pode-se ter necessidade ou oportunidade para dar um jeito...[78]

Esse aspecto positivo do jeito é bem observado pelo publicitário Alex Periscinoto ao afirmar que "por estar o tempo todo com o radar ligado em busca de chances espertas, o brasileiro é um grande intuitivo de novas oportunidades de mercado e necessidades do consumidor..."[79]

No exercício da criatividade, o jeito tem um enfoque situacional em que a lei máxima é a preservação do eu na aventura da vida. O jeito se torna o instrumento para subir os degraus, trocando favores com superiores e aproveitando as oportunidades. É claro que esse jeito criativo de encarar as situações difíceis pode ter conotação negativa quando, em contraste com a lei, se buscam meios de não seguir as indicações do sistema legal e social, inventando o seu jeito de levar a vida adiante.

Os exemplos se multiplicam para demonstrar o lado criativo do jeito. Torres afirma que "do ponto de vista prático, o jeito se traduz na capacidade de adaptação a situações inesperadas."[80] Ele ilustra sua afirmativa com uma história ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial, na campanha dos Apeninos, quando em pleno inverno ocorreram sucessivas baixas de soldados que tiveram os pés congelados.

Feita a investigação, o serviço médico descobriu que a maior parte das baixas ocorrera, não entre os brasileiros, mas entre os soldados norte-americanos que já conheciam a neve. Analisando a causa, logo veio a resposta: ao avanço do frio, os pracinhas brasileiros cuidaram logo de enrolar seus pés em jornais, enquanto

seus companheiros americanos esperavam orientação do serviço médico.

Com jeito, uma aflita mãe usa a criatividade ao solicitar um "encaixe" nos horários de consulta para o filho febril necessitando de urgente cuidado médico. O futebol é outro exemplo da criatividade do jeito. Diferentemente do xadrez, no futebol toda jogada é radicalmente nova e surge de decisões rápidas e imprevisíveis de várias pessoas que buscam encontrar uma saída vitoriosa. Padilha comenta que "o virtuosismo inerente ao jogador brasileiro surpreende os técnicos de outras nações, cujos esquemas rígidos não se ajustam ao brilho das improvisações dos brasileiros...".[81]

Para fugir das crises, o brasileiro é um perito inventor de profissões: guardador de carros, cambista de ingressos, vendedor de lugar na fila, carregador de bolsas na feira-livre.

capítulo 8

A FUNÇÃO SOLIDÁRIA DO JEITO

O prazer de fazer o bem é maior do que o de recebê-lo.

Epicuro

O jeito também é uma força solidária na ajuda ao próximo. É o seu lado vicário e humanitário. O jeito, neste caso, tem muito que ver com o bom samaritano que precisava seguir viagem, mas arrumou um jeito para atender um homem necessitado e ainda lhe pagou as despesas da hospedagem (Lucas 10:25-37). O samaritano passou perto da vítima e dela se compadeceu (versículo 33). Esse gesto do samaritano está salpicado da nobreza que tenciona transformar uma situação de desespero numa situação tolerável.

A solidariedade do jeito procura encurtar a longa espera de um atestado de óbito num Instituto Médico Legal; também pode ser vista no motorista que dá um jeito de emprestar o pneu sobressalente a um estranho na estrada; nos vizinhos que deram um jeito de fazer um revezamento, faltando até no emprego para socorrer uma viúva idosa e solitária que quebrou a perna e não pode cuidar-se; no telefonema a um amigo que pode arrumar um jeito de conseguir um emprego a um pai de família desempregado; no pedido a

um médico amigo para atender uma pessoa carente ou fazer uma cirurgia pela Previdência, que normalmente seria cobrada.

Leers[82] menciona que embora o jeito seja interesseiro, o interesse não precisa estar centrado na própria pessoa. Ele cita o exemplo de uma funcionária que arranja um carimbo para o chefe em dois dias, enquanto o normal seriam quinze. Ela pode estar agindo assim por simples amizade ou simpatia. Ou o caso do açougueiro que, por amizade, limpa a carne e corta o bife mais fino eliminando os contrapesos.

capítulo 9

O LADO CONCILIADOR DO JEITO

Toda força será fraca se não for unida.

La Fontaine

O jeito é uma força conciliadora. Lisboa menciona que a originalidade do jeito é a troca de gentilezas que ele propicia.[83] Padilha[84] lembra como é curiosa nos meios políticos a criação das combinações de centro-esquerda e centro-direita. Isso provavelmente ocorre para eliminar qualquer eventual suspeita de radicalismo.

Da Matta[85] nos lembra que o jeito é um modo simpático de relacionar o impessoal com o pessoal, um modo pacífico e até mesmo legítimo de resolver diversos problemas, tais como atraso, falta de dinheiro, ignorância das leis por falta de divulgação, confusão legal, injustiça da própria lei que foi feita para uma determinada situação.[a]

---

[a] Um exemplo típico é que no passado era postergada quase anualmente a data para a entrega da declaração de imposto de renda. Num ano alegava-se erro na tabela de cálculo; noutro, a impossibilidade de todos preencherem a declaração a tempo; noutro, ainda, porque a tabela havia sido publicada fora de prazo, etc. A interrupção dessa prática começou a ocorrer em 1996, quando não houve prorrogação de prazo, e o fisco impôs elevada multa aos retardatários.

Numa colisão de automóveis, o jeito para não fazer o Boletim de Ocorrência Policial (B.O.) é investir num pouco de conversa, num cheque ou no endereço da oficina de um amigo. Um funcionário que precisa estudar no horário noturno, mas trabalha em três turnos, pode convencer o chefe de que precisa estudar e assim dar um jeito de trocar o horário com os colegas que não estudam. São exemplos típicos da conciliação que o jeito produz.

PARTE 4

O LADO NEGATIVO DO JEITO

No Brasil QI não significa "quociente de inteligência", mas "Quem Indica". Sem QI, não tem jeito, nem inteligência.

L. S. Rega

Quando se fala em jeito ou jeitinho brasileiro, logo se pensa em esperteza, em ludibriar alguém, em pagar suborno e assim por diante. Não posso negar que esse é seu significado maior. É o seu lado negativo, que se evidencia tanto nos jornais e livros, quanto na televisão.

Mas não é só no campo literário que ele aparece. O lado negativo aflora no cotidiano como se fosse um código secreto de relacionamento. É só uma certidão, por exemplo, demorar para sair que o requerente automaticamente aborda o funcionário da repartição perguntando se não haveria um jeito de "apressar as coisas".

Vou mostrar-lhe, agora, pelo menos quatro formas negativas do jeito. Vamos começar o passeio?

capítulo 10

UM MEIO ILÍCITO DE RESOLVER PROBLEMAS

Esperteza, quando é muita, destrói o dono.

Elio Gaspari

O lado negativo do jeito emerge em maior volume como confronto à norma legal e um meio ilícito de resolver problemas. Aqui a norma pode ser divina, governamental ou social (não pisar na grama ou jogar lixo no chão).

O jeito é um jogo que demonstra a liberdade que o homem quer ter, não se prendendo às malhas da lei, mostrando-se, portanto, superior à norma. O jeito é uma espécie de antinorma que, para dar lugar à norma interna e à iniciativa da pessoa, interrompe o absolutismo da norma por um momento e cria uma exceção, uma interrupção da lei, para logo em seguida tudo voltar ao que era.

Leers afirma que, neste caso, "não é a lei, mas o homem que faz a história".[86] Ele quer ser o soberano das circunstâncias e quanto mais poder tem, tanto mais a sua capacidade de burlar a lei e dar jeito no que quiser.

A pessoa toma a justiça nas suas próprias mãos e possui sua própria jurisprudência. Por causa disso o cidadão se liberta nega-

tivamente da obrigação imposta pela lei, ultrapassando a letra, principalmente se essa é improdutiva para a prática da sua própria justiça.

Da Matta[87] observa que na maior parte dos países as regras são obedecidas ou não existem. Nessa coerência entre a regra jurídica e a prática da vida diária, esses povos param diante de uma placa de trânsito que ordena parar. Eles entendem que a lei não é criada inutilmente, ou para explorar ou submeter o cidadão a situações de desconforto, mas ela existe como instrumento benéfico e regulador da sociedade.

Para o brasileiro isso parece um absurdo, pois ele acha que a lei não foi feita para ser obedecida. Aliás, o brasileiro desconfia de qualquer lei que venha do Estado.

Peter Kellemen[88] lembra que no Brasil as leis devem ser reinterpretadas, pois o Governo as decreta com um cálculo prévio do percentual de desobediências. O povo atua como um grande filtro para as leis. Os funcionários públicos pequenos e poderosos geralmente criam a sua própria maneira de interpretar a lei para o povo.

É adágio para o povo brasileiro que as leis existem para serem quebradas. "Quem faz conta da lei?" Entre o "não" da lei e o "sim" do cidadão encontra-se o jeito para que o seu caso seja resolvido. Um famoso refrão sobre isso foi proferido por Rui Barbosa:

> De tanto ver triunfar as nulidades
> De tanto ver prosperar a desonra
> De tanto ver crescer a injustiça
> De tanto ver agigantar-se o poder nas mãos dos maus
> O homem chega a desanimar-se da virtude
> A rir-se da própria honra
> E a ter vergonha de ser honesto.[a]

[a] Provavelmente este famoso refrão foi pronunciado num discurso diante do Senado Federal no dia 17/12/14, conforme informação obtida junto ao serviço Folha Informações em 29/09/89. O texto foi extraído de Byron de Sousa (1988, p. 162). Veja também Farmácia de Pensamentos, de Sonia de Aguiar, p. 141

Leers[89] acredita que o homem "jeitoso" não é um anarquista ou um fora-da-lei. Ele se atira contra o sistema ou contra a ordem estabelecida, passa desta vez por fora, dá uma volta por conta própria e desvia-se da estrada indicada, ainda que essa estrada continue a existir.

Leers tem razão nisso, pois o brasileiro não nega a existência da lei, o que ele nega é a sua aplicação naquele momento. A estrutura normativa permanece de pé, pelo menos para dar um certo grau de segurança à sociedade como um todo. Ao dar um jeito, a própria pessoa dispensa essa segurança da lei.

Há aqui uma reciprocidade interessante: se não existisse a lei ou a norma, não existiria o jeito. Mas o jeito existe para dar razão à existência da lei. Se não existisse o "não pise na grama", não haveria o jeito de cortar o caminho pelo meio do jardim. O caos estaria estabelecido pois nem o resto da grama existiria!?

Além disso, o jeito é uma ação para tentar inibir a punição ou para evitar resultados negativos. Aqui o jeito é uma resposta à ausência de limites éticos, produto da flexibilidade do próprio jeito. Essa elasticidade propiciada pelo jeito nos induz a uma flexibilidade de consciência, pois a pessoa que quer dar um jeito não se preocupa com as normas ou regras. "Quer se trate de um golpe sujo ou da salvação ('graças a Deus'), o jeito não obedece a nenhum regulamento interno, é livre, um jogo de liberdade sem limites ou fronteiras".[90]

Um exemplo dessa fuga da aplicação de uma lei é quando um motorista comete uma infração no trânsito e a pontuação em sua ficha já está no limite permitido. Ele procura alguém da família habilitado que não tenha acumulado pontuação ou que ela seja menor que a dele e solicita que a infração seja atribuída a essa pessoa. "É o jeito. O que fazer?", diz ele.[91]

Outro exemplo foi citado por uma pessoa que que recebeu uma multa de trânsito por excesso de velocidade. Embora a foto obtida pelo radar comprovasse a infração, ele conseguiu o arquivamento da multa contratando uma empresa. Milagres acontecem!

capítulo 11

O JEITO É INDIVIDUALISTA

Individualismo é achar que tudo no mundo
existe só para si próprio.

L. S. Rega

Outro enfoque negativo do jeito é a sua individualidade. Esse é o caráter "centrípeto"[a] do jeito que, neste caso, é estéril, pois só vê o indivíduo. Isso é visto nos adágios populares "cada um cuide de si mesmo", "cada um por si e Deus por todos".

Leers crê que o jeito é "uma solução tipicamente individual e nunca faz uma política coletiva, embora seja uma prática bem socializada... o homem vai limitando o espaço de seu mundo até não enxergar senão somente a si mesmo".[92] Quando o jeito desativa a força da norma por interesse próprio, passa a ser "um sacrifício do bem comum no altar do individualismo".

O que vale é a própria existência do indivíduo e não o sistema de normas. O jeito é o culto à autonomia humana que não se dobra à imposição da lei. Neste caso o homem é dono de sua própria sorte e crê que até Deus o perdoará. Aliás o brasileiro chegou até a nacionalizar Deus.[93]

---

[a] "Centrípeto" é aquilo voltado para o centro, para si mesmo.

Duas idéias fizeram sucesso no seminário Brasil Século 21 realizado em 1988. A primeira é a da cultura inflacionária, manifesta por meio de declarações em favor de uma inflação de 20% ao mês, desde que estável. Os problemas causados pela inflação geraram a segunda idéia: trata-se do "efeito Gerson",[b] ou a suposição de que se deve levar vantagem em tudo.

Para o antropólogo Roberto Da Matta, o grande "pecado do brasileiro é achar que é uma pessoa que deve ser tratada de modo especial. Essa coisa de querer levar vantagem em tudo é encarada seriamente pela maioria."[94]

[b] As expressões "efeito Gerson" ou "lei de Gerson" são hoje utilizadas pelo povo brasileiro para dizer que se quer levar vantagem em alguma coisa. Essas expressões surgiram a partir de 1976 devido a uma série de doze comerciais do cigarro Vila Rica, veiculada durante três anos na imprensa escrita e falada. O protagonista dessa série foi o então jogador brasileiro de futebol, Gerson Nunes de Oliveira (hoje com mais de 50 anos). Numa reportagem ("Em Nome da Lei, Certo", Veja, 08/05/91, pp. 56-58), Gerson explicou que ele apenas leu o script que a agência de propaganda Caio Domingues & Associados lhe deu. A idéia era vender um cigarro de 100 milímetros por três cruzeiros (valor na época), enquanto seus concorrentes custavam cinco. Segundo a agência de propaganda, essa era a vantagem. Na verdade a frase "Leve vantagem, leve Vila Rica" apareceu num comercial anterior, com Felipe Carone e Maria Lúcia Dahl. Contudo, foi Gerson quem teve de carregar esse estigma. O publicitário Washington Olivetto tentou revogar a "lei de Gerson" num comercial para a Wolens, mas ficou só na tentativa. Gerson também não quis participar dela.

capítulo 12

O JEITO SÓ PENSA NO AGORA

Quanto menos trato as plantas do pomar, mais ampla é a invasão da erva daninha.

Anônimo

O jeito é imediatista. Centrado na imaginação criativa do homem, Leers[95] ressalta que o jeito corta o fio da tradição e da normatividade, a esperança de observância obediente, e cria um novo espaço de ação e uma nova espécie de ato humano, que provavelmente não se repetirá. É tão passageiro como a vida de uma mosca. Jeito é o lugar no espaço real dinâmico da vida em que surge algo novo que ainda não era e não mais será.

Na realidade, o jeito é um produto de 'aeon' e das condições e limitações que a existência passageira neste mundo impõe aos pobres mortais. A capa da liberdade criativa encobre a nudez do homem peregrino, lançado neste mundo.

Dar um jeito é como uma fotografia instantânea que paralisa a imagem por alguns momentos findos os quais tudo volta ao que era. Por isso mesmo, o jeito é a lei do "menor esforço", não deseja investir em ideais. Neste sentido o jeito é uma conduta ética que não pensa nas conseqüências. E agora para enriquecer o seu voca-

bulário, posso lhe dizer que no campo da ética dizemos que o jeito é não-prudencial [a] e voltado ao indivíduo.

Para usar outra palavra, que talvez seja complicada, porém mais apropriada, eu diria que o jeito induz a uma conduta ética niilista, ou seja, sem ideais, associada ao adágio popular "deixa como está para ver como é que fica". Como bem lembra Gomes[96], essa conduta gera um vazio existencial estéril pois, na tentativa de resolver oposições o indivíduo acaba por não assumir nenhuma posição.

O jeito é um imediatismo e utilitarismo egoísta. "Os fins justificam os meios". É preciso encontrar uma saída para o dilema e, uma vez encontrada, o jeito deixa de existir.

[a] Ética prudencial é aquela que estabelece o padrão das decisões à luz das conseqüências que podem ser produzidas. A ética prudencial também é conhecida como ética teleológica. Veja mais em Forell, 1973, pp. 39ss.

capítulo 13

O JEITO E A CORRUPÇÃO

No abacaxi da CPI, os bananas perguntam, os laranjas respondem e, no final, um mamão lava o outro.

Tutty Vasques

O jeito não se contenta apenas em transgredir a norma. Às vezes, pela própria transgressão da norma, é preciso dar um jeito para não haver punição. Neste caso há a união incestuosa entre o jeito e a corrupção.

"Eu preciso dar um jeito para conseguir ganhar essa concorrência." "Eu não posso ser condenado. Como dar um jeito nisso?" "Deve haver um jeito de apressar esse processo na repartição pública." "Como dar um jeito de o fiscal esquecer essa lei?"

Para responder a estas indagações do "arroz-com-feijão"[a] dos brasileiros, entra em campo a corrupção. Esta é alimentada pelo suborno[b], que nada mais é do que pagar alguma autoridade para interpretar favoravelmente ou mesmo esquecer alguma norma, ou

[a] "Arroz-com-feijão" é uma expressão popular no Brasil que significa o cotidiano, o dia-a-dia.

[b] Suborno vem do latim subornare (equipar, preparar, armar secretamente) e, segundo o dicionário Aurélio, significa dar dinheiro ou outros valores a alguém para conseguir coisa oposta à justiça, ao dever ou à moral.

ainda para alguém ganhar uma concorrência ou apressar algum processo. Nesse sentido Antenor Batista[97] cita o adágio popular em que cada homem tem o seu preço.

Toda atividade em torno dessa união incestuosa da corrupção e do jeito demonstra o mecanismo da corrupção que gira em torno do "por fora", do "por baixo", do passar por cima, do subentendido, do que não foi dito nem escrito mas está acertado, do "passar a graxa", do "molhar a mão", da "maracutaia", do "pagar bola", do agilizar, do deixar de lado, do "cambalacho", da "gambiarra", da "tramóia", da "mutreta", do "fazer um rolo", da "falcatrua", do "dar um chaveco", que são sinônimos de "dar um jeito".

Para amenizar a consciência, é mais fácil usar outras expressões tais como "pagar uma cervejinha", "dar uma contribuição", "pagar a taxa de urgência."[98]

A publicitária Christina Carvalho Pinto Moy afirmou que "por trás do jeitinho está insinuado todo processo de corrupção que assola o país."[99] Aqui o jeito para se tornar realidade precisa da ajuda de terceiros (do fiscal, do funcionário público, do padrinho, do pistolão) por cujo auxílio a pessoa favorecida se torna devedora. Como se diz no jargão popular "ficou com o rabo preso."

Mas também aqui a situação pode ser contornada. O favorecido pode fazer propaganda aos seus companheiros e conhecidos do caminho que descobriu para salvar-se. Ele oferece seus serviços a terceiros, que agora são quartos e ainda tem a vantagem de ter-se feito conhecido daquele fiscal, funcionário público, cambista ou contrabandista. Eu vou falar com fulano, ele conhece alguém naquela repartição que dá um jeito no caso. De corruptor passou a ser prestador de serviços, chegando a consultor do jeito. [c]

[c] Esse procedimento é comum na troca de cheques, em dólares, de alto valor. O cambista aceita com certa facilidade o cheque de um terceiro que foi recomendado por um cliente antigo. O mesmo se repete na compra de equipamentos "alternativos" de informática. Aliás, hoje, sem que as autoridades competentes tomem qualquer atitude, as ofertas e os telefones de diversos "fornecedores" desses equipamentos figuram nos principais jornais de São Paulo, Rio de Janeiro e de outras grandes cidades. Isso prova que tal procedimento se institucionalizou, com a ajuda dos jornais, que se encarregaram de mais essa prestação de serviços.

Em seu livro sobre a história da corrupção no Brasil, o jornalista Pedro Cavalcanti afirma que já na época da monarquia "ela fornecia a 'graxa' necessária para a movimentação dos grandes empreendimentos de que o país necessitava".[100] Não é de admirar que os meios de comunicação noticiem intensamente a coalizão da corrupção com líderes governamentais em grande parte da história do Brasil, notadamente após o caso Collor-PC.[d]

Cavalcanti[101], citando Robert Edgar Conrad, autor de Tumbeiros, conta que se dizia no Rio de Janeiro que as autoridades portuárias recebiam 800 mil réis de suborno para liberar cada navio preparado para o tráfico. Ele mencionara também a consulta que D. João VI fez ao Padre Vieira sobre a conveniência de dividir as terras do Maranhão-Pará em dois governos. O padre apenas sugeriu que as coisas ficassem como estavam pois "um ladrão num cargo público é um mal menor do que dois".[102]

Ficou famosa a expressão "caixinha do Ademar" composta de verbas secretas extorquidas de bicheiros e prostitutas na época em que Ademar de Barros era líder político no Estado de São Paulo. Entre os ademaristas[e] discutia-se sobre a necessidade ou não de prestar contas dessa caixinha, e a quem ela seria encaminhada. Essa história foi amplamente divulgada nos jornais da época, e a ela Cavalcanti[103] também se refere.

A manifestação popular entendia que Ademar era o "homem que rouba mas faz".[f] Essa expressão não era vergonhosa ou pejora-

---

[d] A título de exemplo, pode-se citar Lúcia Avelar, que coordenou o trabalho de publicação de um artigo na revista Marie Claire ("Afinal, o que é honestidade?", nº 9, dez/1991, Editora Globo, p. 68). Com base em um levantamento feito pela revista Veja, esse artigo menciona que, entre a posse do presidente Collor, em 15 de março de 1990, e o mês de setembro de 1991, os quatro maiores jornais do país registraram 230 denúncias de corrupção, o que dá uma média de um caso a cada 60 horas.

[e] "Ademaristas" era a expressão pela qual eram conhecidos os partidários do político Ademar de Barros.

[f] Na história da política brasileira, essa expressão foi aplicada pelo povo a outro político famoso cujo nome transformou-se popularmente em verbo como sinônimo de roubar, corromper, levar vantagem, etc.

tiva, mas filosofia de trabalho, emblema, grito de guerra, inspiração de propaganda para os ademaristas.

Paulo Duarte[104] concluiu que os desembargadores nomeados pelo então Governador de São Paulo, Sr. Ademar de Barros, se achavam mais presos ao espírito de gratidão do que ao espírito do cumprimento da lei e da justiça. Ele dizia que a maior parte "não se vendeu ao deus dinheiro, deu a alma ao Diabo de graça."

O assunto "Ademar de Barros" era tão popular que nos anos 50 surgiu uma marchinha que dizia:

> Quem não conhece?
> Quem nunca ouviu falar
> Na famosa caixinha do Ademar?
> Quem deu livros, deu remédios, deu estradas
> Caixinha abençoada.[105]

A expressão "tornar-se filho da folha" era famosa e significava arranjar um emprego público. O tesoureiro-mor de D. João VI, Bento Maria Targini, o Visconde de São Lourenço, afirmava "menino, trate de mamar enquanto a vaca dá leite",[106] se referindo às facilidades que o funcionalismo público oferece.

Ficou popular a expressão "aos amigos tudo, aos inimigos a lei"[g] representando o favoritismo que autoridades governamentais oferecem a parceiros e amigos que os impulsionaram ao poder. Esse adágio popular assenta o fato da desigualdade perante a lei que o cidadão comum tem de enfrentar. No Brasil é preciso ter um "cartuchão", um "pistolão" ou um "padrinho" para que a lei possa estar do lado do indivíduo.[h]

---

[g] Não foi possível encontrar documentos sobre a origem dessa expressão. Em alguns depoimentos, as pessoas diziam que ela foi criada pelo ex-presidente Getúlio Vargas; outros diziam que foi em Benedito Valadares, ex-interventor de Minas Gerais, nomeado por Getúlio Vargas. A expressão foi encontrada nas seguintes fontes: Da Matta (1980, p. 20), Leers (1982, pp. 71,79), Ricardo Semler ("SOS Corrupção", Folha de S.Paulo, 29/09/91, caderno 1, p. 15).

[h] Hoje se diz que, para conseguir um emprego nalguma repartição pública, é preciso ter QI, que neste caso não se refere ao Quociente de Inteligência, mas Quem Indica.

Cabe aqui uma figura oficial no processo de navegação legal no Brasil – o despachante. Esse "profissional do jeito" possui a chave que abre quase qualquer porta nas repartições do Brasil. Ele faz amigos na maioria delas e conhece de "cor e salteado" as mudanças nas leis. É uma espécie de sacerdote, mediador entre as temíveis autoridades e o indefeso cidadão.

Da Matta[107] afirma que o despachante é um especialista em obter documentos de forma facilitada dentro das repartições oficiais. Como figura sociológica, sua magnitude só pode ser avaliada à medida que percebem a grande dificuldade de juntar, no Brasil, lei e realidade social cotidiana.

Nesse enfoque, portanto, o despachante mais parece um padrinho, pois age como um mediador entre a lei e o cidadão. Ele guia seus clientes pelos estreitos e perigosos meandros das repartições oficiais, fazendo-os trilhar pelo caminho certo, pois ele conhece o "caminho das pedras".

No Brasil quase todas as exigências existem para preencher formalidades. Basta reconhecer uma assinatura no cartório, bater uns carimbos aqui e ali e tudo está resolvido. É corrente na "boca do povo" que o lema do atendimento público é "criar dificuldades para vender facilidades".[108]

Hoje, para sobreviver no meio de tanta complicação burocrática, além do despachante há outros profissionais do jeito: o advogado, o contador e as empresas lobistas que vendem verbas federais aos municípios ou que facilitam favores junto às autoridades.[109] Aliás espero que um dia algum antropólogo faça um estudo sobre os usos e os abusos do carimbo no Brasil. O livro talvez pudesse receber o título "O Mito do Carimbo no Brasil."

Moser[110] levanta a hipótese de que são os ricos e poderosos que manejam a lei para seu proveito, dando um jeito nela. Não é possível concordar integralmente com Moser, uma vez que a vida prática demonstra que o jeito é uma atitude comum e generalizada en-

tre o povo brasileiro, seja qual for a sua formação educacional e seu poder aquisitivo.

Hoje o cidadão comum no Brasil se vê no direito de usar o jeito. Em diversos depoimentos foi possível observar que para "amansar" algum guarda rodoviário inescrupuloso não precisava ser rico e poderoso, bastava pagar a famosa cervejinha.[i]

O lado positivo do jeito só tende a aliviar o brasileiro da vida oprimida que muitas vezes tem de vencer, enquanto que o negativo (confronto com as normas, a corrupção) gera situações delicadas que comprometem a conduta ética do cristão. Aí surgem os dilemas éticos do jeito que necessitam de mais espaço para serem analisados. Vamos virar a página, então?

[i] Em alguns depoimentos as pessoas diziam que já deixavam algum dinheiro junto aos documentos do carro, para o caso de serem abordadas.

PARTE 5

DIFICULDADES ÉTICAS

Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento.

Apóstolo Paulo

Nesta parte serão apresentados alguns dos dilemas éticos envolvidos no jeito. É claro que não foi possível mapear todos pois confesso que isso seria impossível. Então, vou fornecer-lhe apenas um ponto de partida ao apresentar-lhe pelo menos quatro desses dilemas. Desse modo, deixo um pouco do trabalho para você. Aliás cada leitor é convidado a dar continuidade a este livro. Basta ler a introdução para saber como fazê-lo.

Como foi dito anteriormente, é possível defrontar-se com algumas situações cuja única saída é o jeito e, com isso, desvia-se do caminho da normalidade. Bem, dizemos que é aqui que surgem os dilemas éticos. Mas afinal o que é esse tal de dilema? "Dilema ético", neste livro, representa uma situação de natureza ética embaraçosa com saídas difíceis ou prejudiciais.[a] A situação se torna muito complicada se for levado em conta que o jeito se institucionalizou na cultura brasileira e que extraoficialmente é aceito oficiosamente.

---

[a] A palavra "dilema" representa isso mesmo. "Estou num dilema" significa que estou numa situação difícil, para a qual talvez nem haja saída.

O cristão brasileiro está inserido nesse contexto e essa institucionalização do jeito chega a um ponto tal que, na maior parte das vezes, se ele não seguir o jeito não lhe restará quase nenhuma alternativa, ou jeito. Parece que, no Brasil, para viver sem o jeito precisaríamos recolher-nos num mosteiro ou convento, não é verdade?

capítulo 14

O JEITO E A INCONSISTÊNCIA DAS LEIS

O Ministério da Saúde adverte: o salário mínimo é prejudicial à saúde.

Frase num pára-choque de caminhão

Em geral o conceito que o brasileiro tem do Governo é de descaso e repulsa. Padilha[111] afirma que o brasileiro não crê nas instituições. Aqui as leis não são feitas para serem obedecidas, elas servem como meras formalidades e, como se fossem uma doença infecciosa, "pegam" ou "não pegam". A lei certamente pegará se a penalidade for suficientemente alta.[b] Não bastasse isso, já se tornou diversão nacional colocar a culpa no Governo de tudo o que sai errado.

Sobre isso, o antropólogo Roberto Da Matta afirma que "a alocação da responsabilidade no outro é dado social típico das sociedades hierárquicas. Culpa-se o nobre, o nobre culpa o rei, o rei culpa Deus (ou o Diabo) e as acusações voltam de cima para baixo rolando as cabeças nas inquisições".[112]

O ministro da infra-estrutura do governo Collor, João Santana, mencionou que o Programa Federal de Desregulamentação, promo-

[b] Jânio da Silva Quadros, já falecido, quando exerceu seu último mandato como prefeito da cidade de São Paulo, determinou o aumento das multas por infrações no trânsito conseguindo criar um espírito de respeito no trânsito da cidade. "Vou estacionar melhor, senão o Jânio vai me multar", diziam.

vido por aquele governo, revogou 107.285 decretos. Dados revelados na época pelo Palácio do Planalto em Brasília mostram que no governo Collor se pretendia eliminar cerca de 2 milhões de documentos por ano e revogar mais 18 mil decretos.[113]

Em 1998, a Câmara Municipal da cidade de São Paulo estava estudando a possibilidade de substituir 12.666 leis obsoletas por apenas 46. Um exemplo típico foi a Lei 3.059, de 11/06/27, ainda em vigor naquele ano, que regulamentava a atividade dos cocheiros de carroças e condutores de bondes, que já não existem há muito tempo.[114]

Os números falam por si só demonstrando a parafernália legal em que o brasileiro está perdido como "uma agulha num palheiro". O conceito popular é que as leis são tantas que é melhor nem conhecê-las. Um fato que acentua essa atitude é o conceito paternalista que o brasileiro tem do Governo, é o Estado benfeitor de que fala Torres.[115]

Castello afirma que "o que vigora no Brasil hoje é uma razão cínica... existe um elo entre o político que lesa o erário público, o cidadão que ultrapassa o sinal vermelho e o assaltante que mata. Todos deixaram de levar em conta a lei."[116] Segundo ele, num certo sentido, não há nenhuma diferença entre o cidadão que estaciona em fila dupla para esperar o filho na saída do colégio e o marginal que fuzila o caixa de um banco. Na verdade os dois "atuam munidos da ilusão de que, apesar de tudo, irão escapar."[117]

A revista Veja-SP fez uma pesquisa e apurou os sete pecados capitais que o paulistano mais comete no trânsito: parar sobre a faixa de segurança, fechar o cruzamento, passar no sinal fechado, andar sem o cinto de segurança, não usar farol baixo à noite, ultrapassar pela direita e estacionar em fila dupla.[118]

O que a revista não mencionou é que em muitas destas transgressões o motorista é obrigado a desobedecer ou não consegue transitar pela cidade. Como exemplo podemos mencionar a ultra-

passagem pela direita. Talvez por motivos educacionais, o motorista aqui transita pela esquerda seja qual for a sua velocidade. Muitas vezes o faz sossegadamente, conversando com alguém a seu lado, com o braço esquerdo para fora da janela e gesticulando com o direito, ou mesmo usando o telefone celular. Ora, a faixa da esquerda serve para a velocidade máxima do trecho e para ultrapassagens. Mesmo dando sinal com o farol, o motorista da frente continua seu tranqüilo trajeto. O jeito utilizado é ultrapassar pela direita.[c]

Aliás auto-escola no Brasil não é escola onde se aprende a dirigir, serve apenas para obter sua carteira de habilitação. A educação no trânsito deveria vir desde a auto-escola, por isso é que se chama escola. O instrutor do meu filho mais velho achou interessante que ele já conhecesse muitos "macetes" do trânsito ao entrar na auto-escola. O instrutor lhe confessou que aqueles macetes normalmente não eram ensinados nas aulas.

Então as autoridades brasileiras aprovam um Código do Trânsito que mais parece outro recurso para rechear os cofres públicos que um instrumento para orientar e ordenar de fato e adequadamente o trânsito. Mas é preciso mais que um código escrito. É necessário fiscalizar, melhorar as condições das vias públicas e a formação dos nossos motoristas.

Em minha opinião a responsabilidade pela engenharia e orientação do tráfego não deveria ser dos militares, como ocorre em alguns estados. Na televisão, falam sobre trânsito defensivo e ostensivo. Isto é linguagem de guerra, é linguagem militar. Ora o trânsito não é guerra. O trânsito envolve comportamento humano e planejamento. Deveria ser administrado por psicólogos e gerentes.

A ação no trânsito deve ser reativa (quando um carro pára em minha frente, devo também parar para evitar uma colisão) ou proativa (devo prever ações para evitar acidentes: não parar na pis-

[c] Em visita às principais capitais do país foi possível observar o mesmo fenômeno.

ta, mas no acostamento; ter visão do tráfego como um todo e não apenas do espaço imediatamente à frente do meu carro).

Outro exemplo típico é o estacionamento em fila dupla diante das escolas. Em geral, há falta de vagas no perímetro da escola, pois na prática dá-se um jeito na exigência de um espaço suficiente para o estacionamento dos pais, prevista na legislação que trata do pólo gerador de tráfego. É bom mencionar que é comum a partir de determinada hora da noite o motorista não parar no sinal vermelho. Neste caso, Barbosa[119] comenta que "é mais fácil e mais cômodo, arriscar-se a um acidente de trânsito do que perder a vida e valores em um assalto no sinal de trânsito."[d]

O combate à criminalidade é outro assunto que demonstra a inconsistência da ação governamental. O Jornal da Tarde, de 15/01/2000, apresenta interessante notícia demonstrando que a polícia paulistana combate o crime em lugar errado por falta de planejamento. Essa advertência foi feita pelo coronel PM José Vicente da Silva e pelo professor de estatística José Peres Neto, depois de intensa pesquisa que considerou nada menos que 415.991 registros policiais feitos na capital paulista em 1998.

Em outras palavras, esta notícia demonstra que a polícia paulistana parece não enfatizar efetivamente a ação preventiva ou profilática, pois combate de modo generalizado a incidência do crime em vez de realizar um trabalho de planejamento estratégico.

Aliás será que eu estaria correto em pensar que o estudo profilático ou preventivo da criminalidade não é primariamente coisa para militares mas para psiquiatras, psicólogos, teólogos, sociólogos e assistentes sociais? Em geral o policial é treinado para a repressão e não para a prevenção.

Assim como as placas de orientação de trânsito são meros adornos coloridos para enfeitar a cidade, na esfera governamental os

[d] Com a deficiência da ação policial nos grandes centros urbanos, o cidadão se vê sozinho e obrigado a transgredir, por exemplo, a posição de passar com sinal vermelho.

programas não são cumpridos, e as medidas provisórias e as leis não pegam. O povo parece não acreditar mais no país. Já na década de 1970 vi em diversos muros a pixação "Brasil: ame-o ou deixe-o; o último que sair apague a luz!" Castello afirma que o brasileiro é "um povo que não consegue crer. O que houve? Os indivíduos no Brasil tornaram-se social e moralmente supérfluos... e são postos em situação de desqualificação e tutela."[120]

Nem o cálculo da inflação é seguro. Mesmo antes do Real havia muitos índices,[121] e hoje o Real envelheceu esses mesmos índices, além de estar provocando sua alteração conceitual e o surgimento de novos índices.[122] Ainda hoje é comum os jornais denunciarem que as estatísticas são manipuladas e torturadas. Sobre isso o ex-ministro Antonio Delfim Netto citou o economista Ronald Harry Coase que disse "se torturarmos os dados estatísticos por um tempo suficiente, a natureza sempre acabará confessando."[123]

Barbosa[124] ilustra a inconsistência legal informando que a lei 6368, chamada Lei de Entorpecentes, promulgada em 1976, tem verdadeiros túneis por onde escapam os traficantes.

Outro exemplo, já esquecido por muitos, se refere à retenção da poupança pelo governo Collor.[e] Cidadãos comuns que acreditavam no esforço do trabalho honesto, na economia doméstica e na poupança a longo prazo, "garantida" pelo Governo Federal, foram penalizados junto com os vilões da época, os grandes especuladores, que nada mais estavam fazendo do que se beneficiar do sistema financeiro vigente no país com a anuência do próprio Governo.

Para enriquecer esta pauta, é preciso mencionar ainda a carga tributária sofrida pelo cidadão e pelo empresariado brasileiro. Batista afirma que a "saturação de tributos, de juros e conseqüente endividamento debilitam ainda mais certas camadas da população, aumentando os efeitos anti-sociais."[125]

---

[e] O povo chamou isso de confisco financeiro. Nessa ocasião, a ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, no dia seguinte à posse do ex-presidente Collor, afirmou em cadeia de televisão que o governo precisava tomar uma atitude contra os especuladores.

Os especialistas na área jurídica e econômica calculam que há entre 53 e 57 tributos diferentes para o brasileiro absorver.[126] Um grande jornal da cidade de São Paulo calculou que a carga diária de impostos absorvida por um brasileiro médio soma 15,93% de seu salário.[127] Outro grande jornal calculou que a classe média brasileira gasta 154 minutos do trabalho diário com impostos, o que significa que 10 dias por mês são gastos com tributos.[128] Vamos lembrar que o nosso primeiro sistema tributário nasceu em 1534, logo após o descobrimento do Brasil.[129]

Além da quantidade de tributos, a sua carga é excessiva. A Folha de São Paulo demonstrou, em 16/01/2000, que um grupo de novas distribuidoras de combustíveis – aproveitando-se de brechas na legislação – consegue pagar uma alíquota menor de impostos obtendo até 600% a mais de lucro do que as distribuidoras tradicionais. Além de mostrar as brechas legais, este artigo denuncia a excessiva carga tributária.

O então governador do Estado de São Paulo, Luiz Antônio Fleury, disse que "está demonstrado: quando a carga tributária é excessiva, ou se há um aumento insuportável, não aumenta a arrecadação, mas sim a sonegação."[f] A taxação de um carro, por exemplo, já chegou a atingir 51,7%, ou mais da metade do seu valor.[130]

Não poderia deixar de ser mencionado que muitas empresas deram um jeito nessa situação instituindo o chamado "caixa dois", isto é, um controle financeiro paralelo e confidencial que visa a registrar o dinheiro clandestino que circula na empresa proveniente de negócios realizados sem o pagamento de tributos.[g] O assunto é

---

[f] "Fleury Defende Menos Impostos", Jornal da Tarde, 23/11/91, p. 6. No Jornal da Tarde ("A Curva de Laffer e o Limite dos Impostos", 23/01/92, p. 9) é apresentada a Curva de Arthur Laffer, economista norte-americano, demonstrando que não adianta aumentar os tributos acima de um certo limite porque a arrecadação cai. Esse limite é fornecido pela renda efetiva gerada pela produção de um bem ou de um serviço.

[g] Neste caso usa-se o expediente de comprar sem nota e vender sem nota; ou com meia-nota. No caixa dois são registradas também as comissões recebidas e/ou pagas "por fora" nas concorrências, as compras de notas frias para crédito de imposto, sobras de vendas de imóveis com registros oficiais inferiores, etc.

tão sério que a revista Exame, dedicada ao público empresarial, trouxe uma reportagem especial sobre o caixa dois, demonstrando a rota do dinheiro clandestino.[131] De tão corriqueiro o assunto, foi tema de uma peça de teatro encenada em São Paulo.

Alguns depoimentos colhidos pela reportagem valem a pena ser mencionados.

> "O princípio é muito simples: ao se celebrar uma operação de compra e venda, basta um acordo entre os dois parceiros e a instituição batizada de caixa dois começa a ganhar corpo."
> "Todas as ordens de serviço e controle das mercadorias vendidas sem nota são incineradas."
> "Alguns empresários conseguem tocar com absoluta harmonia dois caixas paralelos: um só para o fiscal ver e outro para lhes permitir manter o negócio."
> "Para manter o faturamento da empresa num nível viável, eu não tenho outra saída senão sonegar."

Não são apenas altos empresários que se utilizam desse expediente. Quando um médico ou dentista estabelece dois preços para a consulta, um com recibo e outro sem, está zelando pelo seu caixa dois. A reportagem termina afirmando que a existência do caixa dois, "antes de ser um problema moral, revela um dos lados patológicos do mundo dos negócios". De fato, o caixa dois pode até não ser privilégio brasileiro, mas aqui se tornou cultura e hábito.

Na década de 1970, quando eu exercia a profissão contábil, um fiscal da Fazenda do Estado me contou que procurava visitar as empresas quando o dono ou o contador não estivessem. Então pedia os livros contábeis e fiscais a um funcionário subalterno. Após checar se todos os livros estavam ali, solicitava o caixa dois. Por diversas ocasiões, este mesmo funcionário ingenuamente lhe trazia o documento pedido.

O desespero pela incoerência das leis no Brasil chega ao ponto de Castello afirmar que neste país se "pensa assim: ou você explora,

ou você engana, ou você é calhorda, ou você é escroque, ou não há saída. Por quê?", pergunta ele. "Porque quem faz a lei é quem manda, quem se beneficia da lei são os amigos, quem legisla está comprometido unicamente com seus interesses pessoais."[132]

Num depoimento, uma pessoa estava desesperada por causa do caixa dois. Ela estivera desempregada por diversos meses até que finalmente encontrou um emprego. Depois de algumas semanas fora transferida, sem alternativas, para dirigir um setor que controlava o caixa dois. Que atitude tomar diante da crise de desemprego no país?

Situações como estas ilustram como a transgressão, no Brasil, se tornou um estilo de vida a ponto de uma pessoa pensar em ludibriar o imposto de renda antes mesmo de ter alguma coisa a declarar. Aliás, na época do preenchimento da declaração do imposto de renda, são publicados inúmeros artigos em jornais explicando as "armadilhas" do imposto,[133] sem contar com o fato de que o sinônimo de imposto de renda, que foi escolhido pelo próprio governo num dado momento, foi o leão.

É bom lembrar que um leão é um animal selvagem, impiedoso, opressor e devorador de suas vítimas. Não haveria figura mais infeliz e impiedosa do que essa para um imposto que se diz ser aplicado para o bem social! No fundo, a escolha deste apelido para o imposto de renda parece ter sido um ato falho governamental.

Essas situações demonstram que o combustível para movimentar a sociedade brasileira é o jeito, a "escapada", o contorno às leis. E aí surge o dilema: ou você segue o jeito contornando a lei, ou você sofre as conseqüências, que muitas vezes tem sido ficar sem emprego para sustentar a família, ou tornar uma empresa financeiramente inviável.

capítulo 15

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO JEITO

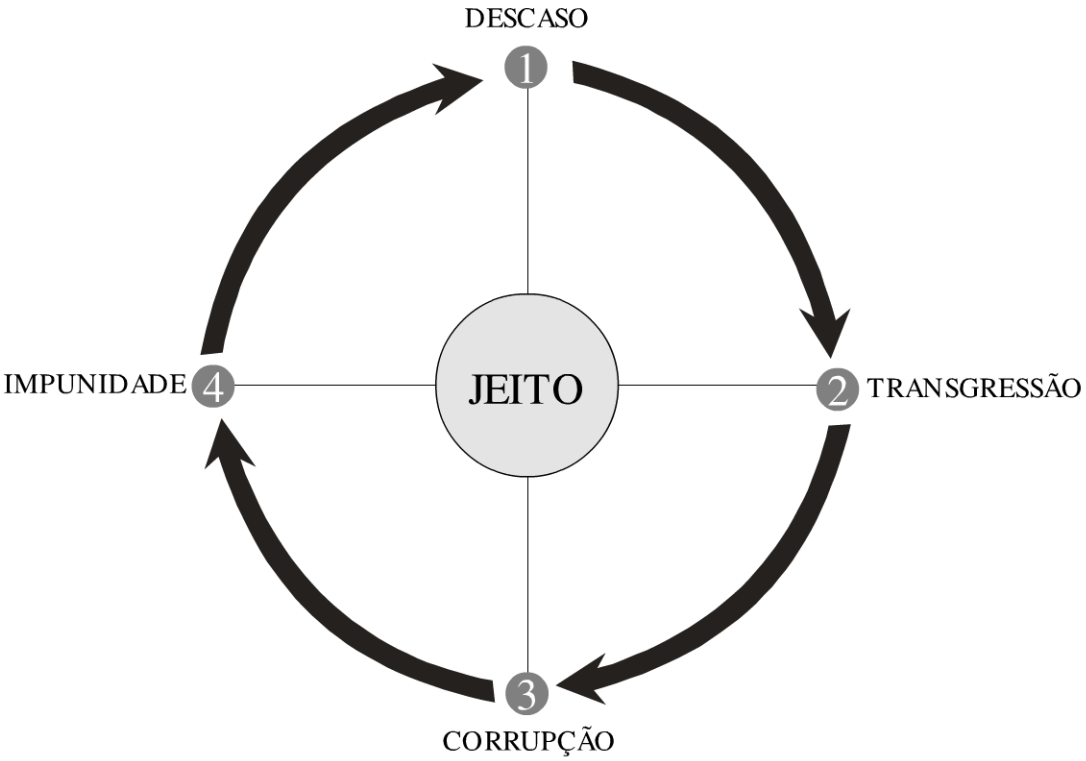
Constituição brasileira: "Artigo único: todo brasileiro fica obrigado a ter vergonha."

Capistrano de Abreu

Pode-se traçar um círculo vicioso no cotidiano brasileiro que é marcado por quatro fases, sendo o jeito o eixo motor.

Para entender esse ciclo é preciso resumir num parágrafo que, como o boi no matadouro, o brasileiro comum geralmente é empurrado em direção a essa roda. Em primeiro lugar, há um generalizado descaso das autoridades públicas em relação às necessidades reais do povo. Esse descaso ou "salve-se quem puder" alimenta o jeito, que é induzido pelo espírito livre e pela consciência "elástica". Isso leva o povo a se sentir no direito de transgredir as normas, já que "os impostos são pagos e o governo faz pouco caso disso".

Depois, para não ser punido por causa da transgressão, novamente o brasileiro dá um jeito na situação – paga suborno. É a corrupção. De um lado esse procedimento protege o transgressor, de outro reestimula o corrupto a continuar na corrupção. O pagamento do suborno gera a impunidade fechando o círculo com a continuidade do descaso e assim por diante. Vamos ver com mais detalhes cada uma das fases deste ciclo.



DESCASO DAS AUTORIDADES GOVERNAMENTAIS

O descaso das autoridades pode ser demonstrado, por exemplo, nas estradas que ficam sem a sinalização no piso, sem os acostamentos e sem a manutenção que provê a segurança necessária para a viagem tranqüila.[134]

No caso da saúde pública houve, em 1991, uma ocorrência inusitada em que o médico plantonista do Hospital Eduardo Menezes, em Belo Horizonte, Luiz Miranda Gonzaga, declarou que a causa mortis de um paciente fora a falência do sistema de saúde brasileiro.[135]

Nesta linha de raciocínio pode-se mencionar o descaso do SUS (antigo INAMPS) na compra de marcapassos para pacientes conveniados[136] e no pagamento dos honorários médicos e das despesas dos hospitais conveniados, que vivem num regime de caos.[137]

Cabe mencionar também o comportamento de parlamentares que ficam o ano todo discutindo amenidades, tendo por isso de fazer uso do expediente chamado "esforço concentrado" para apre-

ciar, a "toque-de-caixa",[a] as matérias importantes que precisam ser aprovadas antes das férias parlamentares.[138]

Barbosa[139] cita o aumento na criminalidade enquanto as autoridades competentes não investem no setor de segurança e proteção ao cidadão. Só para se ter uma idéia, em maio de 1991 havia no Estado de São Paulo 105.781 mandados de prisão sem serem cumpridos. Em todo o país estimava-se que eram cerca de 250 mil mandados a serem cumpridos.[140]

O que dizer das enchentes que nunca acabam em várias cidades, especialmente em São Paulo. A cada ano as autoridades prometem resolver o problema e na época de chuvas todo pesadelo retorna. Os jornais noticiaram que em 1989 havia 300 locais críticos de cheias freqüentes na capital paulista. Em 1999 o número subiu para 500.[141] Bueiros entupidos, legislação inadequada para a ocupação do solo, falta de piscinões e de fiscalização, etc. Para onde vai o dinheiro pago em impostos?

Recentemente estive com meu filho mais velho numa repartição pública para retirar um documento que já estava pronto, mas precisava da assinatura do chefe da repartição. Ainda que o chefe estivesse no local, tivemos de esperar por três horas até que ele se dispusesse a assinar o documento. Perdi três horas de trabalho. O interessante disso tudo é que tenho de trabalhar para pagar os impostos, que serão usados para pagar o salário desse mesmo funcionário-chefe.

No fechamento deste livro, li na Folha de São Paulo (16/01/2000) que a fiscalização de carnes é precária no Brasil. O próprio Ministério da Agricultura e a Confederação Nacional da Agricultura apresentam a estatística: Do abate nacional de bovinos de 30,2 milhões de cabeças, ficam sem inspeção 12,6 milhões. Quanto às aves: de 2,9 bilhões, 721 milhões também ficam sem inspeção. E os suínos:

[a] A expressão "toque-de-caixa" significa tomar uma atitude às pressas, sem muito planejamento e avaliação.

de 22,4 milhões, 4,2 milhões. Talvez pudéssemos parafrasear: "O Ministério da Agricultura adverte: Consumir carne no Brasil pode ser prejudicial a sua saúde."

Será que a carne que você está comendo hoje foi inspecionada pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF)? É o país do faz-de-conta.

TRANSGRESSÃO DAS NORMAS

Como foi mencionado na parte anterior, o brasileiro é, por natureza, um transgressor da lei, seja no trânsito, no contrabando, no quilo de 900 gramas, no metro de 90 centímetros, nas falsificações e nas mutretas. A estes fatos somam-se outros que, divulgados pelos meios de comunicação, vão criando no povo brasileiro ojeriza contra as autoridades, estimulando, assim, a desobediência às leis. "Não compensa ser honesto com o governo" é o comentário geral do brasileiro.

O jornalista Luciano Martins da Costa afirma que existem empresas especializadas em emitir faturas frias[b] para descontá-las no cálculo do imposto de renda.[142] Dá-se um jeito também para suprir a deficiência do SUS no pagamento dos serviços médicos. Cateteres descartáveis são reutilizados nos exames conhecidos como cateterismo, o mesmo ocorrendo com os capilares, que deveriam ser descartados a cada diálise.[c]

Confúcio Rodrigues Cavalcanti, ex-secretário-geral da Ordem dos Economistas e ex-Conselheiro Fiscal do Banco do Estado de São Paulo, destacou que nas áreas marginais da economia disseminou-se a prática do subfaturamento e outras irregularidades permitidas por um sistema de fiscalização ineficiente e corrupto. Afirmou ainda que não há um único empresário brasileiro que possa

[b] A expressão "fatura fria" ou "nota fiscal fria" significa fatura ou nota fiscal emitida por uma firma fantasma, isto é, que não existe e, portanto, a nota fiscal ou fatura são ilegais.

[c] Estes dados foram extraídos do depoimento de um profissional da saúde que não quis ser identificado.

dizer que nunca deu um jeitinho... mesmo porque em muitas circunstâncias dar um jeitinho pode ser a única saída para evitar a concordata ou falência.

O jeitinho transformou-se em tema de reuniões de diretoria nas principais empresas... E pode ser traduzido no crescimento de despesas com frete, serviços e outros disfarces. O custo do frete, normalmente inferior a 3% do total da receita líquida, em algumas empresas subiu para 8% ou 9%, produzindo uma forte evasão de impostos... O subfaturamento durante o congelamento do Plano Cruzado chegou a 50% do total dos negócios em grandes empresas...[143]

CORRUPÇÃO

Nesta roda comandada pelo jeito, o agente fiscalizador poderá ficar atento para ver se consegue apanhar algum culpado. Aliás, aqui no Brasil parece-me que todo o mundo é culpado até que consiga provar sua inocência. Esse agente pode ser o guarda de trânsito, o fiscal de tributos ou do trabalho, ou a autoridade policial. Aí não tem jeito, aliás tem jeito sim, é só pagar o "pedágio", ou "molhar a mão".

Curiosamente Cavalcanti alerta que "em algum ponto do vasto território nacional alguém está imaginando um novo jeitinho de enfiar a mão em seu bolso."[144] Ricardo Viveiros, ex-diretor da Central de Outdoor e assessor especial e chefe de gabinete do ex-prefeito de São Paulo, Reynaldo de Barros, acompanhava o então prefeito na inspeção de uma feira-livre, em 1981, quando pôde testemunhar os artifícios a que pode chegar a corrupção.

No meio da visita, o Prefeito foi abordado por uma feirante japonesa que respeitosamente lhe explicou que não poderia pagar a taxa pedida pelos fiscais pois seu marido estava doente. "O fiscal disse que a caixinha é de Cr$ 20,00 (moeda da época), metade é para ele e metade é para o senhor. Será que o senhor poderia dispensar a sua parte até meu marido ficar bom?", pediu a feirante.[143]

Cavalcanti[145] recorda que o ex-presidente Sarney, no auge das barganhas pelos cinco anos de mandato, lembrou que é "dando que se recebe". Aliás, segundo Kotscho[146], são particularmente graves os conceitos atribuídos pela população aos políticos, aos militares e aos empresários. O empresário Mario Amato escreveu que "maus políticos e maus empresários vivem uma relação incestuosa que gera negociatas e nepotismo".[147] O jornalista Sebastião Nery, tão sensível a esses fatos, publicou quatro volumes de coletâneas de histórias folclóricas da política do Brasil.[148]

Será que preciso citar as máfias que loteiam o orçamento e os serviços públicos? Os anos de 1998 e 1999 foram pródigos em revelar as diversas máfias envolvendo vereadores paulistas, administradores regionais e funcionários da Prefeitura da Cidade de São Paulo. As manchetes da Veja São Paulo (a Vejinha) revelam o resumo do caos: "A caixinha da corrupção: como as quadrilhas de fiscalização da prefeitura enriquecem achacando lojas, restaurantes, casas noturnas, academias de ginástica, jornaleiros ..."[149] "E a cidade que se dane! A Câmara Municipal – que gasta seu tempo e o dinheiro do contribuinte dando nomes a ruas, distribuindo medalhas e nomeando cabos eleitorais – fica sob suspeita ao negar-se à investigação do escândalo da corrupção".[150]

Nem bem inicia o ano 2000 e novas denúncias surgem envolvendo fraude na coleta de lixo na cidade de São Paulo[d] e uma declaração do presidente do congresso, senador Antônio Carlos Magalhães, afirmando que o orçamento da União "é uma das maiores fontes de corrupção neste país. O roubo é praticado em todos os níveis, no Executivo e no próprio congresso".[e]

A realidade do suborno e da corrupção é tão patente no Brasil que a revista Imprensa lançou um Guia da Corrupção no Brasil, e em ordem alfabética.[151] É como se o país inteiro estivesse empe-

[d] Folha de São Paulo, 12/01/2000, pp.1-1 e 3-3.
[e] Folha de São Paulo, 02/01/2000, pp. 1-10.

nhado em fazer valer o célebre diagnóstico do Brasil atribuído a Charles de Gaulle: "o Brasil não é um país sério."[f] Aqui no Brasil "tudo acaba em pizza", como diz um adágio popular.

IMPUNIDADE

Cavalcanti[152] informa que, em 4 de abril de 1989, o jornal O Estado de S. Paulo criou um espaço destinado a agrupar reportagens que tratassem de casos de corrupção ocorridos no país. Até 20 de julho do mesmo ano, a soma totalizava 496 títulos relacionados com 63 casos, entre os quais, roubos, negociatas, imoralidades e falcatruas variadas. As reportagens envolveram 60 personagens. Durante esse período, nenhum processo sobre corrupção foi conduzido até o fim. Barbosa[153] lembra que o aumento da violência e da impunidade no Brasil gerou um crescimento do mercado de alarmes preventivos contra roubos e dos cursos de artes marciais.

Nos grandes centros urbanos há uma generalizada desconfiança na organização policial. Barbosa[154] diz ainda que a maioria das pessoas já saem de casa com uma certa quantia em dinheiro destinada aos ladrões, para evitar que fiquem irritados e cometam violência maior, além do roubo.

Há ainda outros dois fenômenos que provam a impunidade no Brasil. O primeiro, que já completou mais de 100 anos de contravenção e impunidade,[155] é o jogo do bicho que, só no Rio de Janeiro, chega a movimentar algo em torno de 10 milhões de dólares por semana, empregando cerca de 50.000 pessoas, alimentando os desfiles de escolas de samba e mantendo vínculos estreitos com o crime em suas diversas modalidades.[156]

O segundo é o tráfico de drogas, que só na cidade do Rio de Janeiro chega a faturar cerca de 5 milhões de dólares por mês,[157] sem

[f] A origem desta frase ainda é obscura. Ela tanto é atribuída a um embaixador brasileiro em conversa com de Gaulle, quanto a uma resposta do então presidente da França a um padre, em 1964. Veja o jornal Folha de S.Paulo, 27/12/91, caderno 1, p. 8, para esta última versão.

contar com outras cidades como São Paulo. Não será preciso ir muito longe, basta acompanhar as investigações da CPI do Narcotráfico, presidida pelo deputado Magno Malta.

Os traficantes da favela de Jacarezinho, no Rio de Janeiro, demonstraram sua força no enterro do então tesoureiro da Falange Vermelha, Natanael Fontes Lopes, o Nael. O enterro foi acompanhado em logradouro público por cerca de 500 pessoas fortemente armadas que impediram o acesso da polícia ao local.[158]

Barbosa[159] também denuncia que tem havido perturbadoras coincidências entre a transferência de promotores públicos e juízes estaduais no momento em que as investigações sobre um caso estão progredindo e chegando a uma conclusão esclarecedora.

Odyr Porto, então presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, afirma que o problema fundamental é a falta de recursos e que "é preciso que a justiça seja mais ágil, mais acessível, e isso exige muitos investimentos." Ele ainda informa que em 1992 havia em São Paulo cerca de 3,5 milhões de processos sendo que há apenas um juiz para cada 26.500 habitantes, enquanto a proporção ideal deveria ser um juiz para cada 500 habitantes.[160] Em 1997 uma detalhada reportagem demonstrou que o Tribunal de Contas da União era incapaz de combater a corrupção.[161]

A polícia civil alega não possuir homens e veículos para capturar os 60 mil procurados pela justiça e que, se esses fugitivos fossem capturados, não haveria vagas nos presídios.[162] Nisso tudo fica a lição do jurista medieval Bonifácio, que já comparava certas leis a teias de aranhas que aprisionam moscas, mas são dilaceradas pelos grandes pássaros.[163]

No Brasil a memória do povo é muito curta para lembrar até os casos mais recentes de que não se tem mais notícias.[164] Bateau Mouche é apenas um desses exemplos. O pior de tudo é que o Marquês de Maricá parecia ter razão ao afirmar que a impunidade é segura quando a cumplicidade é geral.[165]

Uma figura típica é o que Da Matta[166] chama de "você sabe com quem está falando?". Tal atitude representa a pessoa que se impõe sobre as demais, desrespeitando a hierarquia e as normas, valendo-se de algum status para passar por cima da lei, para fugir da punição.

Um dilema ético típico desse complexo eixo cultural pode ser extraído de um caso contado por Cavalcanti[167] a respeito do governo Ademar de Barros. Em dezembro de 1950, a Imobiliária Aricanduva entrou com um pedido de empréstimo destinado à urbanização de uma gleba de terra de 2.333.916 m². Nada mais normal não fosse o fato de que 80% das ações da Imobiliária pertenciam ao então governador.

Além disso, a gleba, que fora oferecida como garantia, nem sequer pertencia à Imobiliária Aricanduva, muito menos ao governador. O loteamento até acabou recebendo o nome da esposa de Ademar de Barros, Jardim "Leonor", e foi contemplado com todos os benefícios necessários.

Um dilema ético, neste caso, consistiria em indagar se quem mora hoje nessa área não estaria sendo beneficiário de uma maracutaia, ou mesmo sendo conivente com esse jeito de resolver as coisas? Será que precisamos de mais leis ou de mais exercício de justiça neste país? Será que quando as autoridades sobem o morro ou desbancam os marreteiros estão exercendo seu trabalho, ou será que foi porque alguém deixou de pagar alguma "comissão" ou o famoso "pedágio".

O que dizer dos casos que até hoje estão impunes, como o massacre de Eldorado do Carajás, no Estado do Pará,[168] dos megaespeculadores, dos criminosos de colarinho branco, etc. Casos que acabam caindo no esquecimento, pois como já mencionei anteriormente o povo brasileiro tem sofrido de memória curta ou mesmo de amnésia.

Em 31 de dezembro de 1998, a Folha de São Paulo publicou um caderno especial intitulado "Como Ficou", no qual descreve o destino de doze casos que marcaram a história recente do Brasil. Quase todos eles sem solução, impunes.

Neste ponto, a impunidade fecha o círculo unindo-se ao descaso generalizado das autoridades, que faz com que o show continue a girar indefinidamente, impulsionado pela força motriz do jeito.

Que respostas dar ao empresário cristão que está envolvido nessa roda estonteante? E para o cristão-cidadão que é o "lado mais fraco da corda"? O cristão deverá se isolar num mosteiro não podendo assumir, por exemplo, certas atividades profissionais, como advogado, contador, fiscal, empresário, executivo, médico, motorista?

Como sobreviver nessa máquina do jeito sem ser pego ou esmagado por ela?

capítulo 16

A ECONOMIA INFORMAL OU O JEITINHO BRASILEIRO DE SOBREVIVER À CRISE ECONÔMICA

Tô só fazendo um bico.

Frase popular

A economia informal, conhecida também como economia paralela, se refere a toda atividade de trabalho geradora de recursos financeiros que não esteja legalizada e, portanto, não recolhe tributos e encargos sociais. Nesse escopo pode ser incluída qualquer atividade não legalizada, tal como fabricação e venda de doces, de chocolate, de café, de roupas, de sapatos, de brinquedos, de cachorro-quente. A pessoa pode dedicar tempo integral e, portanto, viver da economia informal. Mas se o indivíduo se dedicar apenas parcialmente a ela, então estará fazendo um "bico".

Na América Latina, a importância da economia informal é tão relevante que mereceu um livro publicado pelo economista peruano Hernando de Soto. Ele demonstra que já está em curso uma revolução informal na América Latina.[169]

Ao que tudo indica o primeiro levantamento sobre a economia informal no Brasil foi feito em 1989 pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo e coordenado pelo

professor Nelson Barrizzelli. O resultado desse estudo trouxe fatos curiosos. O desempenho da economia na área informal correspondia a um percentual que variava entre 40% e 50% do PIB, num total de US$ 176 bilhões anuais.

Nesses números não estavam computadas as atividades informais ilegítimas, como o contrabando, o tráfico de drogas e o jogo do bicho. O próprio Barrizzelli afirmou que "é um valor que ninguém seria capaz de estimar."[170] Em 1992, ele acreditava que a economia informal detinha algo em torno de 30% do PIB.[171]

O assunto é tão importante que foi capa da revista Veja, semanário de maior circulação no Brasil, do dia 6 de setembro de 1995, com o título Brasil Subterrâneo, que mereceu destaque na capa com a seguinte manchete: Brasil Subterrâneo – como 30 Milhões de Brasileiros Produzem 200 Bilhões de Dólares por Ano na Economia Informal. A importância da matéria e da pesquisa é indiscutível, visto que nos fornecem dados atualizados sobre a economia informal no Brasil. Destacamos a seguir algumas das conclusões da pesquisa:

1. O Brasil não é tão pobre como se imagina. Segundo o IBGE, há 30 milhões de pessoas, como camelôs, pequenos industriais e comerciantes, que produzem num mundo paralelo, ignorado pelas estatísticas. Eles estão enriquecendo e movimentam mais de 200 bilhões de dólares por ano.
2. Em todo mundo estima-se que 300 milhões de pessoas trabalham na economia informal, sendo que 10% estão no Brasil.
3. O mercado informal brasileiro, segundo cálculos conservadores, equivale a três economias de Portugal ou uma da Suécia.
4. Sob a ótica tributária isso é muito ruim porque o fisco arrecadaria mais se o exército da informalidade entrasse na lista dos contribuintes. Mas a pergunta generalizada que particularmente tenho ouvido é "para que pagar impostos se os políticos e o governo fazem mau uso do dinheiro?"

A explosão do mercado informal é um fenômeno típico de economia instável e pobre e "num tipo assim de economia", diz o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, "muitas pessoas garantem a sobrevivência e a dignidade na economia informal... isso é uma prova da capacidade de adaptação de uma parte da sociedade."

5. Sob a perspectiva social, o mercado clandestino é muito positivo porque provê o sustento e fornece uma renda mais digna a quem se dedica a ele.

6. As estatísticas oficiais sobre desemprego, renda ou nível de conforto perdem o sentido, pois revelam apenas um reflexo embaçado do Brasil real e uma falsa realidade sobre o perfil socioeconômico brasileiro. A pirâmide de renda é, na verdade, bem diferente da oficial. Em outras palavras, um desempregado, nos números do governo, nem sempre está de fato nessa condição. Em muitos casos, poderá ser um empresário bem-sucedido no mundo subterrâneo da economia brasileira.

7. O brasileiro de classe média é compreensivo com o amigo dentista ou médico que não fornece recibo e tende a desprezar o barraqueiro que vende doce na feira sem a devida licença.

8. Para alguns economistas que pesquisam o assunto, a economia informal estaria produzindo em 1995 pelo menos 250 bilhões de dólares além do PIB oficialmente reconhecido. Os métodos empregados nas pesquisas são diversificados, e os cálculos apurados, apenas estimativos.

    a. Método do consumo: compara-se o índice de consumo de energia elétrica e de outros índices que refletem o crescimento da riqueza do país, como o consumo de cimento. Utilizando este método, o prof. Barrizzelli estima a economia informal em 45% do PIB.

b. Método da abordagem fiscal: é baseado em auditorias da Receita Federal, que projetam a sonegação de impostos no país, principalmente quando se tem algum imposto sobre movimentação financeira popular em contas correntes, como o antigo IPMF.

c. Método da abordagem monetária: reúne os depósitos em banco, os salários, o imposto de renda, a renda per capita, a taxa de juros sobre depósitos a prazo e chega a um número que, sendo diferente do PIB oficial, indica a dimensão da economia informal. Através deste método, a economista Alice Kalyvas de Carvalho, que trabalhou na Seplan, estima o PIB informal brasileiro em 300 bilhões de dólares.

d. Método da força de trabalho: multiplica o número de trabalhadores sem carteira assinada pela renda média do trabalhador, para se ter uma idéia da dimensão da economia informal. Utilizando-se desse método é que o IBGE calculou 30 milhões de trabalhadores informais no Brasil.

9. O economista Nelson Barrizzelli deduziu que, se a economia não fosse assim, o Brasil já teria entrado em colapso. Ele observou que alguma coisa estava errada quando percebeu que o PIB de 1988 caíra 0,3%, enquanto as análises feitas por empresas de consultoria sobre o desempenho das maiores companhias do país mostravam crescimento nas vendas e nos lucros. As pesquisas regionais indicavam que havia crescimento por toda parte apresentando um resultado final muito diferente do retrato pintado pelas estatísticas oficiais. De 1985 até hoje, a própria economia brasileira já conseguiu sobreviver a sete planos econômicos e, a cada virada promovida pelo laboratório dos economistas oficiais, desaparece um país e nasce outro.

10. "Como explicar o descompasso entre o ritmo de crescimento do número de empregos no Brasil e o ritmo de crescimento da

economia?" Esta é a pergunta de Pedro Paulo Martoni Branco, então diretor executivo da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, em São Paulo. Para ele o que "puxou o país para frente foi a economia informal".

11. Uma pesquisa mercadológica da Marplan Brasil feita com 26.000 pessoas em nove capitais brasileiras revelou que, de 1988 até 1995, o número de pessoas de baixa renda que possuía televisão em cores e máquina de lavar roupa quase dobrou.

12. O outro lado do dilema reside na legalização de um negócio. Nos Estados Unidos, uma nova empresa leva três dias para começar a funcionar legalmente. Pode-se pedir a abertura pelo correio, preenchendo um único formulário, enquanto no Brasil é preciso de um "sacerdote", intermediário entre o povo e as poderosas autoridades, o contador. O negócio leva aproximadamente 30 dias para poder flutuar no mar da burocracia, que exige uma papelada composta por cerca de cinqüenta itens. Mas não pense que as dificuldades existem somente para abrir uma firma. Uma matéria publicada no jornal Folha de São Paulo demonstra que o mesmo ocorre para o fechamento de uma empresa. Esse processo requer nada menos que 49 documentos e uma perambulagem por todos os órgãos onde existe registro, numa burocracia que leva aproximadamente 90 dias.[172] Durante o seu funcionamento, a empresa entregará ao governo quase a metade do que ganha. Além disso, se for uma empresa de porte médio, precisará manter uma equipe de funcionários dedicados ao preenchimento de guias de recolhimento, relatórios e outros documentos para atender toda a intrincada burocracia tributária.[173] A primeira reação é aumentar o preço do que produz ou comercializa. Mas então a mercadoria não é vendida com facilidade, além de se defrontar com os concorrentes que continuam submersos na informalidade.

A burocracia e a carga tributária inibem o impulso dos brasileiros em legalizar uma empresa. Além disso, constatou-se que cerca de 80% das microempresas não conseguem completar o seu primeiro ano de vida.

13. Um país "decente" possui um mercado informal pequeno. Mas não é só o crescimento e a distribuição de renda que matam a informalidade. É preciso que o país tome providências para que andar dentro das regras se torne vantajoso – e o andar fora delas se torne arriscado demais.
    Muitas atividades tendem a continuar na clandestinidade qualquer que seja o meio ambiente em que estão. Os impostos em excesso, a fiscalização ineficiente, a corrupção e a burocracia estimulam a evasão do sistema. O mau uso da verba pública também é apresentado como justificativa, num país em que hospital gratuito parece açougue, aposentadoria parece piada e escola oficial oferece um ensino ruim, quando não está em greve. Enquanto o Brasil não resolver esses problemas, haverá atividade subterrânea por toda parte.

14. O perfil dos informais é relevante dentro dos propósitos de nosso tema:

    a. A maioria dos vendedores ambulantes é composta de migrantes ou de desempregados. Ou seja, a maior parte dos ambulantes cai na informalidade circunstancialmente.

    b. Trinta e sete por cento dos entrevistados não querem voltar a trabalhar como empregados. Conclusão: a pessoa pode até ser empurrada para essa atividade contra a sua vontade, mas ao experimentá-la poderá gostar e ficar.

    c. Noventa e um por cento dos trabalhadores informais não têm outra atividade. Os que fazem "bico" são minoria.

    d. Os homens representam 75% da mão-de-obra informal.

e. A maioria dos trabalhadores informais possui entre 30 e 50 anos.

f. Quinze por cento não concluiu o 2º grau e há apenas 2% de analfabetos. Contrariamente ao que se pensa, o informal não é um desqualificado, nem excluído típico.

g. Setenta e sete por cento trabalha mais de oito horas por dia, somando 45 horas semanais de trabalho. Não é por estar na informalidade que a pessoa deixa de observar as regras comuns no que se refere aos horários de "pegar" no trabalho.

Constantemente os jornais e revistas têm publicado índices atualizados da economia informal. Em 1999, a Folha de São Paulo publicou que o IBGE concluiu, com base numa pesquisa, que o mercado informal está começando a ficar saturado e deixar de ser uma opção atraente devido ao aumento populacional dos trabalhadores informais.

O artigo menciona que "durante boa parte desta década o mercado informal serviu para o que os sociólogos chamam de 'efeito colchão'. A abertura de pequenos negócios era uma opção para quem não encontrava lugar no mercado formal de trabalho... Segundo o último levantamento nacional do IBGE, em 1997, há no Brasil aproximadamente 15 milhões de autônomos.

"Uma estimativa do economista Jorge Mattoso revela que, só entre 1994 e 1997, 1,7 milhão de pessoas entrou para o mercado informal. Além desse crescimento, mais 1,9 milhão passou a trabalhar sem carteira assinada. Houve enorme precarização do trabalho."

O artigo relata também que "segundo os especialistas, com o aumento do desemprego, muita gente poderá entrar no mercado informal. O problema é que há um limite de desconto no preço do cachorro-quente, e muita gente pode voltar à fila do desempre-

go."[174] Em 1997 o próprio IBGE estimava que 40% da População Economicamente Ativa (PEA) vivia na informalidade.[175]

Segundo Paulo de Tarso Lustosa, ex-Ministro da Desburocratização, e então Presidente do Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e à Média Empresa, há cinco tipos de economia informal:[176]

1. Informalidade da sobrevivência: envolve, por exemplo, uma dona de casa ou uma empregada num escritório as quais produzem biscoitos e chocolates em casa para vender aos vizinhos ou colegas de trabalho.
2. Microempresas que não podem pagar o preço da legalidade: nem sempre é viável para pequenas empresas domésticas, como por exemplo de confecção de roupas, registrar a firma e pagar os impostos.
3. Pequenas empresas que decidem permanecer na ilegalidade: são firmas que têm condições de atuar na economia e de legalizar seus negócios, mas não vêem vantagens em fazê-lo.
4. Economia da contravenção: aqui se incluem todas as atividades consideradas ilegais, mas toleradas por autoridades e pela sociedade, tais como mercado paralelo do dólar, jogo do bicho, contrabando, cambistas de teatro e jogos de futebol.
5. Economia da delinqüência: pertencem a este grupo atividades ilegais não toleradas declaradamente pelas autoridades e pela sociedade, tal como o tráfico de drogas.

O Ministro da Previdência Social no governo Collor, Reinhold Stephanes, calculava que havia na época cerca de 45 milhões de trabalhadores ativos no Brasil, dos quais apenas 25 milhões estavam registrados, enquanto o restante estaria na economia informal.[177]

O jornal Folha de S. Paulo divulgou que em 1991 havia cerca de 40 mil camelôs na cidade de São Paulo.[178] Essa alternativa eco-

nômica é tão arrojada que invadiu até a Esplanada dos Ministérios em Brasília.[179] Estima-se que mais de 500 mil pessoas atuam como vendedores nas ruas das maiores capitais. "Ser marreteiro[a] hoje não requer prática ou habilidade".[180]

A existência da economia informal se deve provavelmente a duas causas. A carga tributária excessiva é a mais importante e a primeira responsável pelo crescimento da economia informal. Essa fuga da tributação se torna um ótimo negócio.

Em segundo lugar, vem o custo dos encargos sociais. Neste caso, o cálculo leva em conta que o custo de um empregado para uma empresa está em torno de $ 2,40 para cada $ 1,00 que o próprio empregado recebe. Assim, na economia informal, uma pessoa consegue manter um poder aquisitivo superior ao dos que trabalham legalmente.[181]

A economia informal é prejudicial no sentido em que é uma concorrência desleal com uma empresa estabelecida,[b] que tem a pesada carga de tributos e encargos sociais, além dos gastos com energia elétrica, seguros e aluguel. Soma-se a tudo isso o fato de que o governo deixa de arrecadar muito dinheiro em impostos.

Mas há quem defenda a economia informal, como o empresário Luiz Augusto Frigeri Pires, então diretor da Delegacia Regional de Diadema do CIESP (Centro das Indústrias de São Paulo). Ele afirmou que "poucos empresários e economistas duvidam que, num ano de crescimento negativo como 1988, tenha sido exatamente a economia informal um dos principais agentes da sustentação da atividade econômica."[182]

A economia informal traz benefícios às pessoas no sentido em que lhes provê o sustento parcial ou total para a sobrevivência diária. Diante do desemprego, muitas vezes o indivíduo arruma uma

[a] "Marreteiro" e "camelô" são vendedores de rua, ambulantes ou não, que geralmente trabalham sem legalização.

[b] "Empresa estabelecida" é uma expressão popular para descrever empresa legalizada.

atividade alternativa para sobreviver, sem legalizá-la, pois não haveria condições financeiras para isso.

Aqui entra o jeito. A pessoa precisa sobreviver, não consegue emprego e não tem condições de legalizar uma firma. Não há saída, a não ser passar por cima da lei e dar vazão ao espírito libertador para sobreviver. Eis aí um dilema ético: obedecer ou não a "César", legalizando a firma? Se o cristão deve obedecer as autoridades (Romanos 13:1-7), qual deverá ser a sua atitude nessa situação? Mas, afinal, quem é "César" no Brasil? Voltaremos a esta questão no capítulo 21.

capítulo 17

O JEITO É MAIS PRÁTICO QUE TEÓRICO

OU A ORTODOXIA DO IDEAL ÉTICO E A ORTOPRAXIA DO JEITO[a]

A prática anda mais rápido do que a teoria.

L. S. Rega

Até o momento foi possível ver, entre outras coisas, que as próprias ações governamentais fortalecem a dupla moral e a desigualdade das leis. Como Leers afirma: "nas leis tributárias geralmente ele desconta as fraudes previsíveis nas costas dos cidadãos de boa vontade."[183] Além disso, é preciso considerar o caráter generalista das leis, isto é, o legislador, não levando em conta as variadas facetas envolvidas nas situações concretas que receberão a atenção da lei, acaba sendo vítima do caráter geral, estático, idealista da lei e do ritmo lento de sua revisão.

Sendo assim, muitas leis acabam caindo sobre o povo como chuva, alheia a sua vontade e situação. Sobre isso, Da Matta afirma que a lei "é insensível e não é gente como nós, todo o mundo fica, como se diz, numa boa, e a vida retorna ao seu normal".[184] Neste

[a] "Ortodoxia" (do grego orthodoxia) aqui se refere à conformidade com a doutrina reta aludindo à natureza abstrata e idealista da lei. Já "ortopraxia" (do grego, orthos, direito, reto; e praxis, ação) aqui se refere à vida prática e à situação real e vivida pela pessoa. Esta parte foi inspirada na obra de Leers (1982).

caso, a "justiça nas próprias mãos" acaba valendo mais do que a justiça nas mãos das autoridades.

O brasileiro, não sendo uma estátua parada no tempo e no espaço e diante do rolo compressor[b] estrutural do cotidiano, luta desesperadamente pelo seu aqui e agora. Quando se vê ameaçada "a pessoa e a lei vão à balança, e o jeito desequilibra o fiel, sem exceção, para o lado da pessoa".[185]

Entra aqui o conflito entre a ortodoxia da lei, da norma – seja divina, seja humana – e a ortopraxia do jeito. Para facilitar as coisas, vou explicar melhor a ortodoxia e a ortopraxia.

Focalizando a ética teológica e bíblica, podemos dizer que existe um ideal ético, isto é, um conjunto de princípios que norteiam a nossa vida e nossas decisões. Esses ideais ou princípios éticos bíblicos são permanentes, isto é, eles são válidos em qualquer época, para qualquer povo, em qualquer situação.Ortodoxia é a palavra que utilizamos no campo da teologia para dizer isso. A ortopraxia é o lado prático da situação.

Na ortodoxia procuramos entender o princípio ou o ideal ético; na ortopraxia, esse mesmo ideal é considerado na vida prática e concreta. Enfim, a ortodoxia é a teoria, a abstração; a ortopraxia é a prática, a realidade.

Assim, o ideal ético é a ortodoxia, a "não-presença", o "dever-ser", os ideais abstratos, os valores, a limitação, o geral. O jeito é a ortopraxia, a "presença", o "querer-ser", a situação da vida, o real moral, práxis concreta, o singular.

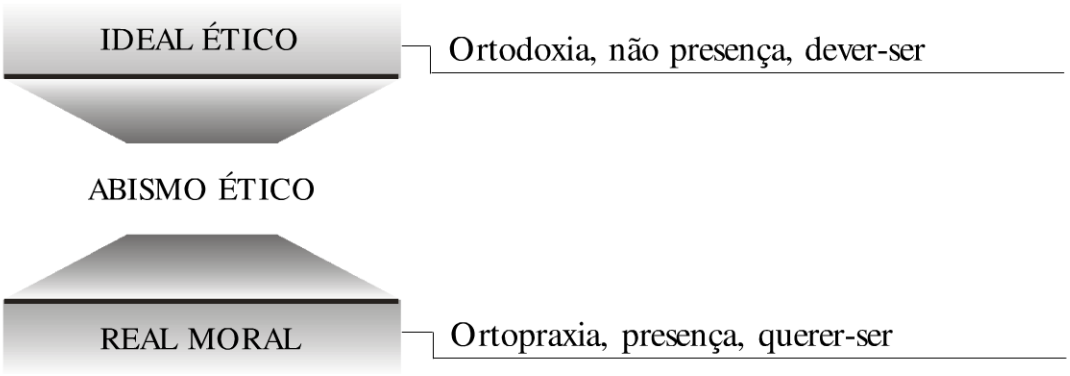
Leers recorda que "o jeito não só enche o espaço em que a norma não entra, mas também se opõe ao sistema de normas no terreno que estas normas pretendem ocupar de direito".[186]

Neste desencontro entre a lei e a pessoa, entre a ortodoxia e a ortopraxia, o jeito, como produto da atitude inteligente, inventiva,

---

[b] "Rolo compressor" é uma expressão popular que significa uma situação aflitiva, sem saída.

livre e criadora, toma a iniciativa de agir ficando em oposição à norma. O brasileiro, então, abre um novo caminho que não é previsto em nenhum código, prevalecendo a pessoa em sua situação particular. Esta situação pode ser ilustrada com o seguinte gráfico:



Creio que deu para você entender. Eticamente falando este é o conflito que o povo brasileiro vive dia a dia ao se valer do jeito. Chega um momento em que não se faz diferença entre a necessidade e a validade das leis e deixar isso para lá. "Afinal de contas, na prática eu é que vou ter de pagar a conta mesmo". Aqui vale mais a pessoa e suas aspirações. A lei só é boa se lhe traz benefícios.

O povo de Deus que está no Brasil vive e forma a sua consciência ética no contato contínuo com essa realidade. Na prática, ele precisa viver como profissional, como pai, mãe, filho, filha, motorista, contribuinte. Nessa intensa vida envolvida com o cotidiano, o cristão brasileiro se vê encurralado e, como qualquer outro brasileiro, se vê obrigado a utilizar do jeito para sobreviver.

Levando-se em conta que não há material abundante de origem evangélica escrito sobre um assunto tão urgente como este, a título de amostragem, é possível mensurar o quanto de pregação e ensino os cristãos estão recebendo para formar uma mentalidade crítica construtiva sobre o jeito.

Preciso confessar que o cristianismo brasileiro geralmente tem sido formal, litúrgico, templocêntrico, ativista, dominical,

"pastorcêntrico" [c], muitas vezes um movimento que apenas envolve as massas, e nem sempre lança desafios e respostas mapeando as mais diversas facetas do compromisso ético que o cristão-brasileiro deve assumir como cidadão.

Assim, desamparado e sem conhecer a complexidade e implicações que a cidadania envolve, o cristão acaba assumindo geralmente uma atitude indiferente quanto à aplicação dos padrões éticos bíblicos no cotidiano.

O resultado é uma vida dividida entre o reino de Deus e uma vida mundana, eclesiasticamente ativista, que se supõe compensar tudo isso. Que respostas fornecer ao cristão brasileiro que tenta ser cristão e profissional liberal, homem de negócios, escriturário, secretária, contribuinte, motorista, vizinho, condômino?

[c] "Pastorcêntrico" aqui é uma expressão pejorativa e se refere à dependência que muitos cristãos evangélicos têm do pastor como intérprete da verdade, autoridade infalível e monarca do saber.

PARTE 6

COMO SOBREVIVER NO PAÍS DO JEITINHO?

"Só não existe jeito para a morte"

Adágio popular

Até agora pudemos juntos conhecer as diversas faces do jeito brasileiro, o famoso jeitinho. Na verdade fizemos um passeio pelo dia-a-dia de nossa vida. Lembramos juntos dos dilemas que temos de encarar para conseguir sobreviver nesse caldo cultural movido pelos impulsos do jeitinho.

Acho que eu seria desonesto com você, que chegou até aqui, se não lhe propusesse alternativas ao jeitinho, mas sem esquecer o fato de ser cristão. Será que isso é possível?

Pois é, você que é dentista, médico, empresário, advogado, motorista, secretária, engenheiro ou operário, e também cristão, tem conseguido viver o cotidiano sem se valer do jeitinho? Você consegue manter seu consultório ou escritório emitindo recibos para todas as consultas, ou notas fiscais quentíssimas, pagando todos os impostos devidos? Você tem conseguido sobreviver e manter a sua empresa financeiramente saudável? Lá no emprego não tem sido necessário dar jeitinho nenhum para ser promovido, nem tem precisado de nenhum pistolão? Até parece que estou falando de um Brasil irreal, não é verdade?

É isso que pretendo demonstrar para você. É possível dar um jeito no jeitinho. Você não está acreditando, não é mesmo? Então

tome coragem e siga-me em mais esta parte de nossa viagem. Mas antes, tome um copo de água, ou um cafezinho e relaxe um pouco. Depois, mãos à obra. Eu espero por você, pois vou lhe oferecer respostas em três caminhos – na vida da igreja, em sua vida pessoal e em sua influência social.

capítulo 18

A IGREJA PODE FAZER ALGUMA COISA?

Nenhum homem é honesto até que seja honesto para com Deus.

Roy Smith

Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.

Jesus Cristo

Com o objetivo de enriquecer sua leitura, neste capítulo desejo oferecer-lhe um panorama demonstrando o papel do Evangelho e da igreja na transformação da sociedade do jeito. No próximo, será apresentado um modelo ético que o cristão no Brasil poderá utilizar para conseguir navegar na sociedade paradoxal do jeito. E, em seguida, o enfoque será no papel do cristão em seus momentos de escolhas pessoais, que provocam mudanças nessa sociedade cômoda do jeito.

Em resumo, estas são as três propostas de abordagem aos dilemas éticos do jeito: o papel do Evangelho e da igreja; a busca de um modelo de conduta ética para a sua vida pessoal, e o seu papel como cristão na sociedade.

O jeitinho produz alternativas tão criativas que é impossível mapear todos os seus dilemas éticos. Embora não se possa esperar de imediato que a ética ofereça todas as respostas a todos esses variados dilemas éticos, não se pode ficar de braços cruzados seguin-

do o fluxo da maioria que se curva diante dos apelos individualistas do jeito. É preciso elaborar cuidadosamente propostas de abordagem ética de conflito e de compromisso para que o cristão brasileiro possa navegar nas turbulentas tempestades éticas do jeito.

Stace afirma que "a perda da fé religiosa torna necessária a substituição de uma ética baseada em conceitos religiosos por uma ética secular baseada em propósitos humanos".[187] É preciso desafiar o povo cristão a uma vida de real significado e de influência como "sal da terra e luz do mundo" (Mateus 5:13-16). É preciso reentronar Deus e sua vontade no cotidiano do cristão brasileiro.

É preciso também descer do pedestal academicista da criação teológica ou ética etérea e abstrata que desconsidera a realidade do espaço e do tempo que o povo cristão brasileiro vivencia em seu dia-a-dia. Sobre isso Leers afirma:

> Quanto mais a vida moderna se torna complexa e os horizontes do saber e do poder humanos se ampliam e desenvolvem, tanto menos o moralista pode isolar-se entre seus manuais tradicionais, sem tomar uma atitude crítica para com os postulados que herdou dos teóricos das gerações passadas.[188]

Sendo assim, será preciso encarar o jeito segundo os critérios do Evangelho, confrontando os dilemas do jeitinho à luz das verdades. Afinal o cristão é assim chamado por ser seguidor de Cristo, do Evangelho de Deus para a humanidade caída.

O EVANGELHO COMO REDENTOR DO JEITO

Quanto mais complexa e exigente se torna a vida e as situações, mais diminui o alcance dos ideais éticos e maior se torna o espaço para que o jeito assuma o papel de norma ética nas decisões diárias. Assim a cultura brasileira vai se tornando cada vez mais naturalmente desonesta, uma cultura na qual se presume que as pessoas são desonestas até que provem o contrário. Sobre isso Hesselgrave faz uma análise desafiadora:

> Em tais culturas o suborno ou diferentes versões de contratos (uma para as autoridades governamentais e outra para as partes que assinam) poderão ser a regra em vez da exceção. Os dois lados da moeda – de um lado, o fato de que a outra parte espera esse tipo de procedimento e, de outro lado, o das autoridades governamentais fazendo que não vêem – ocasionam um enorme problema para o missionário. As ações geralmente falam mais alto do que as palavras – e especialmente em casos como esses. Missionários que se defrontam com problemas desse tipo devem pesar cuidadosamente todos os fatores, mas no final devem confiar em Cristo e deixar que sua consciência cristã – e não a conveniência – os oriente.[189]

O moralista Marciano Vidal[190] menciona que o homem moderno secularizado perdeu o sentido do pecado e a crise existencial de hoje produziu um vazio ou vácuo moral. Isso prova, mais do que nunca, que o cristão deve lutar por encontrar respostas aos seus dilemas éticos. O ponto de partida já foi enunciado: Deus e a Sua vontade.

Kotscho[191] afirma que o país que antes tinha 120 milhões de técnicos de futebol passa agora a ter também 120 milhões de economistas.[a] Isso mostra como o povo brasileiro, num país democrático sem liderança madura, tenta participar das soluções do seu cotidiano e como está interessado em resolver suas questões pessoais.

O recurso do jeitinho quando é produto do individualismo, do egoísmo, do "levar vantagem" sobre os outros, do comodismo, da transgressão à lei, deve ser considerado um ato que desagrada ao Criador. Na linguagem teológica isso é chamado de pecado. A fonte deste diagnóstico é a Bíblia, em que se encontram os ideais de Deus para o viver cristão. É o ideal ético divino.

O apóstolo Paulo é contundente quando diz, em Filipenses 4:8, que "tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de

[a] Esta era a população do Brasil na época. Em 1999 a população estava estimada em 165 milhões de habitantes.

boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso que ocupe" o pensamento do cristão.

A ação humana tem origem na mente. Se a mente for renovada pela Palavra de Deus (Romanos 12:2; 2 Timóteo 3:16,17), as ações também o serão. Ter a mente renovada pela Palavra de Deus e a vida manifestando o fruto do Espírito (Gálatas 5:22,23) é um dos grandes desafios para o cristão que vive no Brasil, é a força motriz que lhe dá a vitória contra os dilemas éticos do jeito.

O povo brasileiro precisa rever sua natureza imediatista e sem objetivos, tem de ser incentivado a cultuar ideais de firmeza e de caráter, ou como Moser afirma:

> É mister tentar reerguer o valor fundamental da verdade, da lealdade, da palavra dada e, por que não, da fidelidade ... Este reerguimento do ethos é capital: sem ele, nenhuma melhoria profunda é provável. Constitui prioridade ética número um... que comportaria inevitavelmente campanhas contra o "jeito" e o crédito de que desfruta em todas as camadas sociais como pseudo-solução de todo tipo de problemas. Nem sempre a curto prazo, mas seguramente a longo prazo, apostar na capacidade libertadora e benéfica da verdade dá juros, além de ser eticamente a única posição coerente. A mentira deve ser cada vez mais hábil em chegar a falhar, como a máquina.[192]

O povo brasileiro precisa se arrepender dos seus pecados e se entregar a Cristo para a sua salvação. Paulo Proscurshim criativamente aplica o arrependimento ao contexto brasileiro afirmando:

> Arrependei-vos, todos os que procuram levar vantagem sobre os outros. Arrependei-vos, todos os que enganam os outros... Arrependei-vos, todos os que não gostam de trabalhar... Arrependei-vos, todos os que praticam a corrupção. Arrependei-vos, todos os que sonegam impostos. Arrependei-vos, todos os que criam impostos e taxas injustas. Arrependei-vos, todos os que não exercem sua profissão com seriedade e honestidade...

> Arrependei-vos, todos os que fazem leis em seu próprio benefício. Arrependei-vos, todos os que se aproveitam do Estado em seu próprio benefício. Arrependei-vos, todos os que praticam a "caixinha" e a "bola". Arrependei-vos, todos os que, usufruindo de um cargo ou emprego público, enriquecem ilicitamente. Arrependei-vos, todos os que roubam o dinheiro público... Arrependei-vos, todos os incompetentes e corruptos que estão no aparelho estatal e no meio empresarial... Arrependei-vos, todos os que desviam para fora do país as riquezas aqui produzidas... Arrependei-vos todos os gananciosos.[193]

Somente o Evangelho poderá mudar o coração do brasileiro tornando-o uma pessoa digna. Sem Cristo não pode haver transformação de vida. E nisso a igreja tem um fundamental papel na sociedade do jeito.

A IGREJA COMO AMBIENTE FÉRTIL PARA SE SOBREVIVER AO JEITO

É preciso que o cristão brasileiro encontre em sua comunidade – a igreja – ambiente fértil no fornecimento de recursos que o oriente a lidar com as questões do dia-a-dia, como o jeito. A igreja é um ambiente ideal para promover um caráter cristão no cristão brasileiro.

Será preciso considerar a amplitude da missão da igreja para entender sua importância e utilidade quando se trata de sobreviver na sociedade do jeito. A igreja está inserida neste mundo como agente de Deus. Melvin Hodges afirma:

> A igreja verdadeira há de persistir no tempo, visto que tem um ministério para o mundo, único do gênero, para o qual não há nenhum substituto... A igreja é a representante de Deus na terra; é o corpo de Cristo, o meio através do qual ele se expressa ao mundo. É o único órgão de redenção que Deus tem no mundo... Desta maneira a igreja exerce seu ministério de agente de Deus para a humanidade... a igreja local é uma célula viva do corpo de Cristo, atuando na comunidade onde está situada.[194]

O apóstolo Paulo chama os cristãos de embaixadores de Cristo (2 Coríntios 5:20) e, neste sentido, representamos o reino de Deus aqui neste mundo, nesta época. Um dos desafios para a igreja é manter-se pura e incontaminada como a igreja cristã primitiva. Howard Snyder disse:

> A Bíblia descreve a igreja no interior da cultura, lutando por manter sua fidelidade, conquanto manchada pelos óleos corrosivos do paganismo e do legalismo judaico. Essa concepção da igreja é de fundamental importância para a idade contemporânea.[195]

Até a igreja, como instituição, precisará estar atenta para lidar com a sociedade do jeito. Num depoimento, um pastor relatou como foi difícil sua igreja adquirir um apartamento para uso pastoral, tendo em vista que a maior parte dos vendedores exigia que a escritura pública de propriedade fosse lavrada com base num valor inferior ao da transação do imóvel. É o jeitinho que se dá para que os tributos envolvidos numa transação dessa natureza não sejam pagos integralmente.

Num testemunho vivo e vibrante perante a sociedade, aquela igreja assumiu os encargos e só adquiriu o apartamento quando pôde encontrar um vendedor honesto que não queria dar "um jeito".

A igreja, portanto, também tem o seu papel no dilema do jeito pois está inserida na sociedade brasileira e, no cumprimento de sua missão, deverá interagir nessa sociedade promovendo no povo brasileiro uma mudança interior radical. Só assim o Brasil do jeito terá um jeito. É tal a importância da igreja nesta situação toda, que será dedicado, a partir de agora, um espaço para exemplificar a sua ação por meio da instrução, da mutualidade, da comunhão e da evangelização.

A instrução

A igreja tem de abrir espaço para estudar as questões do cotidiano, como a do jeito. Os líderes e especialistas em estudo bíblico, teoló-

gico e ético precisam despir a sua linguagem dos abstracionismos conceituais, pois o "povo comum pode não ter defesa contra a linguagem e as explicações dos moralistas, mas nunca é incompetente quando se trata de viver, de criar e fazer o que acha melhor nas situações que apelam à sua consciência de gente".[196]

Pior ainda é quando líderes eclesiásticos se omitem a respeito das questões contemporâneas que os membros da igreja precisam enfrentar no dia-a-dia. Mesmo assim, o povo comum não é incompetente para agir e decidir, e não ficará esperando que os líderes eclesiásticos se definam. Ele decidirá segundo o seu bom senso, afinal o cotidiano não se congela esperando as delongadas abstrações acadêmicas.

É bom lembrar que teologia, em geral, se faz junto do povo, procurando as respostas de Deus aos dilemas diários. Deus e a sua vontade não são apenas conceitos abstratos e estratosféricos que serão entendidos e aceitos intelectualmente. Ele e a sua vontade também devem ser encarnados em nosso cotidiano. Antes de pensamos em Deus como uma ideologia ou como um conjunto de proposições teológicas, pensemos nele como o nosso Criador, nosso Pai, nosso Juiz, nosso Redentor, nosso Recriador e Mantenedor.

O brasileiro do jeito precisa de modelos seguros que lhe plantem ideais de esperança. Sobre isso, Barbara H. Burns afirma que "o jeito necessita de referenciais de convicção e compromisso com o Senhor Jesus e a autoridade da Bíblia".[197] Nenhum modelo poderá ser transmitido se o cristão brasileiro for levado pela rede dominante do jeito. O meio ambiente está atento às reações do cristão em sua busca por modelos e paradigmas a serem seguidos (Romanos 8:19).

A igreja, portanto, tem o compromisso de auxiliar o cristão a interpretar o seu contexto de vida, as suas motivações pessoais e a lançar-lhe desafios para que ele viva o Evangelho de modo digno (Efésios 4:1; Filipenses 1:27; Colossenses 1:10). Para isso a igreja

deve se valer do ensino, da pregação, do aconselhamento, do compartilhamento e da comunhão.

A mutualidade e o voluntariado

Além disso, a igreja deve recuperar a mutualidade e o voluntariado em servir tão característicos do cristianismo primitivo. No livro de Atos, há o testemunho histórico do socorro aos necessitados (Atos 2:4-46; 4:32-35). Há situações de carência que induzem o cristão à alternativa do jeito, tais como o desemprego, as dívidas e as emergências acidentais. Nesses casos, os seus irmãos da comunidade cristã devem "dar um jeito" para socorrê-lo, repartindo suas disponibilidades.

Ronald J. Sider escreve interessante livro com o objetivo de despertar no cristão um estilo mais simples de vida, de modo a ter o que repartir com os necessitados.[198]

Muitos dilemas éticos do jeito serão resolvidos pela mutualidade e voluntariado, que devem também alcançar o não-cristão como testemunho vivo do Evangelho ou mesmo como veículo de evangelização. É a assistência social que a igreja deve exercer.

> Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo... e não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos. Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé.
>
> Gálatas 6:2, 9, 10

A comunhão

A igreja representa um contexto existencial para o indivíduo desenvolver reações positivas em relação aos dilemas éticos do jeito. O ambiente dominante na igreja deve ser de pura comunhão, alimentada pelo amor e pela presença viva e real de Cristo no meio de seus discípulos, no Brasil. Na sociedade do jeito, o cristão não pode viver sozinho sendo "engolido" e induzido pela influência do jeito.

Ele necessita de um ambiente onde possa encontrar abrigo e respostas aos seus conflitos pessoais e sociais.

Por exemplo, num ambiente de comunhão e convivência, podem-se promover reuniões facilitadoras em que os irmãos na fé tenham oportunidade de testemunhar como enfrentam os dilemas do jeito no cotidiano. É importante também permitir aos irmãos que estão enfrentando os dilemas éticos do jeito que solicitem ajuda. Com isso surgem oportunidades de aconselhamento e orientação a empresários, executivos, profissionais liberais, secretárias, operários cristãos.

Algumas igrejas realizam reuniões facilitadoras com o intuito de evangelizar, então por que também não incluir o dilema do jeito em reuniões desse tipo visando auxiliar "aos da família da fé" que necessitam de apoio? Não basta, portanto, que a igreja pregue contra os pecados do jeito. Ela precisa oferecer instrumentos para que o cristão que vive no Brasil possa navegar seguro nesse "mar impetuoso" do jeito.

Infelizmente, em geral, hoje a comunhão tem se reduzido a poucos momentos na ocasião do culto público. É preciso lembrar que a comunhão não é uma opção para a igreja. Ela foi tão forte no primado da fé cristã que provocou reconhecimento da potencialidade do Evangelho perante a sociedade da época (Atos 2:47). Sobre isso Wadislau Martins Gomes diz que "a comunhão dos irmãos é a forma que Deus usa para beneficiar a instrução e transformá-la em amor... A igreja precisa entender que ela não tem opção quanto ao amor, nem quanto à fusão que o Espírito Santo faz do cristão e da família da fé, o corpo de Cristo".[199]

A evangelização

Outra face do papel da igreja é a transformação que o Evangelho produz no homem da sociedade pecaminosa do jeito. Não é possível crer que a sociedade será transformada sem a transformação

interior do indivíduo. Este é um dos pilares essenciais do Evangelho. Dr. Paulo Proscurshim faz a seguinte afirmação:

> Todo processo legítimo de restauração de uma sociedade inicia-se a partir do indivíduo, dando-lhe nova consciência social. Quando tiramos Deus da sociedade e das nossas vidas, ou seja, eliminamos o temor a Deus – e nós sabemos que o próprio Deus nos dá essa liberdade –, passamos a transformar a liberdade em libertinagem, porque as pessoas não mais são controladas por Deus e seus mandamentos. [200]

Será preciso criar no homem brasileiro um coração novo (2 Coríntios 5:14-17) em que Deus e sua vontade sejam a fonte dos valores éticos que produzirão escolhas pessoais conformadas ao Evangelho e à vontade soberana de Deus. A intenção aqui não é formar uma sociedade utópica e perfeita, pois:

> A igreja, o povo do Reino, não é uma utopia. Tem lugar no universo de Deus, numa realidade espaço-temporal em que o material e o espiritual são os dois lados de uma mesma moeda... A igreja brasileira, se quiser ser a igreja enviada, deverá conhecer seu tempo e sua vez... o tempo e a vez da igreja brasileira em sua própria terra solicita uma aproximação da realidade de nossa época e geração e de nossa história.[201]

A intenção é conduzir todo homem aos pés de Jesus Cristo para servi-lo (1 Coríntios 15:27; Efésios 1:22) e para que se possa viver de modo tranqüilo, honesto e com toda piedade (1 Timóteo 2:2). Ainda que no mundo surjam muitas aflições, o cristão deve ter bom ânimo, pois Jesus venceu aquele que está no mundo – Satanás (João 14:27; 16:33; 1 João 3:8).

A igreja precisa pregar o Evangelho todo para o homem todo, assim como Manfred Grellert afirma:

> Holismo cristão ocorre quando a igreja toda, totalmente comprometida com toda a vontade de Deus, leva o Evangelho todo ao homem todo e a todos os homens, por todos os métodos

> éticos possíveis, através de homens e mulheres totalmente engajados na missão integral.[202]

Quem vai ouvir e aceitar o Evangelho deve compreender a profundidade de seu compromisso com o Cristo ressurreto. Wadislau Martins Gomes salienta:

> Apresentamos um Evangelho sem conteúdo suficiente, convidamos a uma entrega sem entendimento, e os convertidos prosseguem superficialmente pelo resto da vida (ou nem prosseguem). Quando, ao invés, instruímos aos que convidamos para vir e seguir a Jesus, adiantamo-lhes que o Evangelho trata de coisa profunda. Damo-lhes o seu verdadeiro valor. E valorizamos a pessoa evangelizada.[203]

Dessa forma, a igreja pode contribuir não só para que o cristão saiba como conviver na sociedade do jeito, mas também para que ele seja instrumento de Deus na transformação do homem brasileiro que vive nessa complicada sociedade. O papel da igreja é tão importante que John Stott afirmou:

> Quando uma comunidade se deteriora, a culpa tem de recair aonde corresponde: não sobre a comunidade que vai de mal a pior, mas sobre a igreja que não cumpre sua função de sal para deter a deterioração. O sal somente é efetivo quando impregna toda sociedade, somente quando os cristãos voltam a aprender que os chamados divinos são sumamente variados e somente quando são muitos os que penetram profundamente na sociedade secular com o alvo de servir a Cristo em seu meio.[204]

Sem dúvida nessa teia complexa da vida brasileira há situações-limite,[b] ou sem saída, que em primeira instância são resolvidas apenas pelo jeito, pela transgressão da norma. Por exemplo:

1. Que fazer, à noite, diante do sinal vermelho do semáforo numa rua escura? Avançar o sinal ou ficar à disposição de algum marginal para ser assaltado?

[b] "Situações-limite" significa, neste livro, uma situação ética sem saída em que há princípios éticos conflitantes.

2. Que fazer numa situação de desemprego em que se deseja abrir legalmente uma firma e não se tem os recursos financeiros para a manutenção da família e para o pagamento ao governo das taxas e dos tributos?
3. Que fazer quando uma pessoa carente precisa de ajuda médica e não consegue consulta, nem no serviço médico previdenciário, e se conhece algum meio de "furar" a fila de um consultório ou de algum médico conveniado com a previdência social?
4. Que fazer em relação aos muitos impostos que uma empresa tem de pagar e nem sempre o lucro líquido consegue cobrir?
5. Que fazer para ganhar lealmente uma concorrência quando se sabe do "por fora" que está envolvido no processo?
6. E quando, numa prova de concurso público, já se sabe quais candidatos estão previamente escolhidos?
7. O médico ou dentista cristão pode manter dois preços de consulta, um com recibo e outro sem o recibo?

Por isso, além do papel do Evangelho e da igreja na transformação do homem e da sociedade do jeito, creio que preciso oferecer a quem vive no Brasil uma alternativa ética, um modelo ético para seus momentos conflitivos de escolhas pessoais. Ainda que você tenha a igreja, é você que terá de decidir o que fazer diante dos dilemas éticos do jeito.

capítulo 19

UM MODELO CRISTÃO DE CONDUTA ÉTICA PARA O JEITO

Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca,
um inventário de objetos, uma série de estilos.

Ítalo Calvino

Sede, vós, perfeitos como é perfeito o vosso Pai celestial.

Jesus Cristo

Vou agora me preocupar com o cristão brasileiro como pessoa, como indivíduo ético que tem de tomar decisões diante do fenômeno chamado jeito. Em outras palavras, este capítulo é especialmente dedicado a você que tem de tomar decisões a cada momento. Aliás nós sempre temos de decidir, não é verdade? Mesmo que você fique sem tomar nenhuma decisão, acabou decidindo não decidir.[205] Não há alternativa, sempre decidimos. Então como vou tomar minhas decisões? Quais serão os modelos ou referenciais éticos para minhas decisões. É disso que a ética se ocupa. Vamos buscar esse modelo?

Não se pode negar que há situações complexas na sociedade do jeito. Haering lança um desafio ao afirmar que "além do objetivo principal de formar pessoas que saibam discernir, se nos impõe também procurar critérios que ajudem a fazer escolhas em situações complicadas."[206]

Essas situações complicadas geram uma diversidade ética na cultura brasileira que é muito bem captada pelo antropólogo norte-americano Richard G. Parker:

> Escritores muito diferentes, como Roger Bastide, Roberto Da Matta, Peter Frym, Gilberto Velho e Charles Wagley, ressaltaram a extensão em que, numa sociedade como o Brasil, na qual coexistem a tradição e a modernidade, aparecem éticas duplas ou múltiplas, que estruturam a experiência da vida diária. Descreve-se o Brasil como uma terra de contrastes e extremos e documenta-se a existência simultânea de sistemas evidentemente contraditórios de pensamento de região a região e de classe a classe... Por causa da natureza multifacetada da vida social, é possível a existência de múltiplas éticas...[207]

Essa multiplicidade ética deve dar lugar a um caráter que reerga o ethos brasileiro. Antes de elaborar uma conduta ética baseada em decisões – uma espécie de decisionismo – é preciso formar no cristão brasileiro um caráter cristão. Essa espécie de decisionismo tem dominado a literatura e os púlpitos.[208]

Não basta decidir como cristão, é preciso primeiro ter um caráter cristão, um caráter transformado pelo Evangelho para que as decisões sejam cristãs. Jesus afirma "pelos seus frutos os conhecereis", mas depois ele ensina que "toda árvore boa produz bons frutos... uma árvore boa não pode dar maus frutos" (Mateus 7:15ss).

Nessa batalha ética é preciso atacar os flancos: decisão e caráter. E sobre isso Moser[209] crê que se trata verdadeiramente de um processo dialético, em que os vários elementos se entrelaçam e se condicionam mutuamente. Sendo assim, a passagem de uma consciência intransitiva para uma consciência transitivo-crítica carrega forçosamente consigo uma nova concepção ética.

Haering crê que "numa genuína ética de conflito, a ênfase não é colocada tanto no papel do controlador, e sim na formação de uma pessoa que saiba discernir e que esteja sempre a caminho de maior maturidade".[210]

TRÊS MODELOS BÍBLICOS PARA O JEITINHO

Como o ponto de partida deste livro é a vontade revelada por Deus na Bíblia, é nela que se buscam alternativas de procedimentos éticos que forneçam luz às situações envolvidas nos dilemas éticos do jeito brasileiro.

A questão agora é que o foco cultural chamado jeito e seus dilemas éticos, como aparecem na cultura brasileira, não figuram explicitamente no relato bíblico. Sendo assim, também não é possível encontrar nas Escrituras uma resposta explícita e específica para os dilemas éticos do jeitinho brasileiro.

Uma saída, então, é procurar na Bíblia algum modelo de abordagem a situações-limite, das quais já falei anteriormente, situações de crise e de conflito naquele momento histórico e aplicar este modelo como referencial para as situações-limite do jeito hoje. A partir de agora, portanto, vou lhe demonstrar três situações dessa natureza, ainda que outras possam ser encontradas na Bíblia.

Uma liderança modelo para gerações futuras

O apóstolo Paulo se incumbiu de dar orientações a respeito da atividade pastoral a dois jovens pastores, seus discípulos. Assim surgiram as epístolas pastorais escritas a Timóteo e a Tito. O primeiro era pastor em Éfeso e o segundo em Creta. Uma das instruções referia-se aos requisitos necessários aos líderes principais da igreja – bispos/presbíteros e diáconos.

Para o propósito deste livro, posso destacar um dos requisitos: marido de uma só mulher [211] (1 Timóteo 3:2,12; Tito 1:6). É preciso confessar que esta passagem é de difícil interpretação e nem sempre os intérpretes concordam entre si. As mais importantes são:

a. Digamia (Robertson Nicoll)[212] , isto é, outro casamento após o falecimento da primeira esposa. Neste caso o líder da igreja, uma vez viúvo, não poderia mais se casar. Aqui o argumento pararelo e auxiliar é que Paulo exigia que as viúvas permane-

cessem nesse estado, não se casando mais. Em 1 Timóteo 5:11, Paulo diz: "...rejeita as viúvas mais novas, porque se tornam levianas contra Cristo, querem casar-se...". Veja também o versículo 9. A expressão "se tornam levianas"[213] ocorre apenas aqui no Novo Testamento e segundo Schneider [214] vem da raiz streniao, que significa "estar impetuosamente inflamado", "ser avarento", "ser sensualmente estimulado". Streniao ocorre também em Apocalipse 18:7, 9 e o seu substantivo em Apocalipse 18:3 é traduzido por "luxúria".

Deve-se considerar ainda Romanos 7:1-3 quando Paulo menciona que, depois da morte do marido, a mulher está livre para contrair outro matrimônio. Considerando isto, o sentido em 1 Timóteo 5:9, 11 é que Paulo não está falando que as viúvas mais novas não deviam mais se casar, mas que elas corriam o risco de se entregarem aos prazeres pecaminosos com homens sem escrúpulos agindo contra (no grego, kata) Cristo. Por isso a digamia não se aplica aqui neste texto.

b. Fidelidade e lealdade a uma só esposa (Paul D. Feinberg)[215], isto é, alguém que exibe a qualidade positiva de fidelidade e lealdade a sua esposa, por exemplo, não flertando com outra mulher. Esta interpretação considera uma atitude geral em relação ao matrimônio e não a sua forma.

c. Num só tempo (Archibald Thomas Robertson[216] e Fritz Rienecker & Cleon Rogers[217]), isto é, ter apenas uma esposa a um só tempo, ou monógamo. Neste caso, inversamente à digamia, poderia haver um novo casamento caso ocorresse a viuvez. Esta interpretação exclui a poligamia, que podia ser encontrada entre os judeus.

Ainda que essa modalidade matrimonial não fosse comum no mundo greco-romano, era, todavia, tolerada nessa cultura, às vezes disfarçada em concubinato e adultério.[218] Herodes, por exemplo, foi acusado por João Batista de possuir Herodias, a

mulher de Felipe, seu irmão (Mateus 14:1-12; Marcos 6:14-29). Esta interpretação indica uma forma matrimonial e não exclui a interpretação declarada no item anterior, que indica apenas uma atitude de fidelidade e lealdade matrimonial, aliás definida no sentido geral da ética bíblica.

Neste caso, poderia haver uma indagação importante: por que Paulo mencionou este requisito para o líder da igreja? Será que a igreja tinha entre os seus membros alguém que praticava a poligamia ou vivia a forma disfarçada de concubinato?

Embora não haja registro de uma situação assim, D. A. Carson lembra que a poligamia era praticada especialmente pela aristocracia e em algumas províncias.[219] É preciso lembrar ainda que omissão do registro não significa não-ocorrência. Outro fato a ser considerado era a possibilidade de Paulo estar tratando do assunto de forma hipotética, prevendo a possibilidade de que alguém nestas condições viesse a se converter.

David J. Hesselgrave afirma que a "monogamia é claramente o ideal para a membresia e uma explícita qualificação para a sua liderança (1 Timóteo 3:2)".[220] O referencial aqui é o relacionamento entre Cristo e sua igreja à luz de Efésios 5:23ss. Isto é, a ligação entre a estrutura igreja-Cristo e a estrutura marido-esposa. Há nisto um sentido no qual o lar é o microcosmo da igreja, como o lar tem um só cabeça, assim também a igreja. A unidade familiar é um microcosmo do que a igreja deve ser.

Esse fato pode também ser visto noutro critério que Paulo requer tanto dos presbíteros/bispos, quanto dos diáconos – que governem bem a sua própria casa e tenham os filhos em sujeição "pois se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?" (1 Timóteo 3:4, 5, 12; Tito 1:6). Sobre isso, Carson afirmou que "se em vez do modelo de noivo e noiva, o modelo que se tem é de noivo e noiva, e noiva, e noiva, e noiva, etc., o que se tem é a quebra de conexão tipológica entre a igreja de Cristo e o seu Cabeça."[221]

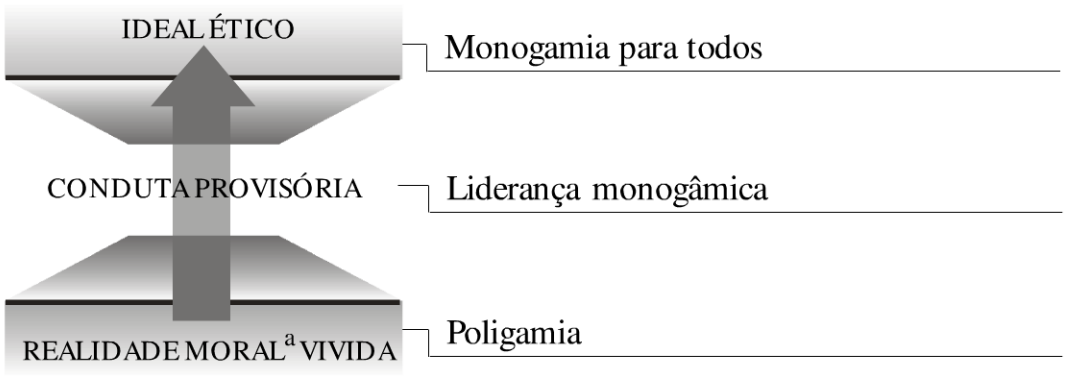
Se esta interpretação está correta, pode-se deduzir que havendo alguém na membresia da igreja fora da condição monogâmica, não deveria ser bispo/presbítero ou diácono.

Outra possibilidade dentro deste raciocínio é que a proposta de Paulo visava formar uma liderança seguindo o padrão bíblico de vida, incluindo as relações matrimoniais. A liderança seria um modelo a ser seguido pelas futuras gerações, que abandonariam as práticas culturais que não coincidissem com padrões bíblicos.

Aos que foram chamados num estado matrimonial aceito social e legalmente (poligamia ou concubinato, por exemplo) ficariam como estavam (1 Coríntios 7:17-24) e não lhes caberiam ser líderes.

Resumindo, havia um ideal ético a ser perseguido – monogamia como padrão para o matrimônio. Havia também uma situação real vivida (ou pelo menos hipotética) – poligamia (real ou disfarçada em concubinato) – que se desejava eliminar, objetivando atingir, mais tarde, o ideal ético.

Paulo levanta uma liderança modelo para ser seguida pelas próximas gerações. Ou seja, foi tolerada uma situação provisoriamente enquanto as bases para conquistar o ideal ético bíblico eram lançadas. Colocados num gráfico, esses dados ficariam assim:



[a] A palavra "moral" é utilizada aqui distintamente da palavra "ética", por representar a descrição dos valores éticos assumidos por um povo num determinado momento de sua história. Ela responde à pergunta "qual é o costume ético de um determinado povo em determinada época?" Já a palavra "ética" representa um ideal normativo e responde à pergunta "que é certo e errado em termos de comportamento, decisão ou escolha?"

O "jeitinho" do Concílio de Jerusalém

A solução do primeiro conflito envolvendo duas culturas na igreja cristã narrada em detalhes encontra-se no capítulo 15 dos Atos dos Apóstolos.

Depois da morte de Estevão, o Evangelho espalhou-se a ponto de alcançar os gentios. Alguns cristãos da judéia ensinavam a estes novos cristãos entre os gentios que a circuncisão era necessária para serem salvos (Atos 15:1, 5).

Paulo e Barnabé entraram em contenda com quem assim ensinava, a ponto de o assunto ser levado a Jerusalém, diante dos Apóstolos. Depois de longa e acalorada discussão chegou-se a um parecer amigável, resumido nas seguintes palavras:

> Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além dessas coisas essenciais: que vos abstenhais das coisas sacrificadas a ídolos, bem como do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas; destas coisas fareis bem se vos guardardes.
>
> Atos 15:28,29; veja também Atos 15:20; 21:25.

Quatro abstenções foram pedidas aos cristãos-gentios visando uma convivência pacífica com os cristãos-judeus:

a. Coisas sacrificadas a ídolos.
b. Comer sangue.
c. Comer carne de animais sufocados.
d. Relações sexuais ilícitas.

Destas quatro classes de abstenções, três foram muito significativas na história do povo judeu. A primeira estava muito ligada à obediência aos dois primeiros mandamentos do Decálogo. A abstenção de coisas sacrificadas a ídolos dava a idéia de se tratar de restrição sobre comer certos alimentos oferecidos em culto pagão. Estar em contato com coisas sacrificadas a ídolos poderia supor uma ligação entre a pessoa e o ídolo. Isso era abominável para o judeu.

A segunda e a terceira classe de abstenções referiam-se aos preceitos ligados ao sangue, como enunciados em Gênesis 9:4; Levítico 3:17; 7:26, 27; 17:10-16; 19:26; Deuteronômio 12:15, 16, 20-32; 15:22, 23; 1 Samuel 14:32-34 e Ezequiel 33:25.

Depois do dilúvio, o cardápio da alimentação humana passa a incluir a carne (Gênesis 9:3), mas Deus proíbe comer carne da qual não tenha saído sangue (Gênesis 9:4). A pena para o consumo de sangue era a morte (Levítico 7:26, 27; 17:14). Essa lei era aplicada aos estrangeiros que viviam entre o povo de Israel (Levítico 17:8, 10, 13, 15).

O sangue tinha papel importante no cerimonial expiatório pelos pecados do povo de Israel. A associação do sangue com a vida e o cerimonial da expiação pelo pecado concedia ao sangue um sentido sagrado: "...a vida da carne está no sangue..." (Levítico 17:11, 14). Talvez a idéia aqui fosse a de inculcar em Israel o valor do sangue para o sacrifício expiatório. Após a morte expiatória de Jesus Cristo, já não havia mais razão de associar o sangue com a expiação pelo pecado.

Archibald Thomas Robertson sugere que estes mandamentos aos cristãos-gentios não serviam para a sua "salvação mas unicamente para a manutenção da comunhão entre judeus e gentios... a paz e a concórdia na comunhão entre judeus e gentios justificariam uma pequena concessão da parte dos gentios."[222]

Então o sentido básico do texto relaciona-se ao de 1 Coríntios 8 e 10:14-33, tendo uma aplicação mais ampla do que aquela que se restringe ao uso dos alimentos mencionados. Aplica-se a qualquer coisa que um cristão possa fazer e que venha a servir de pedra de tropeço ao seu próximo.

A consciência do mais fraco precisa ser respeitada (1 Coríntios 8:12, 13; 10:32, 33). Em outras palavras não era proibido comer as coisas sacrificadas aos ídolos (1 Coríntios 8:4ss), mas não se tem o direito de levar uma pessoa a cair da fé por isso. Portanto,

embora estivessem isentos da circuncisão que os tornaria judeus, os cristãos-gentios deveriam fazer algumas concessões, por amor aos judeus abstendo-se de práticas que fossem ofensivas aos seus mais antigos irmãos na nova fé que abraçavam, ou seja, os cristãos-judeus.

Outra possibilidade é oferecida por W. Robertson Nicoll[223] quando sugere que esses preceitos poderiam evitar que os cristãos-gentios fizessem inadequada associação entre o culto pagão e a participação na Ceia do Senhor.

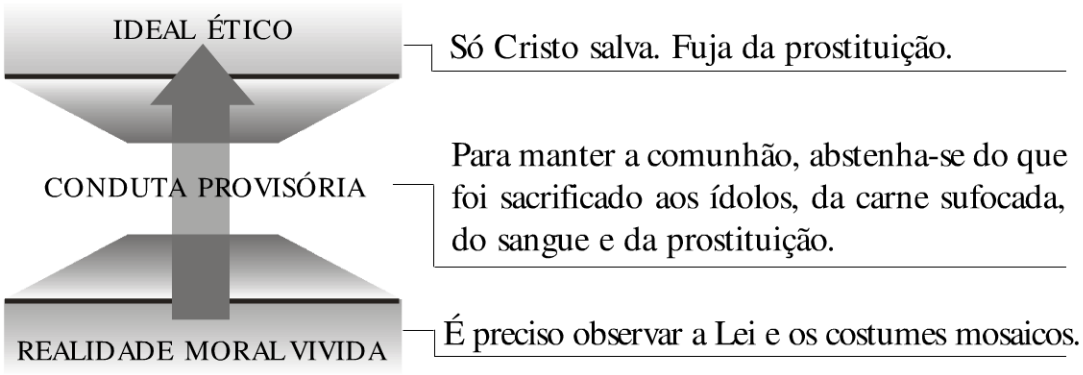
A quarta classe de abstenção referia-se à prostituição[224] e poderia ser um alerta para que os cristãos-gentios cuidassem do risco de participarem das cerimônias cultuais pagãs que, naturalmente, envolviam a prostituição cultual, comum entre os cananitas, sírios, fenícios e coríntios.[225]

O sentido básico mais provável destas prescrições aos cristãos-gentios seria aconselhá-los a promover atitudes que não pusessem em risco o seu convívio com os cristãos-judeus e alertá-los contra o risco de se envolverem com a idolatria. Tanto é que depois desta ocasião, não há outras ocorrências indicando que os cristãos deveriam manter essas práticas, a não ser a que se referia à abstenção da prostituição, que foi condenada por corromper o nosso corpo, o templo do Espírito Santo (1 Coríntios 6:18-20).

Para o propósito deste livro, é preciso observar que o mesmo modelo de abordagem ética adotado por Paulo na qualificação dos líderes da igreja é aqui adotado. Para atender a uma situação temporária, alguns preceitos éticos provisórios são estabelecidos. Uma vez resolvida a situação, tudo volta ao normal.[b] Assim, temos o seguinte gráfico:

---

[b] Neste exemplo, este livro não se preocupa em estudar questões como "por que alguns pontos da Lei foram selecionados e outros não?". O objetivo é constatar que houve essa separação e levantar um modelo de ação ética para manter a comunhão entre os dois povos.



Dando um "jeito" na escravidão

Diante de Deus todas as pessoas são iguais. Ele não faz acepção de pessoas (Deuteronômio 10:17; Atos 10:34; Romanos 2:11). A lei mosaica protegia o escravo a ponto de determinar a sua libertação no ano do Jubileu (Levítico 25:40).[226] Com o surgimento da nova comunidade em Cristo, a escravidão perdeu todo sentido.

> ...O que foi chamado no Senhor, sendo escravo, é liberto do Senhor; semelhantemente o que foi chamado, sendo livre, é escravo de Cristo.
>
> 1 Coríntios 7:22
>
> Não pode haver judeu, nem grego; nem escravo, nem liberto; nem homem, nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.
>
> Gálatas 3:28

A somatória dos textos do Novo Testamento sobre esse assunto demonstra que, embora no cristianismo não houvesse lugar para a escravidão, havia uma tolerância para a existência dessa prática. Segundo E. A. Judge[227], uma questão importante aqui, entre outras, é a razão prática de não expor as igrejas daquela época à crítica aberta (1 Timóteo 6:1,2)[c] diante da sociedade. Desta forma, se evitaria uma atitude de bloqueio à recepção do Evangelho por parte daqueles povos.

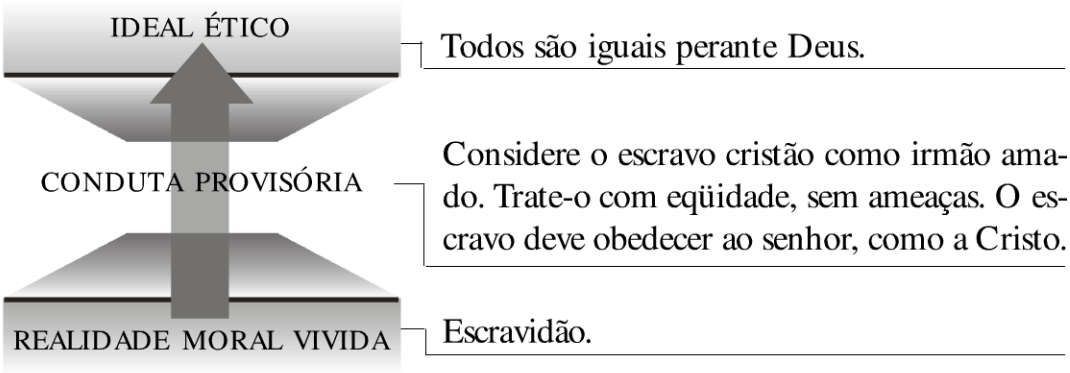
[c] O texto em Efésios 6:5-9 traz as palavras gregas doylos e kyrios, que significam "escravo" e "dono de escravos", respectivamente. Em geral, os leitores e pregadores modernos transpõem o significado dessas expressões para "empregados" e "patrões", respectivamente, que são compatíveis com o momento histórico-social da atualidade no mundo ocidental.

Nestas condições os escravos deveriam trabalhar de modo a agradar a Deus com o serviço que estivessem prestando em sua condição de escravo. Deveriam servir ao seu senhor como se estivessem servindo ao Supremo Senhor, Cristo (Efésios 6:5-8).

Por outro lado, o senhor cristão deveria tratar seus escravos com justiça, eqüidade (Colossenses 4:1) e sem ameaças, pois ele também era um escravo de Cristo, para quem não há acepção de pessoas (Efésios 6:9). O sentimento do senhor cristão que devia prevalecer a respeito do seu escravo era o de fraternidade (Filemon 16).

Judge nos lembra ainda que "quer na prática ou em analogia, os apóstolos claramente classificaram a instituição da escravidão como parte da ordem que está desaparecendo. Afinal a fraternidade dos filhos de Deus conduziria seus membros à libertação de todo o cativeiro."[228]

Enfim, enquanto o cristianismo ia vencendo as diversas barreiras socioculturais, era preciso nutrir os cristãos primitivos de uma conduta ética provisória, até que o ideal divino pudesse se concretizar. O diagrama neste caso fica assim:



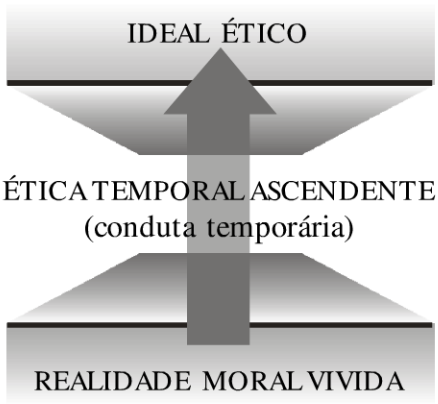
A ÉTICA TEMPORAL ASCENDENTE (ETA)

Nessas três[d] situações foi possível observar que havia um conflito entre o ideal ético divino e a realidade moral vivida, a ponto de não

[d] Outro exemplo que poderia ser citado é o divórcio. De um lado, temos a constância dos laços matrimoniais e o "coração flexível e amoroso" como ideais éticos divinos, e do outro lado do abismo ético a dureza de coração (Mateus 19:8) como a realidade moral vivida. A conduta provisória seria o divórcio.

se conseguir de imediato vivenciar o ideal ético. A solução foi o lançamento de uma ponte entre esses dois extremos, provendo uma atitude ética provisória que visava conduzir a pessoa do nível inferior da realidade moral vivida para o nível superior do ideal ético divino.

Essa atitude ética não era apenas provisória, mas também uma atitude dinâmica ascendente, isto é, conduzindo a pessoa de um nível ético inferior a um superior. O objetivo final era perseguir o ideal ético divino superior, os princípios divinos para a vida. Este modelo de conduta ética pode ser chamado de Ética Temporal Ascendente (ETA). Neste caso o gráfico seria demonstrado da seguinte forma:



A teologia interpreta as doutrinas a partir da verdade revelada nas Escrituras, sem necessidade de considerar o atual momento histórico para formular as suas alternativas. A ética também interpreta a verdade revelada nas Escrituras, e até se vale de pressupostos teológicos mas com o objetivo de buscar o ideal divino para ser concretizado no momento histórico da pessoa.

Enquanto a teologia considera o momento histórico para explicar a doutrina, a ética busca o momento histórico para aplicar o ideal de Deus no dia-a-dia. Ou como Leers afirma: a ética "movimenta-se entre as duas linguagens, entre a visão que deve ser realizada e o lugar em que o agente está agora, ligado às suas condições e atraído por um número limitado de possibilidades abertas".[229]

Não se trata aqui de diminuir o valor da teologia e valorizar a papel da ética, mas de demonstrar como as duas se completam e ocupam seu lugar próprio no campo das pesquisas teológico-religiosas.

Este abismo entre o ideal ético divino e a realidade moral não era privilégio apenas do passado. Hoje há dilemas éticos tais que reproduzem uma situação semelhante. A questão aqui não é invalidar o ideal ético divino, mas considerar as condições envolvidas nos dilemas éticos que impedem a imediata observância do próprio ideal ético. Sobre isso Bernhard Haering afirmou o seguinte:

> Se o homem é criatura colocada num mundo imperfeito e numa história caracterizada pelo pecado e pela redenção, não se espera dele que tome decisões perfeitas, mas tão-somente que faça o que melhor puder fazer no seu esforço de auto-realização e de construção de um mundo melhor.[230]

Você poderá até estar indagando qual a diferença entre essa abordagem e a oferecida pela ética situacional, que supervaloriza o ambiente, a situação envolvida no dilema ético?

É preciso levar em conta que a ética situacional considera apenas o amor como ideal ético divino. Além disso, no situacionismo ético, a situação tem mais peso que o ideal ético e esse ideal não é tido como um alvo a ser buscado.[231]

É nesse sentido que a ETA é uma ética temporal, pois é um modelo ético inquietante, não se acomoda com o jeito, aspira "algo mais" além do imediatismo do jeito. É também uma ética ascendente, visto que objetiva alcançar o ideal ético divino, não se acomodando em ficar no jeito – a realidade moral vivida pelo povo brasileiro em geral. Se a ETA deixar de ser temporal, deixará também de ser ascendente, desviando-se do ideal ético divino.

É por isso que, no gráfico apresentado no início deste item, há uma flecha – unindo os dois abismos – em direção ao ideal ético

divino. Aqui está a dinâmica de todo o processo, isto é, enquanto não se consegue chegar lá, vive-se da melhor maneira possível. Sem perder de vista o alvo, deve-se agir de forma tal a abandonar essa conduta provisória no espaço de tempo mais curto possível. Neste sentido a ETA é uma ética da realidade.

A direção da flecha – de baixo para cima – indica que a ETA tem como objetivo transportar a pessoa da distante e inferior realidade moral em que vive, rumo ao elevado ideal ético divino. É um modelo transitório de ética: do ainda-não, mas perseguindo o deve-ser.

Sobre isso Leers afirma que "a tematização da história não só leva a incluir no discurso moral a perspectiva escatológica da existência e do agir dos cristãos, mas faz assumir também o fato da transitoriedade, o estar-em-caminho e o ainda-não-ter-chegado no mesmo."[232] Haering lembra ainda que "Deus foi libertando gradativamente Israel dos tabus e dos conceitos religiosos que contrastavam com a santidade de Deus."[233]

A ETA é um modelo de ética de esperança que visualiza a busca incessante pelo ideal eterno divino, mas que considera o provisório do momento histórico do indivíduo. Nesse sentido, ela também é uma ética das possibilidades, pois considera as categorias do tempo e do espaço concreto da vida humana. Considera-se o estágio de decisão no momento concreto em que a pessoa histórica está situada.

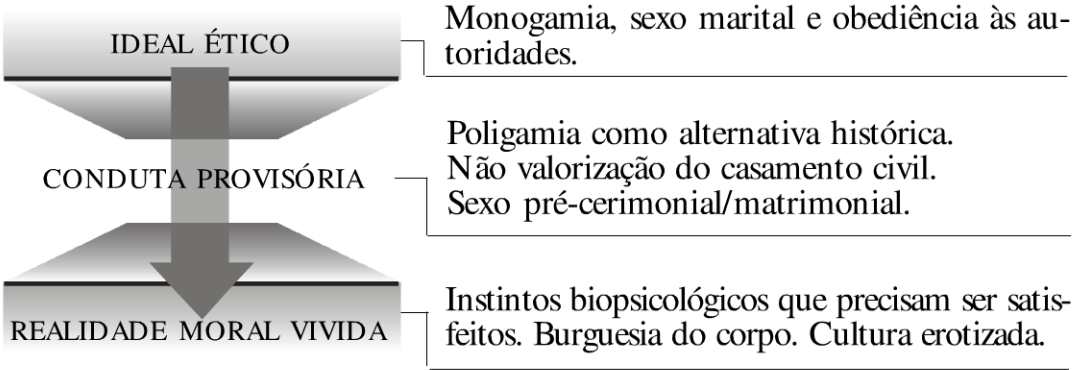
Ela é também um modelo de ética responsável e dinâmica porque, não se acomodando com as possibilidades imperfeitas humanas, busca atingir o ideal perfeito de Deus: "sede vós perfeitos como perfeito é vosso Pai celeste" (Mateus 5:48). Assim, a ETA é também uma ética de metas, pois a meta[234] é um estágio provisório em busca de um objetivo maior, permanente – o ideal ético divino.

Na meta, a realidade só tem prioridade à norma provisoriamente. O ideal fica "congelado" por um momento, para logo em seguida

ser aquecido pela chama do desejo responsável de seguir a vontade de Deus. Neste sentido, a ETA desafia o cristão a prosseguir na busca de alternativas para, então, alcançar o ideal ético divino. Passo a passo, deve-se prosseguir para o alvo.

O jeito tende a acomodar-se a uma situação sem mirar os ideais elevados, como a ETA. A motivação do jeito tende a ser o individualismo, a motivação da ETA é servir a Deus. A ETA é uma ética de compromisso com o Evangelho, o jeito é uma conduta de compromisso com a pessoa. A ETA é fruto do caráter cristão desejoso de concretizar a vontade de Deus, o jeito pode ser fruto do caráter egoísta que quer concretizar a vontade própria da pessoa. O jeito perpetua o pecado, a ETA reage contra o pecado.

Certamente não foi este o modelo de conduta ética que Robinson Cavalcanti adotou em recente livro[235] sobre a sexualidade, mas um modelo inverso. Ao enaltecer a cultura e os impulsos dos instintos humanos,[e] Cavalcanti traz o ideal ético bíblico em direção à realidade moral vivida. O ideal passou a ser não o divino num nível superior, mas o humano. O gráfico a seguir ilustra isso. É preciso observar a direção da flecha – ela está no sentido inverso ao da ETA.[236]



[e] Cavalcanti utilizou pressupostos baseados nas idéias de Charles Kraft (cultura) e Nietzsche/Reich (instintos humanos). Em seu texto ficou claro que a Bíblia é apenas um referencial de verdade, dependente dos fenômenos culturais e biológicos, na emissão da verdade. Veja os gráficos ilustrativos no apêndice, em que descrevo as maneiras de se obter a verdade.

Um tipo de dilema ético constante é quando dois princípios[f] éticos estão em conflito,[g] tal como o ocorrido entre as parteiras hebréias no Egito, Puá e Sifrá, que receberam a ordem expressa de Faraó para matar todos os meninos hebreus que nascessem. Elas tinham diante de si a obediência ao rei e a preservação da vida daqueles meninos que iriam nascer. Pesados os lados numa balança, elas preferiram não matar os meninos. Em vez disso, consideraram o sentido real da pergunta que talvez os guardas lhe tenham feito: "Há alguma criança que 'devamos matar'?" A resposta, na realidade, foi: "Não, não temos nenhuma criança que 'vocês devam matar'!"[h]

Muitos dos dilemas éticos são oriundos de conflitos culturais, como o clássico conflito sobre o Evangelho e a cultura. H. Richard Niebuhr[237] escreveu um livro sobre o assunto, que se tornou clássico. Mas é Bruce J. Nicholls que contempla a vitória do Evangelho ao afirmar que ele "nunca é hóspede de qualquer cultura; sempre é seu juiz e redentor".[238]

Nesse confronto da cultura com o Evangelho, Stephen C. Neill[239] propõe um modelo semelhante à ETA quando sugere três níveis ou categorias sobre a convivência entre o Evangelho e a cultura. Para Neill, há em primeiro lugar alguns costumes que não podem ser tolerados, tais como a idolatria, o infanticídio, o canibalismo, a vingança, a mutilação física, a prostituição ritual, etc.

Em segundo lugar, há alguns costumes que podem ser temporariamente tolerados, tais como a escravidão, o sistema de castas, o

---

[f] Neste livro a expressão "ideal ético divino" representa o todo do desejo ético de Deus para a pessoa, enquanto que "princípio" é esse desejo ético aplicado à classe específica de situações. O ideal é o todo, e o princípio é a unidade. Assim, o ideal ético divino é a somatória de princípios específicos de Deus para a vida humana.

[g] Aqui trata-se de uma situação-limite conforme definição que você já leu algumas páginas atrás. Em ética, a avaliação desse tipo de situação é chamada de moral do duplo efeito, pois ao seguir um princípio ético acabará transgredindo outro, e vice-versa. Veja o verbete Principios Morales, no Diccionario de Ética Teológica, de Marciano Vidal, Estela, Espanha: Verbo Divino, 1991.

[h] Uma situação desta mesma categoria ética ocorreu na história moderna da igreja cristã envolvendo a irmã Corrie ten Boom quando teve de proteger judeus dos nazistas. Veja o seu livro Refúgio Secreto. Venda Nova: Betânia, 1982.

sistema tribal, a poligamia etc. E, em terceiro lugar, há alguns costumes cujas objeções não são relevantes para o Evangelho, tais como o homem e a mulher se sentarem separadamente nos cultos, os costumes alimentares, a vestimenta, os hábitos de higiene pessoal etc.

O Congresso Lausanne I[240] adota estas idéias de Neill, através do Relatório de Willowbank (The Willowbank Report), e acrescenta uma categoria entre a segunda e a terceira. Ela trata de assuntos em que há controvérsia entre as igrejas, tal como a questão da consangüinidade.

ALGUMAS SALVAGUARDAS PARA A ETA

A ETA talvez não consiga solucionar todos os dilemas do confronto entre o ideal ético e a realidade moral. Mas é um ponto de partida para concretizar as possibilidades impossíveis[i] do Evangelho. A ETA é um modelo de ética de conflito, ética emergencial de compromisso. Na elaboração desse modelo, a ênfase é colocada "na formação de uma pessoa que saiba discernir e que esteja sempre a caminho de maior maturidade".[241]

Inicialmente, a ETA pode parecer um modelo ético cômodo, isto é, não leva o indivíduo a adotar uma conduta ética ideal imediata, fazendo com que ele se acomode e, assim, transformar o estágio transitório em permanente. Nesse caso, a ETA seria como que uma "muleta ética" para justificar racionalmente a comodidade e o conforto histórico.

O uso da ETA não pode ser encorajado, pois poderá haver quem queira se utilizar dela para justificar seu comodismo diante da desobediência às leis, ou do "levar vantagem". Esta atitude só revela, mais uma vez, o egoísmo humano. Por isso, a ETA deve ser o último recurso, aquele de que se lança mão quando os princípios éticos

[i] A expressão "possibilidades impossíveis" tornou-se clássica no campo da ética cristã e foi criada por Reinhold Niebuhr (1956, cap. 4) para designar as altíssimas exigências éticas do Evangelho. Veja a parte final do apêndice.

são tão conflitantes que já não há mais saída. Nunca deve ser escolhida como modelo ético para o dia-a-dia, como "se troca de roupa."[j]

Será preciso, então, criar uma espécie de limite à extensibilidade da ETA. A nossa proposta é estabelecer para ela um conjunto de salvaguardas. Segundo o dicionário Aurélio, salvaguarda significa salvo-conduto; resguardo de um perigo, proteção, segurança, cautela. E aqui em nosso texto, as salvaguardas representam um conjunto de princípios que protegem o ideal ético divino, induzindo, no praticante da ETA, uma atitude de cautela e reservas contra os seus interesses pessoais em face dos próprios ideais divinos. Isto é, em vez de utilizar a ETA como seu padrão ético ideal, a pessoa o utilizará apenas quando não houver mais saída.

Um ponto de partida razoável para estabelecermos um conjunto de salvaguardas, é considerar a essência ou "supra-sumo" da ética ensinada por Jesus. Quando foi interrogado por um doutor da lei, fariseu, a respeito de qual era o grande mandamento, Jesus respondeu:

> Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.
>
> Mateus 22:37-40

De um certo modo Jesus foi uma espécie de hierarquista[k] ético ao dizer "primeiro e segundo mandamentos", mas esta preocupação não é tão relevante no momento. O importante agora é que nesta graduação podemos traçar o início de um conjunto de salvaguardas para a ETA, ou seja, um conjunto de limites que impeçam

---

[j] A expressão "como se troca de roupa" significa, no Brasil, tornar uma atitude comum e rotineira.

[k] O hierarquismo ético é explicado no apêndice, no final do livro.

que ela se desvie de seu caminho. É bom lembrar aqui que, havendo os dois trilhos, o trem cumpre o seu papel.

Em primeiro lugar aparece o amor a Deus. Isto representa o ideal máximo, o alvo a ser buscado, a essência dos princípios éticos divinos em nosso gráfico da ETA. Por exemplo, estou amando a Deus quando obedeço às autoridades (Romanos 13:1-7), porque ao fazê-lo estou obedecendo em primeiro lugar a um princípio divino. Mas se as autoridades determinam uma lei contrária à vontade de Deus: "importa antes obedecer a Deus do que a homens" (Atos 5:29).

Em segundo lugar, vem o amor próprio que é um referencial do amor ao próximo. Na classe do amar-se-a-si-mesmo está o princípio da sobrevivência, por exemplo. Esta é uma salvaguarda fundamental. À luz do cristianismo, a vida do indivíduo é valorizada. O nosso corpo é o "templo do Espírito Santo" (1 Coríntios 6:19,20). Cada um de nós é mordomo de nossa vida e protagonista de nossa história individual. Isto é realizável pela capacidade de decidir, pelo exercício da vontade humana. A vida é um dom de Deus, o Senhor absoluto. Mas não resta à pessoa apenas o seu domínio útil. Como um dom, uma vez recebido, fica à disposição do seu possuidor para bem administrá-lo. Isso representa cuidar bem e proteger a sua história pessoal.

Em terceiro lugar, vem o amor ao próximo. Esta salvaguarda leva em consideração, por exemplo, a preservação da família, da vida do próximo. O livro Refúgio Secreto, de Corrie ten Boom, demonstra o exercício dessa salvaguarda quando a sua família escondia os judeus dos nazistas.

A conduta ética das parteiras hebréias no Egito também pode ser classificada aqui (Êxodo 1:15-22), enquando a ocultação da verdadeira identidade de Abraão envolveria a segunda e a terceira salvaguardas (Gênesis 20:1-18, compare com 21:22-24).

Com estas salvaguardas é possível manter uma postura ética "pé no chão", mas com os olhos e interesse vitais voltados para Deus. Ela é, portanto, uma alternativa de unir fé como ortodoxia e a fé como ortopraxia, isto é, a fé como conceito abstrato e teórico e a fé como prática e aplicação à vida concreta.

É preciso, ainda, tomar cuidado para que a ETA não substitua o desafio da fé operante na vida do cristão. Há ocasiões em que a alternativa mais razoável dentro da vivência cristã é enfrentar o conflito de princípios éticos, tal como Pedro e os demais apóstolos fizeram. Numa determinada ocasião, eles concluíram que a melhor saída naquele momento, o que mais importava era "obedecer a Deus do que aos homens" (Atos 5:29).[1]

As decisões éticas não podem ser apenas fruto de equações lógicas entre argumentos pró e contra os fatos envolvidos nas escolhas humanas. Elas precisam também, e principalmente, ser fruto da fé na providência divina, pois caso contrário corre-se o risco de a conduta ética não ser cristã, mas meramente fruto de interações mentais e filosóficas a ponto de o referencial bíblico ser inferiorizado ou mesmo de cair numa espécie de legalismo.

Um exemplo recente de fé foi observado no procedimento de um juiz, amigo meu, que rejeitou terminantemente propostas para aprovação de seu filho num concurso público. Ele concluiu que não estava diante de uma situação sem saída e se submeteu a Deus mesmo isso significando a reprovação de seu filho, que perdeu a vaga.

Não pode ser renegada aqui a pontencialidade do caráter pessoal do cristão e do lugar da comunidade cristã da qual ele faz parte. Este foi o foco dos interesses, tanto de Jesus como dos apóstolos no seu ensino e em sua vivência ética. A ETA, novamente repetimos, é uma alternativa para quando não há mais saída.

---

[1] Um exemplo moderno dessa situação envolveu o conhecido irmão André, o contrabandista de Deus. Para obedecer a Deus, desobedecia às autoridades comunistas contrabandeando literatura evangélica. Veja o livro de sua autoria que conta a sua própria história (O Contrabandista de Deus, Venda Nova: Betânia).

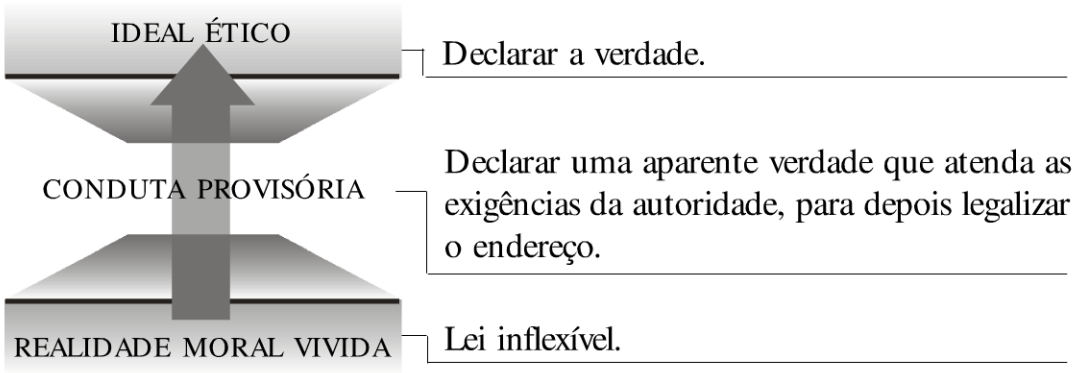
TRÊS CASOS PARA ILUSTRAR A ETA

A materialização do jeito no cotidiano de quem vive no Brasil pode ocorrer pela desatenção da autoridade para com a realidade do cidadão. Foi possível demonstrá-la como realidade no Brasil ao estudarmos alguns dilemas éticos do jeito na segunda parte deste livro.

Num depoimento, um missionário relatou que, ao chegar ao Brasil, sua esposa tentou obter a Carteira de Habilitação para Motorista numa cidade do interior de São Paulo, mas acabou não concluindo o processo. Depois de alguns anos, já morando na capital, retornar a idéia.

Quando a repartição pública descobriu que ela já iniciara o processo no interior, remeteu-a para lá. Chegando na repartição pública daquela cidade do interior, descobriu que só poderia obter a Carteira de Motorista se residisse ainda naquela cidade. Embora ela tivesse tentado explicar a situação, nada adiantou.

O funcionário então sugeriu que ela declarasse residir no endereço de algum conhecido na cidade e tudo ficaria resolvido. Não havia saída. Ela declarou que residia no endereço do escritório da missão naquela cidade e, por fim, conseguiu o documento, com a possibilidade de transferir o endereço fictício para o real. Esta situação, representada no gráfico da ETA, fica assim:



Outro caso concreto que pode ilustrar a ETA foi relatado num depoimento de um contabilista. Por motivo de saúde, ele teve de

requerer seu afastamento do serviço passando a receber a pensão da Previdência Social. Segundo a legislação, ele deveria ficar afastado do trabalho sob pena de perder o direito àquela pensão.

Feitos os cálculos, o contabilista concluiu que não conseguiria sobreviver e, muito menos, sustentar a família com aquela pensão, mesmo que sua esposa trabalhasse, uma vez que seus filhos não estavam em idade produtiva. Sendo assim, ele abriu um escritório de contabilidade em nome da esposa e continua trabalhando, clandestinamente, para complementar o orçamento doméstico.

Ele não pode abrir mão do benefício recebido, pois em caso de seu falecimento a esposa precisará da pensão previdenciária. É bom lembrar que seu estilo de vida é bem simples. Creio que nem precisaríamos fazer o gráfico da ETA, deixando esse exercício ao prezado leitor.

Enquanto escrevia parte deste trabalho, ocorreu um fato interessante com um aluno de ética. Ele viera de outro estado e não conseguia emprego. Sua condição era tal que comprometia o sustento da família e dos estudos. Depois de algum tempo, decidiu vender clandestinamente suco de frutas aos vendedores ambulantes do Largo 13, no bairro de Santo Amaro. Hoje, depois de formado, é pastor no interior de seu Estado.

Num ambiente niilista[m] como o da presente era, será preciso semear ideais e esperança de que eles possam ser atingíveis. Neste sentido, a ETA transforma o absolutismo monolítico em absolutismo ideal, um alvo de perfeição a ser buscado, um "prosseguir para o alvo" (Filipenses 3:11-14), permeado de esperança para atingi-lo.

Nesse modelo de conduta ética fica evidenciada a realidade dos fenômenos culturais, como o do jeito, mas também a relevância dos ideais do cristianismo sobre a cultura. Em todo caso, cabe bem aqui a admoestação do Relatório de Willowbank, de Lausanne I: "a

[m] Segundo o dicionário Aurélio, "niilista" é a pessoa que não crê em nada. Aqui significa a ausência de ideais.

coisa mais impressionante em relação ao cristão deveria ser não a sua cultura, mas sua semelhança com Cristo".[242]

O objetivo da ETA quando aplicada ao jeito não é induzir o cristão ao comodismo, mas imunizá-lo contra o "levar vantagem". Nas salvaguardas da ETA foi possível estudar que essa intenção não deve estar naturalmente embutida no jeito. "Levar vantagem" significa egoísmo, falta de amor, enfim, individualismo.

Com a ETA, o cristão tem uma alternativa para agir num momento histórico conflitivo e de crise ética diante do jeito e, assim, paulatinamente alcançar o ideal ético para a sua vida. Mas o momento histórico do cristão é vivido dentro da própria sociedade, que necessita do Evangelho, como já ficou claro no capítulo anterior. Por isso, o cristão deve tornar o seu momento histórico significativo também para a sociedade. Esse será o enfoque que vem a seguir.

PARTE 7

O PAPEL DO CRISTÃO NA SOCIEDADE DO JEITO

Não podemos todos ser apóstolos, mas podemos ser "cartas vivas".

William A. Sunday

Se cada um varresse a frente de sua casa, toda rua ficaria limpa.

Provérbio chinês

Nas páginas anteriores, procurei demonstrar que o cristão que vive no Brasil deve considerar com seriedade e compromisso sua vida na comunidade eclesiástica valendo-se do seu ambiente fértil como fonte inesgotável de recursos para o amadurecimento cristão. Foi possível, também, sugerir a ETA como uma alternativa para o contexto interno das decisões do cristão. Agora, chegou o momento de desafiá-lo a ser "sal da terra e luz do mundo" (Mateus 5:13-16) e a desenvolver uma caminhada significativa e contagiante, com um cristianismo marcante e transformador.

A ETA atende ao que no campo da ética é conhecido como ética individual, sendo uma alternativa para a vida privada, profissional ou social do indivíduo. Embora a ETA esteja presente nos relacionamentos, ela trata de uma decisão de foro íntimo. Contudo, desde as origens, o Criador já observara que o homem deveria viver comunitariamente (Gênesis 2:18). Além disso, o apóstolo Paulo afirma que o cristão deve viver de tal modo a se tornar irrepreensível e sincero, ser filho de Deus, indesculpável no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandecerá como luzeiro no mundo (Filipenses 2:15).

Isto significa que será preciso prover outros caminhos para ampliar o alicerce ético do cristão. Esta parte do livro aborda, portanto, esta outra dimensão: considera a ética social, isto é, a ação do indivíduo na sociedade. A abordagem do tratamento ao jeitinho no âmbito social é preponderante uma vez que as escolhas pessoais do cristão poderão até mudar o curso do seu ambiente de convivência.

No final desta parte, será apresentado um caso hipotético para ilustrar como as três propostas de ação – o papel da igreja, a ETA e o papel do cristão na sociedade do jeito – contra os dilemas éticos do jeito podem ser aplicadas.

capítulo 20

Então, como devo viver?

As pessoas aprendem quando ensinam.

Sêneca

Alguns afirmam que a ética ou a moral[243] é a causa básica dos dilemas da sociedade brasileira do jeito. Se isto é verdade, a causa primeira desses dilemas é espiritual, então o brasileiro precisa de Cristo para transformar a sua vida de dentro para fora. O papel do cristão brasileiro se torna, por isso, preponderante. Wadislau Martins Gomes assinala:

> Cada palavra que sair da nossa boca deverá ser vivamente conferida com o nosso dia-a-dia e a realidade do ambiente... daí prosseguimos para dizer que a nossa pregação não se limita à redenção que experimentamos quando cremos, mas que vai a todos os dias subseqüentes, e com todos os efeitos e conseqüências em todas as áreas da vida.[244]

O cristão não pode se isolar deste mundo como um alienado, ou mesmo viver como um esquizofrênico, tendo sua vida dividida em dois níveis – o espiritual e o secular. Ele deve assumir compromissada e seriamente o Evangelho como seu estilo de vida e influen-

ciar o seu meio ambiente aplicando e concretizando em seus atos e em suas escolhas pessoais cotidianas o próprio Evangelho. Paulo Proscurshim sugere:

> O cristão deve participar das decisões no âmbito social e político, sempre, defendendo a posição bíblica. Sempre que possível estar presente em associações profissionais, sindicatos, associações de bairros, associações de pais e mestres e outras organizações sociais, procurando levar a mensagem de Cristo através de suas ações e apresentar soluções conforme a vontade de Deus através de suas palavras... O cristão deve ter uma participação que cause impacto na comunidade que o rodeia... não deve se alienar da política e dos conflitos sociais, pois o cristão verdadeiro, como cidadão, tem o dever de participar... É preciso penetrar na cultura popular e contribuir para a sua promoção e formação. Precisamos considerá-la dentro da perspectiva bíblica. O cristão autêntico deve sair do gueto e alvoroçar o mundo. Deve levar a mensagem de Cristo com o máximo vigor até as últimas conseqüências.[245]

Já mencionamos que a vida na comunidade cristã – a igreja – fornece instrumentos que equipam o cristão para viver de modo significativo em seus momentos históricos. No estudo bíblico e na pregação natural da vivência eclesiástica, ele aprende que Deus deve ocupar o primeiro lugar em sua vida. O cristão deve ter uma conduta exemplar, transmitir o Evangelho aos que estão sem Cristo e demonstrar uma cidadania exemplar e responsável. Agora chegou o momento de sair a campo. É o "indo" de Jesus (Mateus 28:19, 20).[a]

VIVER PARA A GLÓRIA DE DEUS

Buscando o ideal ético divino, o cristão deverá ter como motivação agradar ao seu Senhor. O grande destaque aqui é que todos foram

[a] Lamentavelmente, os tradutores utilizaram o imperativo (ide) quando temos no texto grego original um verbo no aoristo particípio. Isto gerou um equívoco histórico pois enfocamos: "o desafio do crente é ir", quando na realidade o imperativo do texto é "fazer discípulos".

criados para a glória de Deus (Isaías 43:7), isto é, para a alegria e a satisfação dele. Com a entrada do pecado no mundo, todos se desviaram desse alvo (Romanos 3:23; 6:23). Após a conversão ao Evangelho, a primeira motivação reassume seu lugar, pois como o apóstolo Paulo afirma: "quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus" (1 Coríntios 10:31).

Essa é a força motriz que deverá impulsionar o cristão a aplicar a ETA de modo temporal e ascendente, isto é, provisória e dinâmicamente. É assim que o cristão poderá ser conduzido o mais rápido possível ao ideal ético divino.

TER UMA CONDUTA ÉTICA EXEMPLAR

O cristão brasileiro deve assumir uma conduta ética exemplar. Ao enfrentar situações-limite, ou sem saída, a ETA torna-se uma alternativa dinâmica. Ela proverá ao cristão brasileiro meios de navegar neste turbulento oceano de imoralidade cultural. Através da ETA, o cristão poderá reagir eticamente ao seu cotidiano e combater, de modo progressivo, o bom combate (1 Timóteo 1:18; 6:12; 2 Timóteo 4:7). Ele estará em busca do ideal ético divino e demonstrando à sociedade brasileira quão operacional e produtivo é o Evangelho. Aqui está a concretização do seu papel como sal da terra e luz do mundo (Mateus 5:14-16).

ANUNCIAR AS BOAS NOVAS DO EVANGELHO

O cristão brasileiro precisa desenvolver o espírito evangelístico, seja pela própria pregação do Evangelho, seja pela manifestação de seu testemunho pessoal. A ação redentora de Jesus na vida do cristão deve manifestar-se em sua reação aos dilemas éticos do jeito.

Robert E. Coleman lembra que a preocupação de Jesus "não era com programas para atingir as multidões, e, sim, com homens a quem as multidões seguiriam... Homens seriam o seu método de conquistar o mundo para Deus".[246]

Neste momento surge a ação conjunta da igreja, a comunidade do povo de Deus, que não pode viver como se houvesse paz. Há uma guerra, uma sangrenta guerra, não contra o "sangue e a carne" (Efésios 6:12), mas contra as hostes celestiais da maldade, cujo príncipe, Satanás, é a força motriz das instituições humanas – políticas, econômicas, sociais e familiares.

Os amigos do cristão brasileiro, seus colegas de trabalho e seus vizinhos deverão ver em sua vida prática e em sua maneira de reagir ao jeito a manifestação da fé e da ação do Evangelho.

DESENVOLVER UMA CIDADANIA EXEMPLAR E RESPONSÁVEL

O cristão brasileiro precisa desempenhar o seu papel como cidadão responsável, não apenas obedecendo às autoridades, mas, numa espécie de revolução não-violenta e silenciosa, participando na sociedade de modo que as instituições desempenhem corretamente os seus papéis.

Emil Brunner lembra que "a função do Estado é criar ordem, no sentido de pacificação e justiça".[247] Se o Estado não cumpre a ordem, o cristão poderá usar instrumentos pacíficos para lembrá-lo disso.

Na sociedade brasileira há instrumentos mediante os quais o cidadão pode contribuir para a melhoria das condições de vida. Os jornais e as revistas de maior circulação no país, por exemplo, mantêm colunas para que os leitores se manifestem, opinando e reclamando. As sociedades de amigos de bairro e o voto responsável também são outros caminhos para expressar a cidadania.

O cristão brasileiro, como cidadão responsável que é, deve interceder por todos aqueles que estão investidos de autoridade e cooperar com eles no cumprimento da lei justa.

> Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graça, em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos

> de autoridade, para que vivamos vida tranqüila e mansa, com toda piedade e respeito. Isto é bom e aceitável diante de Deus nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.
>
> 1 Timóteo 2:1-4

Uma parte da análise sobre o jeito demonstrou que seu conteúdo negativo diz respeito principalmente à transgressão ou ao desvio da norma ou da lei. Esse impulso passa a ser natural no cotidiano até do cristão brasileiro, que está inserido como qualquer um na sociedade do jeito. A influência do jeito poderá ser sentida na vida do cristão por meio de transgressões no trânsito, declaração incompleta do imposto de renda até chegar ao desrespeito a toda norma. É por isso que a discussão do papel do cristão diante das autoridades que representam a lei humana precisa de um pouco mais de espaço neste livro.

capítulo 21

O CRISTÃO E AS AUTORIDADES

Nem tudo o que é legal é moral.

Adágio popular

Há ocasiões em que o jeito alivia a pressão que as teias da lei exercem sobre o indivíduo, mesmo quando ele poderia submeter-se a ela. Aqui se inclui a sonegação no pagamento de impostos, a ilicitude em concorrências, o suborno e a corrupção. Esse é o lado cômodo do jeito. A documentação extraída dos jornais – usada neste livro – é unânime ao concluir que o objetivo dessas ações é geralmente o enriquecimento e o autobenefício.

O perfil do caráter do cristão deve desmotivá-lo a agir de acordo com esse tipo de jeito. Em alguns depoimentos, por exemplo, ficou clara a insatisfação das pessoas com a má administração do dinheiro público, o que as têm motivado a sonegar impostos. A visão do cristão deve ser diferente. Não há justificação para a desobediência ao governo só porque ele não está usando bem o dinheiro.

Lamberto Schuurman descarta com dois argumentos a hipótese da sonegação como resposta ao esbanjamento das verbas públicas:

1. Está sob a responsabilidade governamental determinar o destino do dinheiro que se obtém e o contribuinte não deve sentir-se incomodado com este argumento, porém que tenham dúvida sobre a administração do dinheiro do povo não justifica a defraudação.
2. É certo que a burocracia devora milhões e milhões de cruzeiros(sic), porém algo se faz com este dinheiro: há estradas, ruas, hospitais, obras de saneamento, vacinação gratuita, etc.[248]

Neste ponto é preciso repensar o princípio ético de obediência às autoridades (Romanos 13:1-7; 1 Pedro 2:13,14). Gardner lembra que:

> Atitude dominante no Novo Testamento para com as autoridades civis foi de aceitação e obediência e que Jesus não advogou nenhum programa de reforma política... Tudo o que era possível era a resistência espiritual não violenta e o padecimento fiel sob a perseguição... Os cristãos primitivos criam, no todo, que as autoridades civis representavam a vontade divina para prover a ordem na sociedade. Desde que os homens são pecadores, há necessidade de poder coercitivo do Estado para contê-los de práticas por demais violentas de maldade e injustiça... Portanto, em vista da importância do Estado como dique contra a anarquia, os cristãos não só podiam, mas na verdade deviam, obedecer às autoridades civis, exceto nos casos em que se tornasse impossível obedecer às leis dos homens sem, ao mesmo tempo, desobedecer aos mandamentos de Deus. Neste último caso, deviam suportar as injustiças da presente ordem pacientemente e aceitar as conseqüências da desobediência, mesmo que isso significasse martírio, pois o fim da presente era logo haveria de chegar.[249]

Tanto o texto de Romanos como o da Primeira Epístola de Pedro referem-se a um ambiente pagão, como lembra Yorder.[250] Além disso o modelo de governo era o imperial, em que o papel do indivíduo como cidadão era reduzido ou nulo na elaboração das leis, da taxação tributária, etc.

No modelo democrático, o governo é do povo e o cidadão tem papel preponderante no aperfeiçoamento das leis por meio de diversos instrumentos – representatividade parlamentar, voto, denúncias, greves, debates etc.[251] Nesse sentido, Wolfgang Schweitzer afirma:

> Desde os tempos bíblicos, também desde a época da Reforma, o alcance das funções da instituição política ampliou-se de maneira espantosa. Hoje o Estado precisa administrar e regulamentar muito mais questões do que antigamente. Por isso é quase impossível comparar as autoridades de outrora com o nosso Estado de hoje.[252]

No modelo imperial seria impossível contestar alguma ordem do imperador. Uma vez criada, tinha de ser obedecida. No modelo democrático, o cidadão tem o direito de questionar, por exemplo, a constitucionalidade de um decreto presidencial, ou de uma lei promulgada pelo Congresso.[253]

A Constituição brasileira, por exemplo, em seu artigo 5º, inciso LXIX, permite a concessão de mandado de segurança para proteger o direito do cidadão quando o responsável pela ilegalidade ou pelo abuso de poder for autoridade pública.

Nesse caso a própria autoridade estabeleceu que ela pode ser questionada. Há, então, a obediência passiva e a obediência ativa. Pagar tributos e entregar a declaração de renda é obediência passiva. Entrar com um mandado de segurança contra uma repartição pública é obediência ativa. Lamentavelmente muitos cristãos evangélicos exercem apenas o lado passivo da obediência.

No dia 15 de março de 1991, o então presidente no Brasil Fernando Collor assinou medida provisória, depois transformada em lei, retendo a disponibilidade financeira depositada na rede bancária de toda pessoa física e jurídica. Milhares de brasileiros e empresas conseguiram reaver o ativo financeiro retido mediante ações judiciais. Sobre isto o jurista Ives Gandra da Silva Martins afirmou

que "o Judiciário surgiu como a única saída para os brasileiros se rebelarem contra o confisco do dinheiro."[254]

John Rawls define desobediência civil como "um ato público, não-violento e conscientemente contrário à lei, com a intenção de influenciar a sua mudança. A desobediência civil é um ato político no sentido de que é um ato justificado por princípios morais que definem a concepção de uma adequada sociedade civil".[255]

A desobediência civil é uma espécie de obediência ativa quando a autoridade não a inibe legalmente. A transação cambial no Brasil é mais um exemplo a ser considerado. Hoje já não se faz mais distinção entre o famoso dólar no câmbio negro ou paralelo versus dólar oficial. O que se tem são diversos tipos de cotação – dólar turismo, dólar comercial, dólar livre.

Na época da clandestinidade, a cotação do dólar no câmbio negro, isto é, o não-oficial, era publicada sem censura nas tabelas financeiras dos jornais de maior circulação no país e até divulgado pelo telefone, tronco 200, em São Paulo.

Para controlar os avanços do dólar paralelo, o Banco Central fez inúmeras intervenções injetando dólares no mercado do dólar flutuante (turismo),[256] o que equivaleu a um reconhecimento tácito de que havia entrada ilegal de dólares no país. Ainda hoje esse mesmo procedimento é tomado pelo Banco Central sempre que o governo percebe que a cotação do dólar extrapola os limites.

Haering afirma que "nenhuma lei feita pelo homem tem poder para obrigar a consciência, se for arbitrária. Uma lei só pode ser obrigatória pelo serviço que presta ao bem comum, à justiça e à paz, ao desenvolvimento e à responsabilidade da pessoa".[257]

A desobediência civil é a tradução moderna da epieikeia aristoteliana mencionada no início deste livro. O mesmo Haering afirma:

> Uma lei impossível não pode obrigar ninguém. E o Estado deve tomar em consideração as possibilidades morais das pessoas.

> Uma lei é injusta quando o peso que acarreta não tem proporção com a contribuição que sua observância possa trazer ao bem comum. A autoridade do Estado é obrigada a reconhecer o uso adequado da epieikeia. Ela não tem direito algum de insistir numa observância literal de leis quando os cidadãos agem responsavelmente. Leis injustas, por causa de sua falta de justiça, não podem obrigar a consciência dos cidadãos. Os cidadãos, porém, precisam de discernimento e devem questionar-se sobre o tipo de ação que seria melhor, aqui e agora, para o bem comum e para o seu próprio bem... Os cidadãos têm, todavia, o direito e, por vezes, o rigoroso dever de se oporem aos privilégios concedidos pela lei a certos grupos, quando tais privilégios não promovam algum serviço prestado ao bem comum.[258]

D. G. Will[259] relaciona diversos exemplos bíblicos de desobediência civil: oração ilegal de Daniel (Daniel 6), a pregação ilegal de Pedro (Atos 5:27-32) e a recusa de Paulo em obedecer à ordem para deixar a cela da prisão (Atos 16:35-40). Ele alerta que é preciso "um discernimento cuidadoso para se distinguir entre uma ocasião biblicamente justificável para a desobediência civil e uma simples racionalização de um protesto ilegal que surge de outros motivos e interesses".

O brasileiro se utiliza do jeito da desobediência civil quando vê sua individualidade ameaçada por alguma lei ou imposição considerada prejudicial ao seu momento histórico. Neste caso o jeito da desobediência civil pode estar sendo, como afirmou o prof. Richard Julius Sturz, uma reação criativa para gerar:

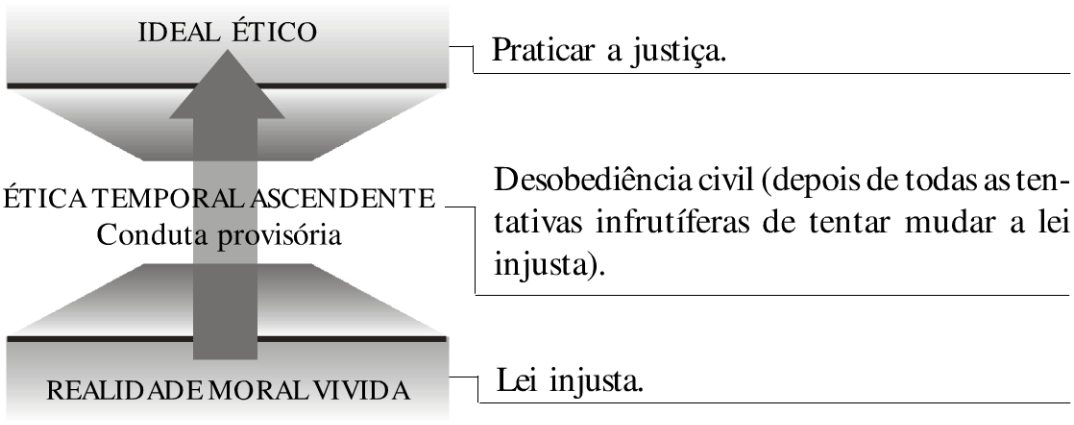
> Um espaço livre da tutela onipresente de um poder central, que pretende, através de monopólios concedidos a legisladores, empresários, educadores etc., controlar a vida de "João Ninguém"... é o jeitinho como reação criativa do povo para protestar contra os poderes que abafam a vida ... o jeitinho como tentativa de escapar das limitações impostas de cima.[260]

A avaliação ética aqui é questionar se a desobediência é justa ou não – levando-se em conta as três salvaguardas ou limitações

para a ETA citadas anteriormente – ou se o que se pretende é apenas conforto, autobenefício ou sonegação de tributos. Além disso, o cristão deve estar ciente da punição a que está sujeito caso a autoridade competente decida reagir.

Will lembra ainda que "se ficar aparente que há um conflito real entre as exigências de justiça e amor bíblicos, e se forem esgotadas todas as vias legítimas de conciliação, então pode ser justificada a desobediência civil... a escolha da tática deve receber atenção cuidadosa... as opções variam entre a não-cooperação passiva e a obstrução e demonstração mais ativas, e a resistência não-violenta".[261]

Aqui o jeito se manifesta numa atitude de desobediência civil justa. Através do fenômeno do jeito, a ETA deixa de ser mero argumento para transformar-se em ação. Desta forma o gráfico da ETA seria assim:



capítulo 22

UM ESTUDO DE CASO

...A vida é um processo contínuo de solução de problemas.

Katsuya Hosotani

Este livro ficaria incompleto se eu não apresentasse um estudo de caso para ilustrar as três alternativas de propostas aos dilemas éticos do jeito – (1) o papel do Evangelho/igreja, (2) do cristão individualmente (ETA) e (3) socialmente. O caso que está sendo sugerido, embora hipotético, representa a situação de um sem-fim de brasileiros que vive da chamada economia clandestina ou informal já mencionada anteriormente.

Um cristão de vida bem simples vive com uma renda de seis salários mínimos, mora em uma casa alugada, tem um filhinho, ficou desempregado e não consegue emprego, pois a crise financeira da região é grave. A esposa não pode trabalhar por estar grávida, e seus familiares e a igreja não têm recursos para socorrê-lo.

O dinheiro que ele recebeu de indenização está se esgotando. Ele decide abrir um negócio próprio. Fazendo as contas, conclui que, se pagar todos os tributos e taxas, não terá dinheiro suficiente para legalizar e manter o negócio e ainda prover o sustento próprio

e da família. É uma situação sem saída. É impossível obedecer às autoridades e ao mesmo tempo prover o seu sustento e o da família.

Nessa situação, é preciso fazer uma escolha. A ETA será uma opção para que ele possa, aos poucos, chegar ao ideal divino, que neste caso, além da obediência às autoridades, inclui o sustento adequado à família.

Uma alternativa bastante comum encontrada no Brasil tem sido abrir um negócio e dar um jeito de não legalizá-lo. Isso é chamado de economia paralela ou informal, como já vimos. É um negócio clandestino. Nesse caso, o enfoque do jeito induz à transgressão da norma, uma vez que o indivíduo mantém um negócio pessoal clandestino desobedecendo às autoridades legais do país e transgredindo um ideal ético divino (Romanos 13:1-7).

Mesmo que num dado momento o empreendimento se torne rentável, a tendência é continuar na clandestinidade pois, considerando que os impostos e as taxas não precisam ser pagos, essa prática revela-se muito lucrativa. Como a fiscalização no Brasil é reduzida e, quando há, muitas vezes pode-se dar um jeito pagando uma "taxa de expediente" ou "pedágio", a situação se eterniza.

Partindo de um ideal orientado por princípios éticos bíblicos, explicado no apêndice deste livro, na alternativa da clandestinidade (ou economia paralela) há dois ideais éticos divinos em conflito: obedecer às autoridades e prover sustento próprio e à família.

Não há jeito, a situação não tem saída. Trata-se de obedecer às autoridades ou prover o sustento pessoal e à família. É preciso dar um jeito. As propostas deste livro oferecem outra alternativa.

Em primeiro lugar, há o papel da comunidade cristã. Se a comunidade do povo de Deus – a igreja – tiver uma vida financeira saudável, será possível prover uma alternativa adequada para solucionar a questão do jeito na clandestinidade. A igreja poderá suprir o déficit financeiro entre a legalização da empresa e o sustento pessoal e familiar. Contudo, se a situação econômica do país é grave, a

igreja poderá não ter suporte financeiro para prover ajuda ao cristão necessitado. E isto é o que acontece no caso em questão.

Uma segunda alternativa é a ETA, mediante a qual o cristão deve ter como meta contínua servir a Deus e obedecer a seus princípios: o ideal ético divino. Se de um lado, o jeito oferece uma alternativa que desconsidera um dos princípios bíblicos – obedecer às autoridades – ele também oferece uma alternativa que considera outro princípio bíblico envolvido nesta questão – sustento pessoal e familiar.

Para atenuar essa dialética – desobedecer às autoridades e prover sustento próprio/familiar –, a ETA oferece outra alternativa: manter-se provisoriamente na clandestinidade até que os recursos levantados no empreendimento sejam suficientes para prover a manutenção própria e familiar e ainda legalizar a empresa e manter em dia o pagamento das taxas oficiais.

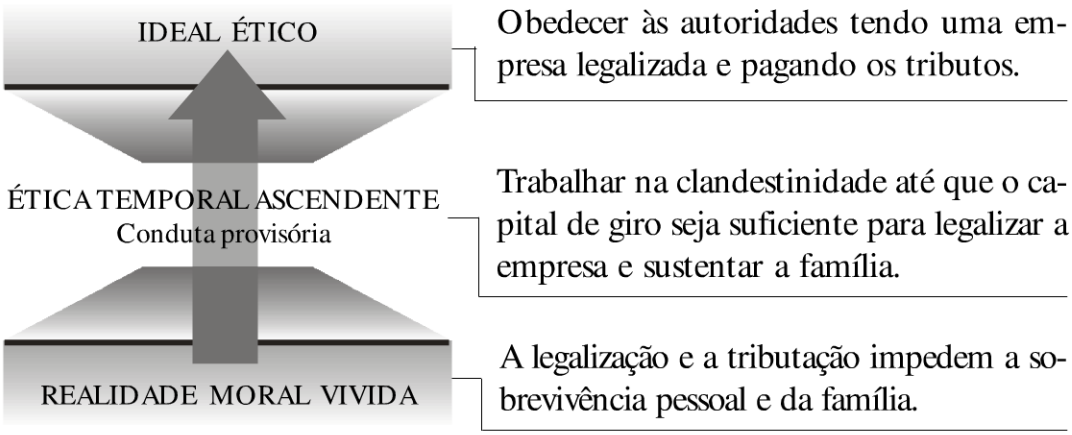
Nesse caso, a ETA produz alguns desafios:

1. Não deixa de lado o ideal ético divino. Se não houver condições de praticá-lo imediatamente, a ETA considera a adoção da melhor prática possível no momento – neste caso a clandestinidade – desde que seja provisória.

2. Não serve de "muleta" para aquele que quer justificar o espírito de "levar vantagem", isto é, permanecer na clandestinidade beneficiando-se do dinheiro que sobra devido à situação ilegal. A ETA é um remédio que cura o "levar vantagem", pois, no caso da economia informal, o "levar vantagem" significa que o pagamento de impostos não é bom, assim quanto mais tempo sonegar, melhor. A situação permanecerá inalterada até a visita do fiscal e, quando ele vier, então dá-se outro jeito ao jeito pagando-lhe uma propina. E assim vai se vivendo a vida.

Aplicando-se a ETA ao estudo de caso, o cristão desempregado poderia trabalhar temporariamente na clandestinidade, até que seus

recursos fossem suficientes para sustentar a família e legalizar a empresa, pagando inclusive os tributos. Provisoriamente o ideal ético não pode ser atingido, mas pode-se dar um passo em direção a isso. O gráfico da ETA ficaria então assim (observe o sentido da flecha):



A terceira alternativa destaca o papel do cristão perante a sociedade pois, ao transitar da realidade moral vivida para o ideal ético divino, estará demonstrando, por um lado, que ele foi transformado pelo poder do Evangelho e, por outro, que a sua motivação é glorificar a Deus. Essa atitude poderá ser um sinal para evangelizar seus amigos não-cristãos. A ETA e a sua motivação em servir e glorificar a Deus o conduzirão a uma cidadania responsável.

Há ainda uma questão a ser abordada. Não pagar os tributos significa de certa forma roubar as autoridades? A idéia que se poderia ter neste caso é que a ETA justificaria o roubo. Mas aqui há princípios conflitantes e uma moral de duplo efeito. Não há diálogo com as autoridades, ou você obedece ou não obedece às leis. O conflito se encontra entre duas normas: obedecer às autoridades e prover sustento para a manutenção da vida pessoal e familiar. Enfim, é uma situação-limite.

Em resumo. As propostas aqui mencionadas oferecem uma alternativa ética à clandestinidade, ou seja, a solução encontrada deve ser dinâmica a ponto de conduzir o cristão a um ideal elevado. Ele

tem outra opção de conduta ética e não precisa, necessariamente, fixar-se na proposta do jeito, que é estática e cômoda.

A generalização do jeito se estendeu de tal forma que é praticamente impossível romper o círculo vicioso e a espiral da irresponsabilidade utilizando-se dos mecanismos comuns políticos e sociais. A maior prova disso são as últimas tentativas que os principais governantes têm empreendido para eliminar a corrupção do país: alguns deles ou seus auxiliares diretos acabam envolvidos em falcatruas e denúncias. Só com uma ação decisiva e cristã de mudança interior radical do homem é que vamos romper esse círculo vicioso do lado negativo do jeito.

O cristão brasileiro precisa aprender urgentemente a viver na dialética do "já" e do "ainda-não", viver na imanência de sua realidade, mas visualizando a realidade da transcendência. Como Marciano Vidal afirmou:

> A fé como forma imanente e dinâmica da existência cristã do mundo tem que tornar-se compromisso. Para isso precisa tomar uma decisão. Esta precisa, porém, resolver previamente a ambigüidade das opções na luz da ortodoxia cristã. A fé como ortodoxia e a fé como ortopraxia não podem separar-se, já que são os dois momentos dialéticos do existir cristão concreto.[262]

O Brasil do jeito dará um jeito no seu jeito não apenas pela adoção de um modelo de conduta ética, seja a ETA, seja qual for, mas também por uma ação do cristão como indivíduo na sociedade, influenciando as massas, e pela ação da igreja como igreja, o povo de Deus no mundo.

PARTE 8

CONCLUSÕES

Há sempre um momento no tempo em que uma porta
se abre e deixa entrar o futuro.

Graham Greene

O tema cultura tem ocupado um dos principais lugares na agenda dos teóricos da comunicação, como afirmam Stott & Coote.[263] O confronto do Evangelho com os fenômenos culturais, como o do jeito, não é um assunto puramente teórico e acadêmico, mas extremamente importante para o desempenho do cristão neste mundo. Cada missionário, cada pregador, enfim cada cristão como testemunha fiel de Jesus Cristo tem de aprender como viver em sua cultura de atuação e como buscar alternativas viáveis para ser cristão na vida concreta.

A dinâmica do processo das transformações sociais está cada vez mais veloz. As últimas gerações do presente século têm vivenciado alterações culturais e de valores muito mais rápidas que em períodos anteriores. A sociedade de consumo tem provocado uma queda no nível ético do mundo.

Marciano Vidal lembra que uma sociedade como a nossa, montada sobre a lei de consumo, contém muitos aspectos imorais "uma vez que cria muitas falhas na justa ordenação humana e cristã. Mas isto ocorreu em todas as épocas. O peculiar de nossa época é o aparecimento da "amoralidade" como sistema humano. Essa é a imoralidade de consumo: provocar a amoralidade, negar a moral, desmoralizar a humanidade... a sociedade de consumo ataca o núcleo íntimo do homem: desmoraliza-o".[264]

A vida cotidiana numa sociedade assim exige uma atitude crítica diante do sistema que canaliza toda força vital que obstrui a liberdade humana. A pessoa deixa de ser alguém para tornar-se uma peça a mais na "megamáquina".[265]

O papel do Evangelho é redimir o homem e "por tabela" a sua cultura, por isso o Evangelho é "destruidor, preservador e criador de cultura... Jesus veio como Salvador, mas também como destruidor... a primeira grande controvérsia na infância da igreja está relacionada ao status dos cristão gentios na igreja",[266] uma controvérsia doutrinária, mas também cultural.

capítulo 23

DANDO UM JEITO NO JEITINHO

A esperança é a última que morre.

Adágio popular

O fenômeno cultural conhecido como jeito ou jeitinho, objeto de discussão deste livro, tornou-se, como vimos, um motor incontrolado. Ele gera hábitos e domina as decisões das pessoas que vivem no Brasil como uma força convergente que atrai os valores de conduta no cotidiano desta sociedade.

O jeitinho é tanto uma força integradora como desintegradora desta nação. Sua natureza pode ser positiva ou negativa. "O jeito é a festa da pessoa, sua criadora e sua homenageada",[267] que busca uma alternativa seja para fugir das malhas da lei, para evitar uma situação desagradável ou para tirar proveito próprio

Por outro lado, até o legislador, o juiz ou o governante poderá acabar aceitando o jeito quando este provê meios para atender certas carências da própria lei. Nesse sentido, o jeito revela a fraqueza das intituições legais.

Por ser "festa da pessoa" o jeito acaba sendo produto do egoísmo, da esperteza, do "levar vantagem", gerando um sem-fim de

dilemas éticos. Assim, a lei se torna inconsistente e o jeito se institucionaliza. Pela economia informal, o povo dá um jeito de sobreviver à crise econômica e reage contra a impessoalidade legal.

É preciso encontrar alternativas integradoras para os dilemas éticos do jeito. Uma vez que a conduta humana é, em geral, produto do meio ambiente e da própria natureza do indivíduo, podem-se buscar essas alternativas no pensar humano, na ética filosófica. Contudo um dos fundamentos cristãos considera que depois da entrada do pecado no mundo até o pensar humano se degradou.

Se considerarmos essa linha de raciocínio, o pensamento humano induzirá a alternativas marcadas por imperfeições sem conta as quais darão razão ao egoísmo humano ou, por vezes, a própria pessoa será o seu referencial de verdade e erro. Por isso, o caminho seguro para a busca de alternativas aos dilemas éticos do jeito é Deus, o Criador e Redentor do homem. A Bíblia, sendo a revelação objetiva de Deus, fornece os referenciais para essa busca.

Desta forma, tanto a teologia quanto a ética cristã fornecem instrumentos seguros para lidar com os dilemas éticos do jeito.

Portanto, se esses dilemas são fruto de uma sociedade corrompida pelo pecado, o jeito e o seu homem precisam passar por uma "conversão". Esse é o papel do Evangelho, que redime o homem do jeito e o insere na comunidade cristã – a igreja. Na busca de soluções para os dilemas éticos do jeito, a igreja tem o seu papel. Ela está inserida na sociedade brasileira e para cumprir sua missão deverá interagir nessa sociedade promovendo uma mudança interior radical no indivíduo que vive no Brasil. Só assim o Brasil do jeito terá um jeito.

O papel da igreja se processará mediante:

1. A instrução. A igreja tem de abrir espaço para estudar as questões do cotidiano, como a do jeito. O brasileiro do jeito precisa de modelos seguros que lhe permitam plantar ideais de espe-

rança. Para isso a igreja deve se valer do ensino, da pregação e do aconselhamento.

2. A mutualidade. Há situações de carência que induzem o cristão à alternativa do jeito, tais como o desemprego, dívidas e as emergências acidentais. Nesses casos, os seus irmãos da comunidade cristã devem "dar um jeito" para socorrê-lo, repartindo suas disponibilidades.

3. A comunhão. A igreja representa um contexto existencial para o indivíduo desenvolver reações positivas em relação aos dilemas éticos do jeito. Na sociedade do jeito, o cristão não pode viver sozinho sendo "engolido" pela influência que ela exerce sobre sua vida. Ele precisa de um ambiente onde possa encontrar abrigo e respostas aos seus conflitos pessoais e sociais.

4. A evangelização. A intenção é conduzir todo homem aos pés de Jesus Cristo a quem ele deve servir para viver de modo tranqüilo, honesto e com toda piedade. A igreja pode contribuir não só para que o cristão saiba como conviver na sociedade do jeito, mas também para que ele seja instrumento de Deus na transformação do homem brasileiro que vive nessa sociedade complicada.

Mesmo assim, o cristão que vive no Brasil encontrará situações e dilemas sem saída. É quando o jeitinho aparece como a alternativa geralmente utilizada pela sociedade brasileira. Neste caso, os ideais éticos divinos são relegados ao nível de "possibilidades impossíveis" instalando-se o comodismo ético, característica comum entre o povo brasileiro. Essas situações-limite do jeito demandam a busca de um modelo de conduta ética que tenha como objetivo ressaltar a necessidade de perseguir e alcançar o ideal ético divino.

Como o fenômeno chamado jeito e seus dilemas éticos que estão presentes na cultura brasileira não figuram no relato bíblico, a alternativa foi buscar na Bíblia algum modelo de abordagem a

situações-limite ou situações sem saída, em seu momento histórico, aplicá-lo hoje como referencial para as situações-limite do jeito.

Na pesquisa foi possível descrever três momentos de crise em que as respostas tiveram de ser buscadas para que as situações-limite pudessem ser equacionadas.

1. Uma liderança-modelo para gerações futuras. Na orientação a respeito das características dos bispos/presbíteros e diáconos, o apóstolo Paulo incluiu o "ser marido de uma só mulher" (1 Timóteo 3:2, 12; Tito 1:6). É possível que Paulo estivesse se referindo à necessidade de formar uma liderança exemplar diante de uma cultura cujos laços matrimoniais não se assemelhavam à monogamia. Provavelmente alguns homens que possuíam concubinas se converteram. Não podendo abandoná-las, eles não estariam aptos a figurar como modelo na liderança da igreja local. Sendo assim, haveria para a liderança o modelo ético ideal e para os demais membros, um modelo compatível com a sua situação social. O importante era criar uma conduta construtiva de forma que no futuro o modelo ético ideal se aplicasse a todos.
2. O "jeitinho" do Concílio de Jerusalém. A solução encontrada no Concílio de Jerusalém para manter a unidade entre os judeus-cristãos e os gentios-cristãos foi criar um modelo ético provisório, recomendando-se a abstinência a certas práticas que eram significativas apenas para o judaísmo.
3. Dando um "jeito" na escravidão. Ainda que diante de Deus todas as pessoas sejam iguais, o cristianismo primitivo enfrentava sério conflito com a escravidão. Para Paulo, o caminho era considerar o escravo como uma pessoal útil, como um irmão e amigo.

Nestas três situações foi possível observar que havia um conflito entre o ideal ético divino e a realidade moral vivida, a ponto de não se conseguir vivenciar de imediato o ideal ético. A solução foi a

criação de uma ponte entre estes dois extremos, provendo uma atitude ética provisória que visava conduzir o indivíduo do nível moral inferior da realidade vivida para o nível ético superior do ideal divino.

Essa atitude ética, portanto, não só era provisória como dinâmica ascendente. O objetivo final era perseguir o ideal ético divino superior, os princípios divinos. Este modelo de conduta ética pode ser chamado de Ética Temporal Ascendente (ETA), cujo gráfico poderia ser traçado da seguinte maneira:

A ETA considera que as pressões da vida social no Brasil muitas vezes impulsionam o indivíduo a incorporar o jeito a sua conduta. A impossibilidade momentânea de seguir esses ideais éticos, porém, não é desculpa para que o cristão se acomode e valorize mais o ambiente em que vive do que o ato de glorificar a Deus. Temporariamente, ele pode seguir a sociedade do jeito, mas, motivado pela razão de viver que o Evangelho lhe oferece e pela vivência na comunidade cristã, ele deve prosseguir para o alvo, que é agradar ao seu Proprietário[a] – Jesus Cristo – e reagir construtivamente ao jeitinho.

[a] A palavra Senhor em nossa cultura não tem o mesmo significado que a palavra grega kyrios, que indica um dono ou proprietário de escravos (no grego, doylos). Por isso creio que devemos chamar Jesus de nosso Proprietário e não de Senhor, que significa em nossa cultura alguém adulto, alguém que merece respeito. Senhor é, portanto, apenas uma palavra usada no tratamento formal e respeitoso.

Mesmo sendo uma ética de possiblidades, de metas, de esperança, de realidade, de conflito, de compromisso, responsável e dinâmica, a ETA tem as suas limitações. É preciso considerar que a tendência natural é o uso indiscriminado e cômodo da ETA, portanto não se deve lançar mão dela a menos que seja de fato uma situação-limite, isto é, sem saída. Ainda assim, é preciso considerar o exercício da fé que poderá remover montanhas (Mateus 17:20). A ETA, portanto, não é uma "moeda corrente", mas uma alternativa para uma última instância. Não se pode utilizá-la com a mesma freqüência com que se troca de roupa.

É preciso ainda considerar o papel do cristão como membro de uma sociedade sem Cristo. A vida na comunidade cristã – a igreja – fornece instrumentos que permitem ao cristão vivenciar de modo significativo seus momentos históricos. No estudo bíblico, na pregação e na convivência dentro da igreja, ele aprende que Deus deve estar em primeiro lugar em sua vida, que deve ter uma conduta exemplar, transmitir o Evangelho aos que não têm Cristo e demonstrar uma cidadania exemplar e responsável. Agora chegou o momento de sair a campo. É o "indo" de Jesus (Mateus 28:19,20).

O papel do cristão que vive na sociedade do jeito, no Brasil, é:

1. Viver para a glória de Deus. Para buscar o ideal ético divino, a motivação do cristão deverá ser agradar ao seu Senhor.
2. Conduta ética exemplar. O cristão brasileiro deve assumir uma conduta ética exemplar. A ETA é uma alternativa dinâmica que lhe proverá meios para navegar neste turbulento oceano de imoralidade cultural.
3. Espírito evangelístico. O cristão brasileiro precisa desenvolver espírito evangelístico e não apenas pela pregação do Evangelho. A reação aos dilemas éticos do jeito constitui um testemunho pessoal sobre a ação redentora de Cristo em sua vida.

4. Cidadania exemplar e responsável. O cristão brasileiro precisa desempenhar o seu papel como cidadão responsável não apenas obedecendo às autoridades, mas, numa espécie de revolução não-violenta e silenciosa, participando na sociedade de modo que as instituições desempenhem corretamente os seus papéis.

Assim, o cristão que vive no Brasil possui alternativas sadias para enfrentar os dilemas éticos do jeito. Ele tem a igreja como ambiente fértil gerador de maturidade cristã. A igreja o induz a viver de modo a glorificar a Deus mantendo um caráter cristão digno. Ele tem os recursos que o Evangelho lhe oferece, a dependência do Espírito Santo. E como última saída, em situações-limite, a ETA.

capítulo 24

O BRASIL DO JEITO AINDA TEM JEITO?

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Adágio popular

Ainda que o homem do jeito, sem Cristo, tente reformar a história social,[268] o Brasil continua caótico e muitas vezes parece sem rumo, sem ideais. O Brasil, de fato, precisa de uma reforma, não só social, mas principalmente ética. Esse Brasil do jeito tem jeito e é preciso que o brasileiro acredite nisso. Este povo não pode mais continuar com "memória curta" ou mesmo sem "memória histórica"[269] confiando nas promessas cíclicas de políticos em época eleitoral.

Não há "salvador-da-pátria" a não ser Jesus, que transforma pelo seu sangue, poder e palavra o coração humano arrependido. O jeitinho brasileiro não pode continuar a ser uma força de acomodação à crise. Deve ser, sim, uma força criativa sempre em busca de alternativas inspiradoras e transformadoras desta convulsão chamada Brasil. Um Brasil onde a burocracia é o mais vivo atestado de óbito da confiança e da civilidade.

Não será preciso mais convocar empregadores e empresários para elaborar um pacto econômico, ou a sociedade para um pacto

social. O pacto de que o Brasil precisa é ético, um pacto de revisão da consciência moral do povo, empresários e governantes.

A revista Marie Claire[270] realizou uma experiência interessante. Foi montada uma banca de jornal no bairro de Pinheiros, São Paulo, usando o sistema de auto-serviço, ou seja, não havia ninguém para atender, cobrar ou fazer troco. De longe e discretamente, a reportagem acompanhou o movimento da banca e no final do dia nenhum prejuízo foi notado.

Moser também conclui que o problema do Brasil "é ético, o resto é decorrência... o maior problema é que a revolução ética é mais difícil de se programar e efetivar do que a troca de governos".[271] Se o Brasil tem dado certo para estrangeiros, por que não pode dar certo para brasileiros?

O brasileiro deposita fé no indivíduo, por isso o antropólogo Roberto Da Matta[272] sugere que o Brasil pode ser um país missionário diante do mundo Ocidental onde as atitudes de fé no homem e reprocidade já estejam se esgotando.

Nessa linha de pensamento, Padilha diz que "exportar a cordialidade, o pacifismo e a conciliação será talvez nossa missão no mundo em que o imperialismo, sob todas as suas formas, ainda é uma patente realidade".[273]

De fato, o Brasil pode ser um país missionário, não apenas para exportar o direito inalienável da vida, do espaço social, da cordialidade, do pacifismo, da conciliação e da improvisação criativa. O Brasil também pode ser modelo de exportação para o mundo de uma vida séria, responsável e comprometida com a honestidade, com a verdade, com o trabalho persistente.

O país não pode continuar "apenas um gigante realmente adormecido sem ter esqueleto ou vontade",[274] ou como Humberto de Campos afirmou: "o mundo político do Brasil é a imagem da fauna brasileira: não tem gigantes".[275]

Neste livro, as propostas da ETA, da participação ativa do cristão na sociedade e da comunidade cristã como ambiente sadio de plataforma vivencial cristã fornecem uma alternativa para que o cristão possa encarar com seriedade e maturidade os dilemas éticos do jeito. E, assim, os líderes cristãos não podem mais deixar de lado o fenômeno jeito, a ética cristã não pode ficar mais no "faz de conta", fingindo que o cristão consegue obedecer mecanicamente a todos os princípios bíblicos.

O cristão brasileiro precisa urgentemente ser desafiado a manusear o jeito de modo cristão, perseguindo o ideal ético divino para o seu dia-a-dia. Ele tem de se tornar um agente ativo na manutenção de condições saudáveis de vida e ter a esperança de que Jesus Cristo um dia virá trazendo a completa paz. Amém.

Este livro não termina aqui, você poderá continuar a escrevê-lo. Basta me enviar sugestões ou histórias reais, indicações de notícias e fatos que ilustram o jeitinho.
Se a sua participação for classificada, estarei incluindo nas novas edições deste livro.
Escreva para: jeitinho@etica.pro.br
Consulte também nosso web-site:
http://www.etica.pro.br/jeitinho
Endereços alternativos:
e-mail: jeitinho@mailcity.com
web-site: http://jeitinho.webjump.com

---

apêndice

QUAL FOI O PONTO DE REFERÊNCIA?

Jamais acharemos a verdade se nos limitarmos
àquilo que já está descoberto. Os que escreveram antes
de nós não são donos da verdade, mas guias. A verdade está
aberta a todos, ainda não foi inteiramente possuída.

Gilberto de Tournai

Eu sou o caminho, a verdade e a vida.

Jesus Cristo

O objetivo deste apêndice é mostrar o ponto de partida utilizado no campo do conhecimento chamado ética, para avaliar os dilemas éticos do jeito neste livro. Esta parte foi colocada como apêndice visando atender as necessidades de uso acadêmico, cujos estudos contemplam os fundamentos que guiaram um autor em seu livro. Vamos lá!

A ética não é uma área autônoma do conhecimento. Com isso o que se quer afirmar é que ela é lastreada por outras bases. Na introdução a este livro, afirmou-se que o ponto de partida é uma ética de princípios.[276] Mas como chegar a isso?

A ÉTICA FILOSÓFICA

Para compreender melhor, é preciso primeiro entender que a ética, em geral, é a ciência da conduta[277] e que ela também é estudada

como ramo da filosofia. Neste caso, tem-se a ética filosófica, que segue diversos rumos dependendo de seu ponto de partida filosófico.

Os filósofos antigos preocupavam-se com a moral. A filosofia socrática centraliza-se primeiramente no reino moral. O assunto que interessava a Sócrates, em particular, era a natureza da virtude do bem.[278]

Para Platão as virtudes são quádruplas – sabedoria, coragem, autocontrole e justiça – e a república ideal representa sua alta concepção de princípios éticos aplicados aos assuntos práticos da vida.[279]

Para Aristóteles, o alto ideal da vida virtuosa era perseguir a via média, evitando-se os extremos.[280]

Adam divide a ética em dois grandes sistemas: o naturalismo e o transcendentalismo.[281] O naturalismo limita sua visão ao fenômeno do mundo presente procurando conceber a experiência de vida e o supremo bem à luz disso. Por sua vez, o naturalismo se subdivide em naturalismo egoísta ou individualista – que procura derivar a concepção do supremo bem do próprio círculo de vida interna do indivíduo – e naturalismo humanitário ou social, que vai além da vida interior do indivíduo abrangendo a humanidade ou a sociedade como fonte do supremo bem.

No naturalismo egoísta há o hedonismo, centralizado no prazer (cirenaísmo, epicurismo), o estoicismo, oferecendo liberdade e autosuficiência, e mais recentemente há o existencialismo, cujo valor primordial da existência é "um progressivo realizar-se a si mesmo a golpe de decisões, numa ampla gama de possibilidades, levando-se em conta a circunstância que, em cada momento, condiciona o uso de nossa liberdade e a moralidade de nossa ação".[282]

O existencialismo moderado é representado por K. Rahner, M. Gutiérrez Márin e o radical por Martin Heidegger, Jean Paul Sartre e os teólogos do movimento da "Morte de Deus", John A. T. Robinson, P. van Buren, Thomaz Altizer e o ético da situação Joseph Fletcher.

No naturalismo humanitário há o utilitarismo, que valoriza o bem à luz da utilidade (Hobbes, Bentham, Mill); a ética evolucionista protagonizada por Herbert Spencer – que é um sincretismo das tendências evolucionistas e biológicas, defendendo a evolução da moral paralela com a evolução da personalidade e a consciência natural.[283] Há ainda a ética positivista, que nega a metafísica, não admite a existência de regras ou de um sistema de moral e se propõe a estudar o ato moral e juízos usuais do bem e do mal com o objetivo de produzir uma arte moral racional (Comte, Levy-Bruhl, Durkheim); e o pessimismo (Schopenhauer, von Hartmann).

Para o sistema transcendental, a nossa presente experiência de vida neste fenômeno do mundo é incompleta e nos conduz ao contato com a realidade transcendental ou espiritual em que o supremo bem deve ser concebido e definido. Nesse caso há o idealismo, que se baseia na reflexão filosófica à parte de qualquer revelação transcendental. Surge, então, a autodeterminação como pressuposição de toda moralidade em Kant, para quem a ênfase moral está no imperativo categórico fixado "a priori" e universalmente válido, heterônomo, incondicionado, absoluto e pautado pelo dever. O imperativo categórico é contrário ao imperativo hipotético, que é relativo, opcional, resulta da ligação entre o fim e o meio.[284]

No idealismo encontra-se também o intelectualismo (Hegel) e o pragmatismo, que enfatizava a vida prática – o teste da verdade deve ser encontrado em sua utilidade prática – ou o valor do homem como um agente ativo (William James).

A ÉTICA CRISTÃ

Assim como existe a ética filosófica, também há a ética cristã, que neste caso, pode ser chamada de ética revelada, uma vez que se baseia na Bíblia como revelação de Deus. Este é um axioma[a] básico

[a] "Axioma", segundo o Dicionário Aurélio, é a premissa imediatamente evidente que se admite como universalmente verdadeira sem exigência de demonstração... Proposição que se admite verdadeira porque dela se podem deduzir as proposições de uma teoria ou de um sistema lógico ou matemático.

da ética cristã, assim como o prazer é o axioma básico da ética hedonista, a existência é o axioma da ética existencialista e assim por diante.

A ética filosófica baseia-se no ponto de partida filosófico do filósofo. Segundo Gardner a "ética cristã se baseia na teologia cristã e deriva o seu conteúdo distintivo desta fonte. Afinal de contas, o ensino moral do cristianismo permanece ou cai com a fé cristã".[285] Thomas afirma que "a fé é a fonte da verdade a respeito da realidade, não uma subjetiva fantasia".[286] O ético cristão não parte de sua própria concepção da vida, ele se submete à verdade revelada nas Escrituras Sagradas, que se tornam sua cosmovisão interpretativa dos dilemas éticos.[b]

Da mesma maneira como há diversas abordagens na ética filosófica, há também diversas maneiras de se entender a ética cristã. Barnette[287] menciona que há diversas maneiras de classificar os tipos de ética cristã que apareceram no decorrer da história cristã. Podem-se considerar os grupos religiosos: ética da igreja primitiva, católico-romana, greco-ortodoxa e protestante. Pode-se também considerar a nomenclatura ligada a movimentos teológicos: monasticismo, teocracia, legalismo, pietismo, liberalismo e o socialismo religioso.[288]

Por outro lado, Geisler[289] leva em conta a questão da norma ética no estudo dos tipos de ética. Assim há o antinomismo, que nega a existência de qualquer norma ética objetiva (Kierkegaard); o generalismo, que aceita as normas objetivas, e também as exceções a elas (John Austin, G. E. Moore); o situacionismo, que insiste que as decisões éticas relevantes devem ser tomadas à luz da situação, ha-

[b] Embora a ética cristã seja revelada e se baseie na Bíblia, seria ingênuo acreditar que existe uma interpretação uniforme. Não há espaço aqui para estudarmos os pressupostos e os condicionamentos do intérprete, pois para termos uma idéia de sua dimensão, investimos pelo menos dois meses de estudos quando abordamos o tema no curso Técnicas de Exegese. Mais adiante explicamos com mais abrangência a interposição do intérprete como "agente ativo" no processo interpretativo bíblico.

vendo uma só norma universal exclusiva, em geral o amor (Emil Brunner, Joseph Fletcher, John A. T. Robinson, Reinhold Niebuhr).

Há também o absolutismo não-conflitante, que defende a existência de muitas normas universais que nunca se sobrepõem. Os conflitos entre elas são aparentes, havendo sempre um meio de escape de algum dilema ético (legalismo); o absolutismo ideal, que argumenta que as normas às vezes entram em conflito, mas não admite a desobediência a qualquer norma absoluta. Apesar disso, em caso de conflito entre as normas, aceita a possibilidade de cometer o menor dos males, que neste caso é desculpável (Paul Ramsey, Edward J. Carnell).

Por fim, há o hierarquismo, segundo o qual existem muitas normas éticas universais, diferentes em sua importância intrínseca. Quando duas entram em conflito, o indivíduo é obrigado a obedecer ao mais elevado dos dois mandamentos, seguindo um conjunto hierárquico de princípios (Norman L. Geisler).

Nessa linha de pensamento, é preciso incluir ainda a ética contextual [c] de Paul Lehmann,[290] que define ética cristã como a "reflexão disciplinada sobre a seguinte questão e sua resposta: o que eu, como crente em Jesus Cristo e membro de sua igreja, devo fazer?" Há aqui a idéia de que a igreja é o ponto de partida e o contexto da reflexão ética, surgindo assim a ética de koinonia.

A ética filosófica, em suma, representa a ação humana em busca do Summum Bonum.[d] Embora na ética cristã o ponto de partida já exista, é preciso interpretá-lo para que possa ser compreendido. Nesse processo, entra também a ação humana. Aqui surge um dilema considerável: até que ponto a ética filosófica pode conviver com a ética cristã?

---

[c] Não confundir ética situacional com ética contextual. Na primeira, a situação deve definir por si a decisão ética. Na segunda, é o contexto, o ambiente social ou a comunidade que determinam as normas éticas.

[d] Summum Bonum é uma expressão utilizada pelos antigos para designar o supremo bem, isto é, a suprema vontade de Deus. Veja as diversas interpretações sobre o summum bonum in: Encyclopaedia of Religion and Ethics (1921, v. XII, pp. 44-48).

Temos de um lado Tomás de Aquino que "pressupôs que as virtudes morais de Aristóteles – a prudência, a temperança, a fortaleza e a justiça – podiam ser incorporadas à ética cristã exatamente como foram compreendidas pelo filósofo, sendo que a ética cristã adicionaria a essa moralidade natural as virtudes teológicas – a fé, a esperança e o amor – só conhecidas por meio da revelação.[291]

De outro lado, temos, Emil Brunner que rejeitou toda síntese eclética entre a ética filosófica e a cristã. Para ele a fé cristã fornece "a resposta, a única resposta e a total resposta ao problema ético, e há na revelação posse da verdade, não de uma verdade, a verdade que é dada por Deus e não meramente a verdade que tem sido descoberta pelo homem no processo do conhecimento, a verdade absoluta e não relativa".[292]

Thomas[293] defende a aceitação crítica e a transformação afirmando que as descobertas derivadas dos filósofos morais devem ser revisadas e se necessário transformadas de modo a torná-las consistentes com a fé cristã e o amor. Ele afirma que "o cristão deve 'transformá-las' ou 'convertê-las' antes de usá-las" e crê que o primeiro a utilizar esta abordagem foi Agostinho de Hipona.

Thomas, contudo, alerta que sempre há o perigo de o pensador cristão produzir não mais do que uma síntese eclética.[294] Ele conclui dizendo que "apesar da dificuldade e do perigo, entretanto, é necessário seguir o método da aceitação crítica e transformação por ser o único método que pode manter tanto os princípios da ética cristã em sua integridade como fazer justiça às indispensáveis descobertas da moral filosófica".[295]

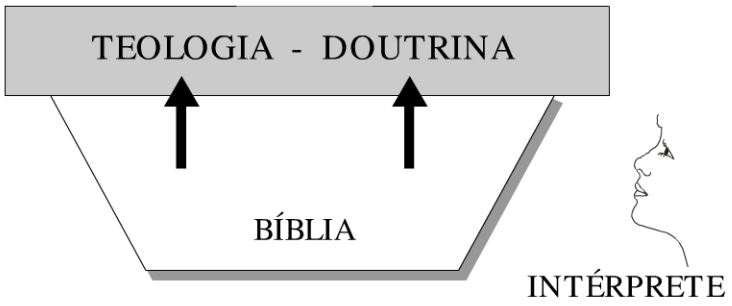
MODELOS DE INTERPRETAÇÃO

Para complicar um pouco mais, é preciso lembrar ainda que a Bíblia não foi escrita num vácuo histórico-cultural, mas dentro de um complexo e múltiplo ambiente cultural. Nesse caso, temos de enfrentar uma séria pergunta: como separar o que é cultural do que é revelação de Deus? E, pior ainda, como nos despir de nossa in-

fluência histórica e também contextual contemporânea e eclesiástica para buscar a verdade no texto bíblico?

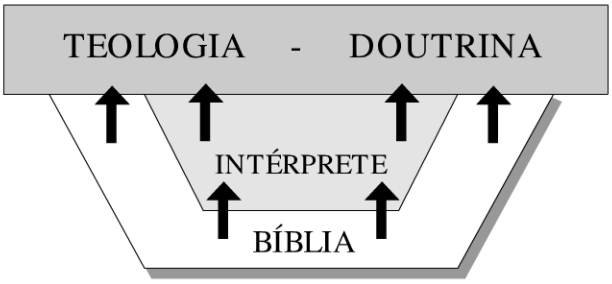
No campo da teologia, estas perguntas são estudadas pela hermenêutica, ou ciência da interpretação. Na busca da resposta a estas questões há, pelo menos, quatro alternativas. Elas serão representadas por meio de uma linguagem e classificação bem simples e didática, visando uma melhor compreensão

1. Alternativa romântica: A Bíblia é a única fonte de toda verdade, seja teológica/doutrinal ou não. Os dados científicos e culturais não são aceitos. A interpretação das Escrituras é óbvia e nada poderá interferir em sua compreensão. Nenhuma interferência ou "ferramenta" é admitida a não ser a simples leitura da Bíblia e a "inspiração", vinda do Espírito Santo, no momento em que o intérprete lê as Escrituras. O intérprete é um elemento passivo na interpretação. É apenas um leitor e anunciador das verdades contidas nas Escrituras e em nada influencia a formulação teológica/doutrinal. O desenho a seguir ilustra essa alternativa:



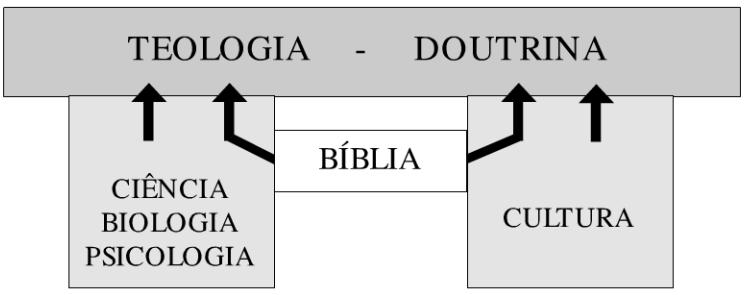
2. Alternativa da interpretação: A Bíblia é a fonte de toda verdade, seja teológica/doutrinal ou não. Ela é semelhante à anterior, mas com uma importante diferença: além das verdades objetivas da Bíblia, o intérprete é reconhecido como um elemento ativo na interpretação. Reconhece-se que ele tem condicionamentos e pressuposições a priori da interpretação.
   Em outras palavras, acredita-se que o intérprete acabe também influenciando a formulação teológico/doutrinal, com ingredien-

tes próprios, estando dentro do processo de interpretação, diferentemente do modelo anterior. Neste caso, o intérprete também precisa ser conhecido, assim como seus condicionamentos e suas pressuposições. É uma visão mais realista a respeito da compreensão da Bíblia.



3. Alternativa secular: A Bíblia é apenas um referencial auxiliar que deverá ser considerado através das ciências, tais como a biologia, a psicologia etc. Estas ciências aliadas aos fenômenos culturais é que são a fonte direta da verdade. Veja no desenho que há ligação direta das ciências e da cultura com a teologia/doutrina produzida. A ligação da Bíblia é feita através da ciência e da cultura.

   Em outras palavras, as verdades bíblicas deixam de ser fonte primária da verdade e passam a ser entendidas à luz das ciências e da cultura, que funcionam como uma espécie de filtro ou referencial teórico. Na parte seis, fazemos uma referência ao livro Libertação e Sexualidade, em que seu autor, Robinson Cavalcanti, se utilizou desta alternativa para interpretar o texto bíblico.



4. Alternativa integral: [e] Outra alternativa é considerar que a Bíblia é a fonte direta das verdades teológicas e doutrinais, sem desconsiderar os dados fornecidos pelas ciências e pela cultura. Neste caso, os dados referentes a situações ético-teológicas deverão ser "filtrados" pelos dados das Escrituras. É possível, no entanto, que as ciências e/ou a cultura nos forneçam diretamente os dados, quando sua natureza for científica ou técnica. Além disso, considera-se também que o intérprete é ativo, uma vez que ele não tem como se livrar de seus pressupostos filosóficos e de seus condicionamentos (culturais, psicológicos, religiosos, intelectuais etc.), que acabam se tornando parte de sua interpretação teológica/doutrinal.

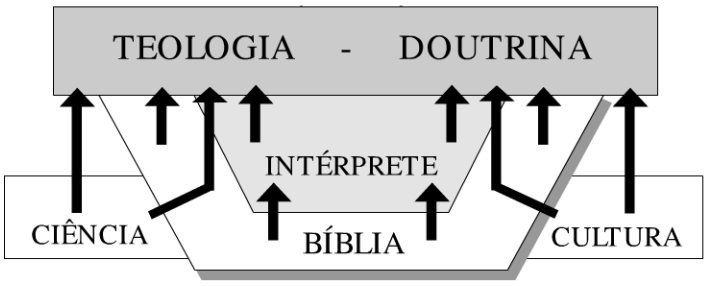
   Em outras palavras, por mais que uma pessoa queira, jamais se desvinculará de sua formação, de seu ambiente contextual/cultural/religioso no processo interpretativo, tornando-se assim protagonista da interpretação bíblica. Sobre isso Miguel Reale bem nos lembra:

   > Há sempre a eliminável presença da pessoa que analisa os fatos e formula os juízos, sempre subordinados a ângulos de preferência não raro inconscientemente atuantes do íntimo do pesquisador... investigador também não se liberta de determinados pressupostos ou pontos de partida teóricos, cuja natureza é, por conseguinte, axiológica.[296]

   O que Reale quer dizer, é que há ativa participação do sujeito cognoscente no ato de conhecer. Então, a bem da verdade não podemos esconder o fato de que a interpretação teológica e ética das Escrituras não é feita dentro de um "laboratório esterilizado". No processo interpretativo carregamos junto as nossas pressuposições e condicionamentos, que acabam influenciando o resultado desse processo. [297]

[e] Lamentavelmente não podemos utilizar a expressão "Alternativa Holística", devido ao emprego do termo "holístico" pela Nova Era.

Isso indica que o intérprete deve sempre estar disposto a manter diálogo com outros intérpretes para rever as suas conclusões e aperfeiçoá-las. Assim, temos:



Paralelamente e de um modo mais amplo, seria impossível elaborar respostas às questões éticas sem levar em conta os dados e as descobertas de especialistas das áreas envolvidas nas próprias questões éticas estudadas, seja a filosofia, a psicologia, o direito, a medicina. Assim, para estabelecermos as proposições e as conceituações éticas, precisamos nos valer de uma abordagem interdisciplinar.

Por exemplo, como o cristão contemporâneo poderá conhecer o que se requer dele à luz da vontade de Deus a respeito do abortamento sem tomar conhecimento dos fatos médicos, psicológicos, sociais e jurídicos, entre outros, envolvidos nesse assunto? Como decidir sobre o abortamento no caso de uma gravidez resultante de estupro? Aqui há fatos filosóficos, sociais, psicológicos e jurídicos envolvidos. A situação da gestante é complexa a ponto de o jurista Miguel Reale Jr. afirmar:

> Nada mais traumático para a mulher do que a violência sexual, à qual sucumbe após ter sido inane toda resistência possível... o estupro, ato de força e violência, deixa marcas insuperáveis. Perduram, por longo tempo, os efeitos psicológicos do fato de se sentir a mulher haver sido transformada em objeto forçado da satisfação dos ímpetos sexuais de um anormal... o filho será a prova viva e constante do momento de desespero que se procura esquecer...[298]

Este é um lado da questão, o da gestante. Mas por outro lado, é preciso também levar em conta a outra vida envolvida: a do feto, que não pediu para ser fecundado e é um ser distinto da gestante. Na teologia, a pergunta seria: diante de Deus esta gestação é de um ser vivo ou não?

Neste caso, não basta perguntar se a ética cristã é ou não favorável ao abortamento, é preciso também levar em conta todos os elementos envolvidos no dilema ético. Isso não significa que o princípio ético bíblico será mudado. Significa que a decisão ética deverá coincidir com os princípios éticos bíblicos e se deverá levar em conta a atenuação das conseqüências envolvidas no próprio dilema ético.

Neste exemplo, decidindo-se pela manutenção da gestação, o que poderia ser justificado teologicamente, se deverá prover meios para que a gestante e sua família encarem sadiamente tal gravidez. Se, depois do nascimento da criança, for impossível manter a convivência com a mãe e sua família, ainda sobrará a possibilidade de uma adoção daquela criança por alguma família interessada. A vida é um dom divino e necessita de preservação. Ao optar pelo abortamento, não se estaria criando mais um trauma para aquela gestante?

Neste caso a verdade bíblica terá sido mantida – preservar a vida. Para isso, foram utilizadas as verdades descobertas por outras áreas do conhecimento, as quais não alteraram essa verdade, mas forneceram dados reais suficientes para elaborar duas alternativas que atenuaram as conseqüências do dilema ético.

Não é intenção aqui discutir mais profundamente esse assunto, que tem em sua base a dicotomia entre a razão e a revelação. A idéia foi lançar as bases da formação de um ponto de partida para a avaliação dos dilemas éticos do jeito e levar em conta que "a tarefa de formular uma ética cristã é contínua, em constante processo e pela própria natureza do caso nunca pode ser terminada".[299] Em outras palavras, novos dilemas éticos demandam novas pesquisas e a busca, nas Escrituras, das respostas para a sua solução.[300]

ENTÃO, QUAL FOI O PONTO DE PARTIDA?

O ponto de partida que adotei neste livro foi a aceitação da existência de um ideal divino e soberano para a vida ética do cristão, revelado por Deus nas Escrituras.

> Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.
>
> 2 Timóteo 3:16,17

A Escritura existe e traz os ideais éticos divinos para que o cristão, com base neles, esteja completamente habilitado a desenvolver uma ação ética. Para isso a Escritura educa, repreende, corrige e instrui na justiça, isto é, aquilo que é reto, correto.

Em sua origem e forma proposicional, esses ideais éticos não são conflitantes. A base disso está em que Deus não é de confusão (1 Coríntios 14:33). Se a fonte dos ideais não é conflitante, os ideais também não o serão. Contudo, o momento humano é rico em conflitos. Assim a aplicação desses ideais na história concreta humana se torna hierárquica. Desta forma, ocorre uma associação entre o absolutismo ideal e o hierarquismo.

Um exemplo típico é o que ocorreu com Pedro e os demais apóstolos quando foram proibidos pelo Sinédrio de pregar o Evangelho em Jerusalém. Eles responderam: "Antes importa obedecer a Deus do que aos homens" (Atos 5:29).[301]

Assim como a ética filosófica tem os seus axiomas, a ética cristã revelada também tem os seus, entre os quais podem-se destacar a:

1. Soberania de Deus. Deus existe, é pessoal, consistindo de Pai, Filho e Espírito Santo. É o Criador de todas as coisas e dono de tudo (Salmo 24:1; 1 Coríntios 10:26). Nossas decisões devem convergir para sua vontade (2 Coríntios 5:15).

2. Criação objetiva do ser humano. A criação do gênero humano foi planejada e desejada por Deus com o objetivo de o homem

viver para a glória de Deus (Isaías 43:5; 1 Coríntios 10:31). O ser humano, portanto, não é mero objeto de fatalismo, mas Deus se importa com ele.

3. Revelação da vontade divina de modo objetivo nas Escrituras. A Escritura é proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir e para instruir na retidão. Isso objetiva conduzir a pessoa à perfeição e prepará-la para toda boa obra (2 Timóteo 3:16,17).

4. Queda como fator desorganizador da natureza ética do ser humano, que agora decide pelo bem, mas não consegue concretizá-lo (Romanos 7). Toda a ação moral deve ser considerada previamente à luz deste fato.

5. Libertação em Cristo. A graça de Cristo operacionaliza as exigências éticas divinas, abandonadas em Adão. As "possibilidades impossíveis"[f] se viabilizam pelo fruto do Espírito se manifestando por meio de motivações, decisões e atos éticos do ser humano regenerado por Cristo através de sua morte vicária na Cruz do Calvário. O ser humano volta ao estágio de onde abandonara Deus revestindo-se da nova pessoa que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou (Colossenses 3:1-10 e 1 Coríntios 15:45-49).

O ponto de partida é a vontade de Deus revelada nas Escrituras como ideal baseado em princípios a serem seguidos criativamente. A operacionalização desses ideais ocorre quando a livre ação do Espírito Santo se faz presente em nossas decisões manifestando o seu fruto (Gálatas 5:22, 23).

O jeito é um confronto com esse ideal, com as normas. O jeito é um desvio dos ideais, é uma declaração de independência do "eu"

[f] Expressão criada por Reinhold Niebuhr (1956, cap. 4) para designar as altíssimas exigências éticas do Evangelho.

que não quer enfrentar a norma. O cristão brasileiro enfrenta um sério conflito entre esse impulso permeado na cultura e o dever de ser cristão. Que resposta será possível para dissolver ou atenuar esse confronto? Foi este o objetivo deste livro.

notas

Parte 1

Capítulo 1

[1] ALVES, 1988, p. 135
[2] KELLEMEN, 1961, pp. 9-12
[3] PADILHA, 1975, p. 59
[4] TORRES, 1973, p. 214
[5] MOSER, 1984, pp. 103-111
[6] DA MATTA, 1984, pp. 97-98
[7] BARBOSA, 1992, pp. 28,29

Capítulo 2

[8] NIEBUHR, 1956, p. 32
[9] PANDU, s.d., p. 137
[10] Larousse cultural - Brasil A/Z, s.d., p.124.
[11] "Brasileiro já nasce devendo R$ 2.320,00", Folha de São Paulo, 14/02/99, caderno Dinheiro, p. 5
[12] RIBEIRO, 1987, pp. 176ss
[13] HOLANDA, 1978, p. 21
[14] PADILHA, 1975, p. 75
[15] Ibid, p. 165
[16] Ibid, p. 46
[17] Para uma ampliação destes dados veja Padilha (1975, pp. 46-47)
[18] HOLANDA, 1978, p. 74
[19] TOBIAS, 1987, pp. 75-76
[20] Ibid, p. 76
[21] Revista Veja de 01/01/92, p. 51. O valor acumulado da inflação entre abril de 1964 e abril de 1992, segundo Abram Szajman é de 895.527.174.436,5% ("895.527.174.436,5%", Folha de São Paulo, 24/05/92, caderno 2, p. 2)
[22] CARDOSO, Eliana & DORNBUSCH, Rudiger. "Deja vu – 165 anos de dívida externa", Folha de S.Paulo, 19/08/87, caderno A, p. 3
[23] DA MATTA, 1980, p. 40; 1984, p. 77
[24] DA MATTA, 1984, pp. 53,54

[25] PADILHA, 1975, p. 164
[26] TORRES, 1973, pp. 218,219
[27] PADILHA, 1975, p. 117
[28] DA MATTA, 1984, p. 74. Para um estudo detalhado e profundo sobre o Carnaval veja Da Matta 1980 e 1984.
[29] Ibid, p. 24
[30] Folha de S.Paulo, 05/05/91, caderno 3, p. 2.
[31] PADILHA, 1975, p. 118
[32] Ibid, p. 73
[33] Jornal da Tarde, caderno de Sábado, pp. 4,5 e Da Matta et alii (1992, p. 17).
[34] HOLANDA, 1978, p. 109
[35] Ibid, p. 112
[36] Ibid, p. 113
[37] ALVARENGA, Revista Veja, 06/01/88, p. 86.
[38] HOLANDA, 1978, pp. 101-112
[39] "O temporário e o permanente", O Estado de São Paulo, 14/09/79, p. 2.
[40] TORRES, 1973, pp. 215,216
[41] KELLEMEN, 1961, pp. 16, 17
[42] Ibid, pp. 93,94
[43] Porto é mencionada por Luiz Carlos Lisboa em seu artigo "Os brasileiros. Uma tragicomédia", O Estado de São Paulo, 20/11/83, p. 130. Neste artigo é indicado que a autora publicaria um livro nos Estados Unidos com o mesmo título do artigo.
[44] RIBEIRO, 1987, p. 143
[45] ORTIZ, 1988, p. 183
[46] O leitor pode consultar a tese de doutorado de Burns (1987), que trata resumidamente da maioria dessas características. Sobre a retórica e a formação humanística do brasileiro leia Torres (1973, pp. 226, 214). Veja também o excelente artigo do engenheiro Milton Vargas ("Tecnologia e Saudade do Paraíso", Folha de S.Paulo, 20/04/79, p. 3) que demonstra a ausência do espírito tecnológico na formação da cultura brasileira em favor da formação humanística.

Parte 2

Capítulo 4

[47] GOMES, 1987, p. 43
[48] FARIA, Ernesto. Dicionário Escolar Latino-Português. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, s.d.
[49] TORRES, 1973, p. 212
[50] BURNS, 1987, p. 65
[51] BARBOSA, 1992, p. 32
[52] CAVALCANTI, 1991, p. 7
[53] PADILHA, 1975, p. 59

Capítulo 5

[54] "Anúncios apontam os 'pecados' brasileiros", Folha de S.Paulo, 03/07/88, caderno A, pp. 21-25.
[55] LEERS, 1982, p. 63
[56] "Naufrágio do Jeitinho", Folha de S.Paulo, 04/01/89.
[57] LEERS, 1982, p. 62
[58] TORRES, 1973, p. 216

[59] Ética a Nicômaco, 1137 b 15 20 25 30.
[60] BURNS, 1987, p. 65
[61] LEERS, 1982, p. 14
[62] Ibid, p. 46
[63] DA MATTA, citado por Lívia Barbosa, 1992, prefácio

Capítulo 6

[64] LEERS, 1982, p. 27
[65] SPRADLEY, 1980, p. 101
[66] LEERS, 1982, p. 45
[67] BARBOSA, 1992, p. 26
[68] DA MATTA, 1984, p. 87
[69] Ibid, p. 97
[70] MOSER, 1984, p. 106
[71] Moser ilustra essa associação do jeito com a combinazione na nota de rodapé número 57, p. 107, de seu livro.
[72] LEERS, 1982, p. 51
[73] DA MATTA, 1984, pp. 87, 95
[74] GOMES, 1987, p. 44
[75] LEERS, 1982, p. 59

Parte 3

[76] LEERS, 1982, p. 50

Capítulo 7

[77] LEERS, 1982, p. 65
[78] BURNS, 1987, p. 66
[79] "Perigo e Obsessão pela Esperteza", Folha de S.Paulo, 04/05/86.
[80] TORRES, 1973, p. 213
[81] PADILHA, 1975, p. 116

Capítulo 8

[82] LEERS, 1982, p. 63

Capítulo 9

[83] "Os Brasileiros. Uma Tragicomédia", O Estado de São Paulo, 20/11/83, p. 130.
[84] PADILHA, 1975, p. 118
[85] DA MATTA, 1984, pp. 91, 92

Parte 4

Capítulo 10

[86] LEERS, 1982, p. 57
[87] DA MATTA, 1984, p. 90

[88] KELLEMEN, 1961, pp. 11, 12
[89] LEERS, 1982, p. 50
[90] Ibid, p. 59
[91] "Jeitinho Dribla Punição do Código de Trânsito", O Estado de São Paulo, 20/07/98, caderno Cidades, p. 1.

Capítulo 11

[92] LEERS, 1982, pp. 72, 73
[93] Sobre isso veja "O País que Nacionalizou Deus", Diário do Grande ABC, 22/08/87, caderno B, p. 6.
[94] Em entrevista à Folha de São Paulo, "Anúncios Apontam os 'Pecados' Brasileiros", 03/07/88, caderno A, p. 21.

Capítulo 12

[95] LEERS, 1982, pp. 51, 62
[96] GOMES, 1987, p. 45

Capítulo 13

[97] BATISTA, 1991, p. 129
[98] A maior parte dessas expressões foram levantadas por alunos, durante as aulas de Ética, na Faculdade Teológica Batista de São Paulo.
[99] "Anúncios Apontam os 'Pecados' Brasileiros", Folha de S.Paulo, 03/07/88, caderno A, p. 21.
[100] CAVALCANTI, 1991, p. 53. Um resumo deste livro saiu em oito edições dominicais do jornal O Estado de S. Paulo entre os dias 17/03/91 e 05/05/91. Essas edições foram enriquecidas com fotografias e charges.
[101] Ibid, p. 37
[102] Ibid, p. 27
[103] Ibid, p. 76
[104] Ibid, p. 84-85
[105] Ibid, p. 73
[106] Ibid, pp. 26, 46
[107] DA MATTA, 1984, pp. 94,95
[108] BATISTA, 1991, p. 43
[109] Há notícias de que em Brasília havia, em 1992, cerca de 5.000 empresas e escritórios em atividade lobista. Veja "DF tem 5 mil firmas lobistas", Folha de S.Paulo, 11/03/92, caderno 1, p. 6, e "À sombra dos amigos", Veja, 01/04/92, pp. 22-27.
[110] MOSER, 1984, p. 109

Parte 5

Capítulo 14

[111] PADILHA, 1975, p. 118
[112] "O Brasil Tem Duas Éticas", revista Época, 24/05/99, caderno Pesquisa, p. 29.
[113] "Governo Diminui a Burocracia Estatal". Gazeta Mercantil, 11 e 13/05/91, p. 8.
[114] "São Paulo Ainda Tem Lei sobre Cocheiros", O Estado de São Paulo, 01/06/98, caderno Cidades, p. 1.

[115] TORRES, 1973, p. 35
[116] "A Cultura da Razão Cínica", Jornal do Brasil, 21/05/88, pp. 6, 7.
[117] Ibid
[118] "Os Sete Pecados que o Paulistano mais Comete no Trânsito", Veja SP, 06/03/91, pp. 10-16.
[119] BARBOSA, 1991, p. 43
[120] "A Cultura da Razão Cínica", Jornal do Brasil, 21/05/88, p. 6, 7.
[121] Em 1992, por exemplo, eram utilizados nove índices diferentes: INPC(IBGE), IGP(FGV), IGPM(FVG), IPA(FGV), IPC(FGV), IPC(FIPE), ICV(DIEESE), TR(BACEN) e ISN(IBGE). O Estado de S. Paulo, 02/03/92, caderno de Economia, p. 1.
[122] "Plano Real 'Envelhece' Índices de Preços" & "IBGE Lança Novos Índices em 96", Folha de São Paulo, 09/06/96, pp. 2-1 e 2-12, respectivamente.
[123] "Tortura e Distribuição", Folha de S.Paulo, 31/07/91, pp. 1-2.
[124] BARBOSA, 1991, p. 99
[125] BATISTA, 1991, p. 108
[126] Veja Jornal da Tarde, 09/07/91, p. 6, e 02/12/91, p. 12.
[127] "Um Dia na Vida do Contribuinte", Jornal da Tarde, 02/12/91, p. 12.
[128] "Classe Média Gasta 10 Dias por Mês com Tributos", Folha de S.Paulo, 02/06/91, caderno 3, p. 8.
[129] "Brasil Campeão Mundial dos Impostos", Jornal da Tarde, caderno de Sábado, 08/05/99, pp. 1 e 2.
[130] O cálculo levou em conta um carro da faixa III, responsável pelo maior volume de vendas no mercado interno. "Imposto, Mais da Metade do Preço de um Carro", Jornal da Tarde, 07/12/91, p. 9.
[131] "Caixa 2 – A Rota do Dinheiro Clandestino", Revista Exame, 16/09/87, pp. 26-33.
[132] "A Cultura da Razão Cínica", 21/05/88", Jornal do Brasil, pp. 6,7.
[133] "Conheça as Armadilhas do IR na Declaração deste Ano", Folha de São Paulo, caderno 2, p. 14.

Capítulo15

[134] "Morte no Asfalto", Veja, 22/05/91, pp. 34,35.
[135] "Médico Atesta Óbito da Saúde no Brasil", Folha de S.Paulo, 27/10/91, caderno 4, p. 2.
[136] "Paciente Espera até 2 Meses por Marcapasso", Folha de S.Paulo, 03/01/92, caderno 1, p. 7. Este artigo demonstra que o paciente precisa esperar em média dois meses por um marcapasso, pois o INAMPS se recusa a pagar o seu valor real. Na época o marcapasso custava entre Cr$ 3 milhões e Cr$ 6 milhões, enquanto que o INAMPS pagava no máximo Cr$ 1,9 milhão.
[137] "O Caos nos Hospitais", Folha de S.Paulo, 04/01/92, caderno 3, p. 4.
[138] "Quantas Pernas Tem um Político Profissional?", O Estado de S. Paulo, 21/06/86, p. 2.
[139] BARBOSA, 1991, p. 44
[140] "SP Tem 105 Mandados de Prisão sem Cumprir", Folha de S.Paulo, 05/05/91, caderno 4, p. 7.
[141] "Números de Pontos de Inundação Aumenta em 67%", O Estado de São Paulo, 08/03/99,caderno Cidades, p. 3.
[142] "Jeitinho Ainda Marca o Dia-a-dia do Brasileiro", Folha de S.Paulo, 24/05/87, caderno A, p. 16.
[143] "Jeitinho Ainda Marca o Dia-a-dia do Brasileiro", Folha de S.Paulo, 24/05/87, caderno A, p. 16.
[144] CAVALCANTI, 1991, p. 118

[145] Ibid, p. 10
[146] KOTSCHO, 1986, p. 91
[147] "Corrupção com Hora Marcada", Folha de S.Paulo, 22/09/91, pp. 1-3.
[148] NERY, Sebastião. Folclore Político. Rio de Janeiro: Record.
[149] Veja São Paulo, 03/02/99
[150] Veja São Paulo, 03/03/99
[151] Revista Imprensa, ano IV, nº 48, pp. 28-36.
[152] CAVALCANTI, 1991, p. 117
[153] BARBOSA, 1991, pp. 43, 44
[154] Ibid, p. 45
[155] "Cem Anos de Contravenção. A Polícia Protege", Jornal da Tarde, 13/10/90, p.11.
[156] "A Estética Bicheira", Veja, 04/03/92, p.50.
[157] "Cartel do Rio Fatura US$ 5 Milhões Mensais", Folha de S.Paulo, 26/01/92, caderno 4, p. 5. Este artigo mostra até como é estruturada a organização do tráfico de drogas.
[158] "Traficantes Demonstram Força em Enterro", O Estado de S. Paulo, 13/01/91, p. 14.
[159] BARBOSA, 1991, p. 223
[160] "Presidente do Tribunal de Justiça de S.Paulo Condena a Lei de Imprensa", Folha de S.Paulo, 23/12/91, caderno 1, p. 4.
[161] "TCU é Incapaz de Combater a Corrupção", Folha de São Paulo, 09/11/97, caderno principal, pp. 12 e 13.
[162] "Poderosos Desafiam as Leis e a Polícia", O Estado de S. Paulo, 20/08/89, p. 34.
[163] CAVALCANTI, 1991, p. 10
[164] Ibid, p. 112
[165] PANDU, s.d., p. 107
[166] DA MATTA, 1980, pp. 139ss, e 1984, pp. 93ss
[167] CAVALCANTI, 1991, pp. 78, 79
[168] "A Sombra Pesada da Impunidade", Folha de São Paulo, 22/08/99, caderno principal, p. 3.

Capítulo 16

[169] O original em espanhol tem o título El Otro Sendero – La Revolución Informal; em inglês, The Other Path. New York: Harper & Row, 1989; e em português: Economia Subterrânea. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
[170] "Informais detêm a metade do PIB", Folha de S.Paulo, 04/06/89, caderno d', p. 23.
[171] "Crise Amplia Economia Informal", Jornal da Tarde, 02/03/92, p. 5.
[172] "Fechar Empresa Requer o Mínimo de 49 Documentos", Folha de São Paulo, 19/12/95, caderno 9, p. 2; veja também "Abrir Empresa é 'Maratona' em Todo País", Folha de São Paulo, 31/10/93, caderno 3, p. 3; "Tributos Afetam Poder de Compra", Jornal da Tarde, 10/08/94, p. 11; "Brasileiro não Sabe Quanto Paga de Impostos Indiretos", Folha de São Paulo, 17/09/95, caderno 2, p. 4.
[173] "A Burocracia e o Custo Brasil ", Folha de São Paulo, 04/08/96, caderno 1, p. 2.
[174] "Crise Ameaça até o Trabalho Informal", Folha de S.Paulo, 21/03/99, 2º caderno, pp. 1 e 8.
[175] "Informais Escapam da Dívida, diz Pesquisa", Folha de São Paulo, 13/04/99, caderno Dinheiro, p. 11.
[176] "Informais Detêm a Metade do PIB", Folha de S.Paulo, 04/06/89, caderno d', p. 23.
[177] "Stephanes Defende Privatizar Aposentadoria", Folha de S.Paulo, 19/01/92, caderno 1, p. 7
[178] Folha de S.Paulo, Painel do Leitor, 31/07/91, caderno 1, p. 3.
[179] "Vende-se Tudo na Sede dos Ministérios" & "Uma Feira Livre Informal Funciona sem Alvará na Esplanada dos Ministérios", Folha de S.Paulo, 04/06/89, caderno B, p. 1, e caderno B, p. 3.

[180] "Camelôs da Crise", Istoé Senhor, 21/09/91, p. 32.
[181] "Elogio da Economia Informal", O Estado de S. Paulo, 20/06/92, p. 3.
[182] "Negócios Informais – a Saída Nacional", Folha de S.Paulo, 20/01/89.

Capítulo 17

[183] LEERS, 1982, p. 79.
[184] DA MATTA, 1984, p. 89.
[185] Leers, 1982, pp. 70 e 71.
[186] Ibid, p. 88.

Parte 6

Capítulo 18

[187] Stace apud Hesselgrave, 1978, p. 416
[188] LEERS, 1982, p. 22
[189] HESSELGRAVE, 1978, p. 291
[190] VIDAL, 1978, pp. 341-343
[191] KOTSCHO, 1986, p. 49
[192] MOSER, 1984, p. 126
[193] PROSCURSHIM, 1990, pp. 98, 99
[194] HODGES, 1975, pp. 9ss
[195] Snyder, in: GRAHAM, 1982, p. 89
[196] LEERS, 1982, p. 36
[197] BURNS, 1987, p. 68
[198] SIDER, Ronald. Cristãos Ricos em Tempos de Fome. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
[199] GOMES, 1985, p. 65
[200] PROSCURSHIM, 1990, p. 107
[201] GOMES, 1985, pp. 56, 58, 59
[202] GRELLERT, 1987, p. 61
[203] GOMES, 1985, p. 64
[204] STOTT, 1977, p. 40

Capítulo 19

[205] Veja Sartre, 1973, p. 23, e Forell, 1973, p. 23.
[206] HAERING, 1979, p. 328
[207] PARKER, 1991, pp. 248, 249
[208] Sobre isso veja Forell (1973) e o meu artigo "Novos Horizontes da Ética Cristã" in: Chamado para servir. São Paulo: Vida Nova, 1994, pp. 203-221.
[209] MOSER, 1984, pp. 24, 25
[210] HAERING, 1979, p. 338
[211] No grego: mias gynaikos aner.
[212] In: The Expositor Greek Testament, 1976, v. 4, pp. 111, 112.
[213] No grego: katastreniasosin, de katastreniao.
[214] In: Theological Dictionary of the New Testament, 1978, v. III, p. 631.
[215] In: Ecclesiology, silabbus de Course Notes – ST 711, p. 18.
[216] In: Word Pictures in the New Testament, (1931), v. IV, p. 573 e 575.
[217] In: Chave lingüística do Novo Testamento grego, 1985, p. 461.
[218] Sobre isso ver Lock: A Critical and Exegetical Commentary on the Pastoral Epistles, 1978, p. 36; e The Broadman Bible Commentary, 1971, p. 317.

[219] In: "Qualifications for Pastors and Deacons", s.d., s.l. Palestra não publicada.
[220] In: Baker's Dictionary of Christian Ethics, 1978, p. 515.
[221] In: palestra idem nota 219.
[222] ROBERTSON, 1931, v. III, p. 237
[223] NICOLL, 1976, v. II, p. 324
[224] No grego: porneia, fornicação, prostituição.
[225] Veja o verbete "Prostitution" in: The Illustrated Bible Dictionary.
[226] Veja outros detalhes sobre a escravidão na Bíblia no verbete "slave" do The Illustrated Bible Dictionary.
[227] In: The Illustrated Bible Dictionary, p. 1466.
[228] Ibid.
[229] LEERS, 1982, p. 114
[230] HAERING, 1977, p. 92
[231] Para aprofundamento na abordagem situacionista veja Geisler (1983, cap. 4) e Fletcher (s.d., caps. 3-8).
[232] LEERS, 1982, p. 117
[233] HAERING, 1979, p. 334
[234] Em administração, "meta" é uma etapa mensurável ou quantificável que é realizada para alcançar um desafio ou objetivo. Veja Oliveira (1991, p. 261).
[235] CAVALCANTI, Robinson. Libertação e Sexualidade. São Paulo: Temática, 1990.
[236] Veja uma ampliação desta análise in: Rega (1991, pp. 32-35).
[237] Christ and Culture. Nova York: Harper & Row, 1956.
[238] NICHOLLS, 1983, p. 13
[239] STOTT & COOTE, 1980, pp. 8-13
[240] Ibid, p. 337
[241] HAERING, 1979, p. 338
[242] STOTT & COOTE, 1980, p. 337

Parte 7

Capítulo 20

[243] Veja os seguintes artigos: "Convite à Moralidade", O Estado de São Paulo, 16/12/91, p. 2; "Desembargador Propõe Pacto Moral", Folha de S.Paulo, 19/11/91, caderno 4, p. 4; "Apelo à Indignação", O Estado de São Paulo, 09/11/91, p. 2; "Presidente de Tribunal de São Paulo Condena a Lei de Imprensa", Folha de S.Paulo, 23/12/91, caderno 1, p. 4.
[244] GOMES, 1987, p. 58
[245] PROSCURSHIM, 1990, pp. 122-124
[246] COLEMAN, 1999, p. 19
[247] BRUNNER, 1947, p. 457

Capítulo 21

[248] SCHUURMAN, 1974, p. 165
[249] GARDNER, 1960, pp. 311ss
[250] YODER, 1980, p. 195
[251] Veja o capítulo 11 em Gardner (1960, pp. 313ss), para maiores esclarecimentos sobre os assuntos abordados.
[252] SCHWEITZER, 1973, p. 155
[253] Outro exemplo, a Constituição brasileira prevê no artigo 5º, inciso VII, que uma

pessoa pode se eximir de obrigação legal por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política.
[254] "O Caminho das Leis", Veja, 01/05/91, p. 7.
[255] In: Rachels, 1971, p. 132
[256] "BC Intervém e Segura Preço do Dólar", Folha de S.Paulo, 20/05/92, caderno 2, p. 1.
[257] HAERING, 1979, p. 377
[258] Ibid, p. 342
[259] In Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, 1988, pp. 419 e 420.
[260] Em carta datada de 25/02/92 enviada ao autor deste livro.
[261] Id. Ibid.

Capítulo 22

[262] VIDAL, 1978, p. 20

Parte 8

[263] STOTT & COOTE, 1980, p. vii
[264] VIDAL, 1978, v. I, p. 21
[265] A expressão "megamáquina" é de Lewis Mumford (The Myth of the Machine) e é citada por Erich Fromm (Revolução da Esperança – por uma Tecnologia Humanizada, 1981, p. 46)
[266] STOTT & COOTE, 1980, p. 3

Capítulo 23

[267] LEERS, 1982, p. 107

Capítulo 24

[268] LEERS, 1982, p. 83
[269] ALVES, 1988, pp. 33, 34
[270] Editora Globo, nº 9, dezembro de 1991, pp. 65-72
[271] MOSER, 1984, pp. 78, 79
[272] DA MATTA, 1984, pp. 113, 114
[273] PADILHA, 1975, p. 164
[274] DA MATTA, 1980, p. 15
[275] Apud Pandu, s.d., p. 420

Apêndice

[276] Veja uma discussão mais completa sobre as alternativas éticas em meu artigo "Novos Horizontes da Ética Cristã" in: Chamado para Servir. São Paulo: Vida Nova, 1994, pp. 203-221, em que chamamos esta alternativa de principeísmo.
[277] LACUEVA, 1975, p. 21
[278] MATTSON, 1949, p. 19
[279] KEYSER, 1934, p. 53
[280] Ibid, p. 55
[281] ADAM, 1925, pp. 1-26
[282] LACUEVA, 1975, pp. 38, 39
[283] LECLERCQ, 1956, p. 64

[284] BRUGGER, 1969, p. 226
[285] GARDNER, 1960, p. 16
[286] THOMAS, 1955, p. 379
[287] BARNETTE, 1961, p. 5
[288] Veja Barnette (1961, pp. 5, 6) para um maior desenvolvimento destas idéias.
[289] GEISTER, 1983, pp. 13-27
[290] LEHMANN, 1963, pp. 45 e 46
[291] GARDNER, 1960, p. 13
[292] BRUNNER, 1947, p. 51 (grifos do autor)
[293] THOMAS, 1955, p. 391
[294] Ibid, pp. 392, 393
[295] Ibid, p. 393
[296] REALE, 1996, p. 6
[297] Veja mais sobre isso em minhas anotações das aulas de Técnicas de Exegese e no livro The Psychology of Biblical Interpretation, de Cedric B. Johnson. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1983.
[298] "Aborto Justificado", Folha de S.Paulo, 27/09/81, p. 50.
[299] GARDNER, 1960, p. 35
[300] Sobre isso, consultar: Thomas (1955, cap. 17).
[301] Este assunto foi tratado com mais profundidade no capítulo 21, "O Cristão e as Autoridades" (desobediência civil).

agradecimentos

A gratidão é um dos nutrientes da vida comunitária.

L. S. Rega

Mesmo com o risco de esquecer alguém, não posso deixar de registrar os agradecimentos a diversas pessoas que contribuíram para que este trabalho se tornasse realidade.

Em primeiro lugar ao Dr. Thurmon Earl Bryant, pela iniciação no campo da ética cristã e pelo dispêndio de tempo precioso no acompanhamento em todo o curso do mestrado, mesmo estando fora do Brasil.

Aos professores Dr. Richard Sherrill Hipps; Dra. Barbara Helen Burns; Dr. Allan Pieratt; Silas Costa e Eduardo Steibel pela leitura, avaliação e pelas preciosas sugestões durante o exame da banca.

Ao Dr. Irland Pereira de Azevedo, pela horas incontáveis de conversa sobre o assunto e pelo incentivo.

Ao Prof. Richard Julius Sturz, que mesmo longe do Brasil sempre me escrevia com preciosas sugestões.

À Faculdade Teológica Batista de São Paulo pelo ambiente de pesquisa.

Aos meus alunos de Ética lá na Faculdade Teológica, que sempre me ajudaram com informações de campo sobre o jeitinho.

À Classe de Debates da Igreja Evangélica Batista da Liberdade, São Paulo, na qual pude desenvolver diversas partes deste trabalho.

Aos pastores Gilson D'Atílio Barboza Machado e Plínio Moreira da Silva no levantamento de algumas informações.

Ao amigo Paulo de Tarso, sócio proprietário da Communiplex (www.communiplex.com), pelo suporte técnico free na hospedagem do site e correio eletrônico ética-jeitinho.

A Silvia Justino, que fez com muito carinho a revisão final do livro.

A todos aqueles que anonimamente concederam seus depoimentos e colaborações.

À minha querida esposa Givanilda, que, por diversas ocasiões, teve de assumir a administração doméstica para que eu pudesse ter tempo livre para as pesquisas.

Aos três pupilos que Deus nos concedeu – Rogério, Raphael e Renato – que sempre perguntavam "papai, você já terminou a sua dissertação?", pois ansiavam pelo retorno da companhia constante.

E, acima de todos, ao nosso Deus que sempre fortaleceu a mim e a minha família no desenvolvimento desta pesquisa. Que o Senhor abençoe a todos os que puderam colaborar, mesmo anonimamente. Amém!

posfácio

Pediu-me o autor e mestre em Teologia, Prof. Lourenço Stelio Rega, que escrevesse o posfácio ao seu livro "Dando um Jeito no Jeitinho", texto que já conhecia como sua dissertação de Mestrado na Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Talvez a lembrança de meu nome se deva à amizade de muitos anos, e ao fato de lidar com a reflexão filosófica e teológica, desde o início de minha vida acadêmica.

Talvez causou no leitor algum choque o tratamento de algumas questões práticas com que lida o autor, e lidamos nós. A alguns pode parecer que ele perfilha uma postura situacionista, do estilo de Joseph Fletcher,[a] ou de aberto "relativismo dos valores morais" ao tratar e dirigir os casos de opções ou alternativas éticas, presentes em seu trabalho.

A leitura deste livro leva à reflexão sobre as teses implícitas, dentro de uma moldura ética de Axiologia Cristã.

Acaso não deparamos diariamente com decisões éticas de grande dificuldade em que se confrontam igualmente ubicados em nossa escala axiológica, sendo inevitável a eleição de um caminho, de uma saída?

[a] Veja bibliografia.

A obra do Prof. Lourenço (dissertação, agora editada em livro de fácil acesso ao leitor não especializado) procura corajosa e criativamente propor soluções ao problema do conflito axiológico, e à adoção de meios, nem sempre convencionais, para afirmação dos valores hierarquicamente superiores. A moldura ou os referenciais filosófico-cristãos dentro dos quais peleja o autor não são nem o generalismo[b], nem os de um relativismo biblicamente inaceitável. São os do hierarquismo ético ou dos valores, segundo os quais quando dois valores conflitam prevalece o hierarquicamente superior.[c]

Por outro lado, não se queira "ler" na obra do Prof. Lourenço um compromisso com uma Nova Moral, em que o autor se instale em soluções cômodas e descomprometidas com os princípios da Moral Cristã. Sabemos muito bem que a chamada "nova moral" é sem Deus, sem padrão de justiça, sem poder, sem espírito e sem horizontes.[d]

À medida que procura resolver o conflito de valores éticos na vivência e vigência do "jeitinho brasileiro", não dogmatiza sobre a alternativa escolhida, mas propõe, e nisso faz interessante contribuição à reflexão ética, o que denomina "Ética Temporal Ascendente". Por ela quer significar a tensão entre o ideal ético normativo e o possível razoável, em que o sujeito que decide não se instala no provisório, e aí se acomoda como ponto final de sua caminhada no universo moral, mas busca subir ao padrão mais elevado de conduta cristã. É só atentar para os exemplos apresentados pelo autor.

Creio que o "jeito" proposto pelo autor ao "jeitinho brasileiro" constitui esforço louvável de um pensador cujo talento e aptidão para a reflexão filosófico-teológica não precisam ser provados. Estão patentes neste trabalho.

---

[b] Veja GEISLER na bibliografia.

[c] HESSEN, J. Filosofia de Valores (Wertphilosophie, tradução do prof. L. Cabral de Moncada). Coimbra: Amado Editor, 1953. Veja também GEISLER, especialmente pp. 98-117.

[d] BOCKMÜHL, K. Sinn und Unsinn der 'Neuen Moral', Kritik und Selbskritik. Brunnen Verlag GmbH – Giessen und Basel, 1974 (2. Auflage).

Queira o Senhor Deus abençoar o Prof. Lourenço neste esforço e o habilite a novos vôos e aterrissagens no cosmos valorativo da Ética em Geral e da Ética Cristã, em particular.

Dr. Irland Pereira de Azevedo

sobre o autor

O professor Lourenço Stelio Rega nasceu na cidade de Suzano, SP. É Técnico em Contabilidade (1970), Bacharel em Teologia(1977), Mestre em Teologia (especialização em Ética – 1992), pós-graduado em Análise de Sistemas (1992). Tem curso de Extensão Pedagógica do Ensino Superior (PUC-SP, 1987). Licenciado em Filosofia (FAI-SP, 1986). É mestrando em Educação – núcleo de História da Educação (PUC-SP).

Atua desde 1976 no campo da educação teológica, tendo sido Deão Acadêmico, Coordenador do Programa de Mestrado, Professor Titular da Divisão de Teologia e da Área de Ética da Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP), onde lecionou e leciona diversas matérias, entre as quais: Ética, Bioética, Perspectiva Cristã da Sexualidade, Ética da Família, Ética do Novo Testamento, Estudo da Realidade Brasileira, Grego do Novo Testamento, Técnicas de Exegese do Novo Testamento, Teologia Sistemática, Novo Testamento, Hermenêutica.

É autor dos livros Noções do Grego Bíblico, Libertação e Sexualidade – Uma Análise, Manual de Normas Técnicas para Apresentação de Trabalhos Escritos da FTBSP, e de diversos artigos teológicos e no campo da Ética em periódicos especializados.

Implantou e coordenou o setor de Informática do Colégio Batista Brasileiro, São Paulo. Foi Ministro de Educação Religiosa da Igreja Batista em Perdizes (São Paulo) e da Igreja Batista da Praia do Canto (Vitória, ES), editor responsável do jornal ATOS da Praia do Canto, na Ilha de Vitória, ES.

Atualmente é o Diretor Geral da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e Presidente da Associação Brasileira de Instituições Batistas de Ensino Teológico – ABIBET.

PARABÉNS!

Você acaba de ler mais um livro publicado por uma editora que faz diferença no mercado editorial.

Caso tenha algum comentário ou sugestão, escreva, citando o livro que leu, para:

EDITORA MUNDO CRISTÃO
Caixa Postal 21.257, CEP: 04698-970
São Paulo - SP

Caso queira conhecer outros livros da Editora Mundo Cristão, visite nosso site na internet através do seguinte endereço:

www.mundocristao.com.br

ou peça nosso catálogo pelo telefone:
0800-115074